Fundado em 1864, o seu Arquivo é Tesouro Nacional

Diário de Notícias

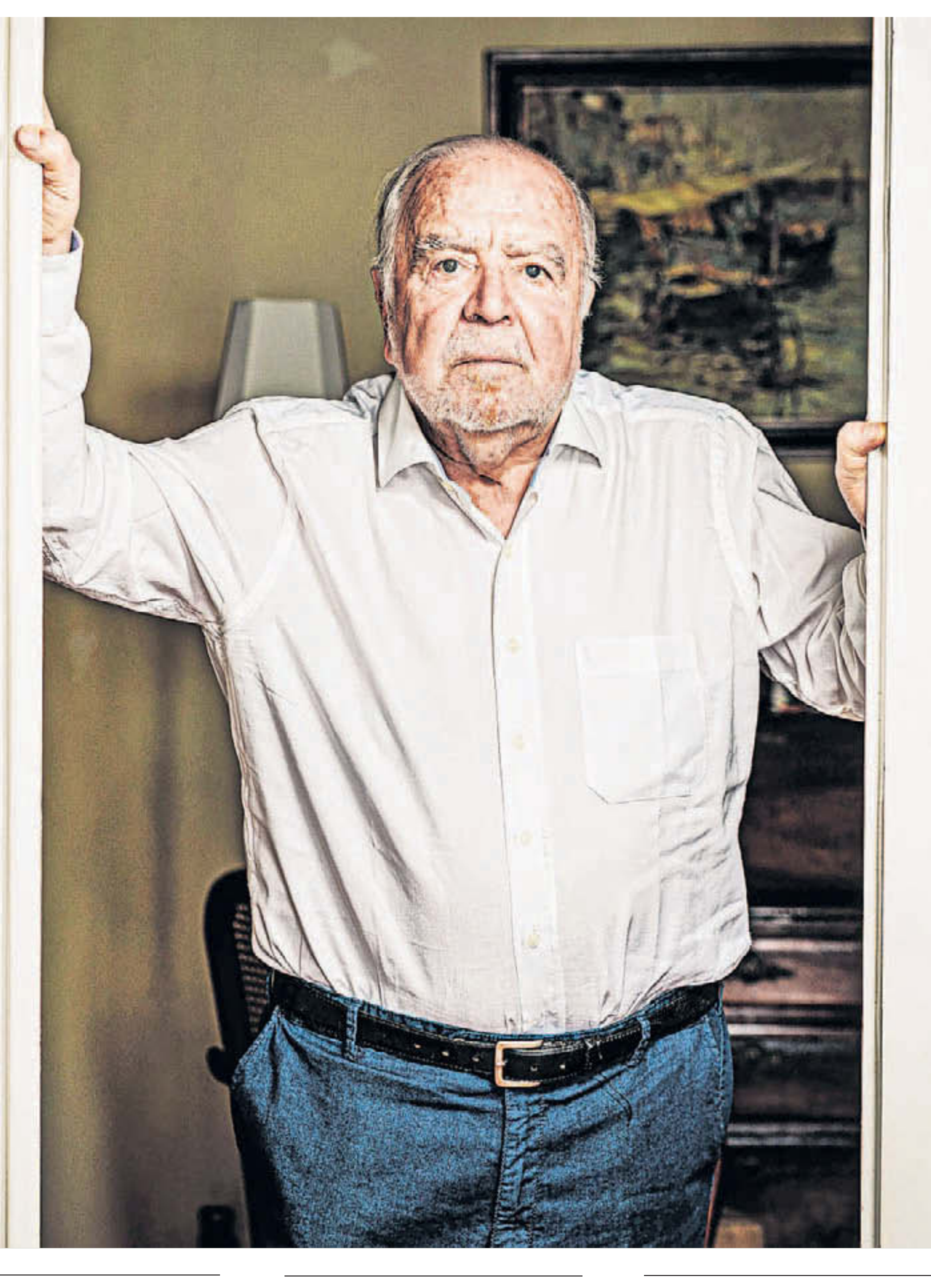
www.dn.pt / Domingo 9.6.2024 / Diário / Ano 160.º / N.º 56 661 / € 2,00 / Direção interina **Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos)**

MANUEL ALEGRE

"AS REPARAÇÕES HISTÓRICAS SÃO UMA COISA ABSURDA, NÃO TÊM SENTIDO, PORQUE A HISTÓRIA NÃO SE REBOBINA, NÃO ANDA PARA TRÁS"

O poeta fala nesta entrevista da ideia de pátria, da História de Portugal, dos Descobrimentos, da importância da língua e dos afetos para a relação dos portugueses com o resto do mundo. E não poupa elogios a outro poeta, Luís Vaz de Camões, que "foi ao encontro de outros povos e de outras culturas" e que inspira o Dia de Portugal, que amanhã se comemora.

PÁGS. 4-7



REINALDO RODRIGUES / GLOBAL IMAGENS



P&R ELEIÇÕES

O essencial da corrida às urnas ao Parlamento Europeu. Até há mais uma modalidade de voto

VOTAÇÃO

As segundas maiores eleições do mundo são as Europeias

PÁGS. 8-11

PROVA DE VIDA

Francisco Fanhais: por isso eu canto

PÁGS. 26-28



PORTUGAL 1 CROÁCIA 2

Seleção falha no penúltimo teste antes do Euro e há muito para retificar

PÁG. 21





FERNANDO ARAMBURU

ESCRITOR ESPANHOL

"Nasci numa ditadura, por isso agarro-me à democracia como um náufrago a um objeto flutuante"

PÁGS. 18-19



ALICE ROHRWACHER

REALIZADORA ITALIANA

"Foram os estrangeiros que começaram um processo de mudar o olhar sobre as coisas, em tudo na vida"

PÁGS. 24-25

HOJE GRÁTIS





Até ver...

Leonídio Paulo Ferreira
Diretor adjunto do Diário de Notícias

A Moldova e o Ocidente

A bandeira azul com as 12 estrelas é omnipresente em Chisinau, com os edifícios públicos a ostentarem-na junto com a bandeira da Moldova. Mas se o destino ocidental do pequeno país da Europa Oriental, encravado entre a Roménia e a Ucrânia, é manifesto pelo menos desde a eleição da presidente Maia Sandu em 2020, e confirmado pelo estatuto de candidato à adesão que a União Europeia lhe reconheceu em 2022, mais do que para as bandeiras da UE devemos olhar para testemunhos como o Museu Nacional de História: um imponente edifício, antigo liceu, que ostenta no topo da fachada principal o seu nome em romeno "Muzeul National de Istorie" e tem no pequeno jardim junto da entrada uma estátua da loba a amamentar Rómulo e Remo, uma alusão ao mito fundador de Roma. Sim, estamos numa antiga república soviética, que chegou antes a ser parte do Império Russo, mas tal como na vizinha Roménia, a Moldova reivindica como fundadores da identidade os antigos dácios e os romanos que os derrotaram no tempo do imperador Trajano, há quase dois mil anos.

A língua oficial do país é o romeno e no Museu Nacional de História está exposta a documentação que mostra a República da Moldova proclamada em 1917 a juntar-se à Roménia no ano seguinte, já finalizada a Primeira Guerra Mundial. Até existe uma pintura da cerimónia de coroação de Fernando I em Alba Julia como rei de todos os romenos, juntando Valáquia, Moldávia e Transilvânia e mais algumas terras. Um segundo período de dominação por Moscovo durou de 1944 a 1991, quando a República da Moldova aproveitou o fim da União Soviética para proclamar novamente a independência, um processo também explicado no Museu. Antes, houve guerra na Transnístria, uma faixa de território entre o rio Dniester e a Ucrânia que escapa até hoje ao controlo político de Chisinau e funciona quase como um satélite da Rússia, sendo povoada por muitos eslavos.

Olhando para o precedente de Chipre, um dos dez países do alargamento de 2004, a ausência de controlo político sobre parte do território pode não ser entrave à adesão de um país, até porque a Ucrânia, outro dos novos candidatos à UE, está com vastas parcelas ocupadas pela Rússia, que formalmente até as anexou. Mais complicado é contrariar as tentativas de influência russa mesmo nos círculos de poder de Chisinau, pois ahá dias um general perdeu os galões e as medalhas por ter fornecido informações militares aos russos. E também recentemente, numa conferência na Gulbenkian, Nicu Popescu, ex-ministro dos Negócios Estrangeiros da Moldova, comentava com João Gomes Cravinho e Teresa Patrício Gouveia, dois antigos chefes da diplomacia, que há dinheiro russo a entrar no país para contrariar o espírito europeísta. Há partidos suspeitos de preferir que a Moldova regresse à esfera de influência russa.

"Estamos numa antiga república soviética, mas tal como na vizinha Roménia, a Moldova reivindica como fundadores da identidade os antigos dácios e os romanos que os derrotaram."

Não é por acaso que os moldovos veem como urgente o alargamento da UE. A invasão russa da Ucrânia trouxe-lhes um sentido de urgência em relação à adesão, e também o impacto do conflito, incluindo refugiados. Por outro lado, a estreita ligação com a Roménia deu-lhes uma noção única das vantagens de participar na integração europeia. Nesta minha visita ao país, para participar numa conferência Aviation-Event sobre as potencialidades do aeroporto de Chisinau, foram frequentes as comparações com a Roménia, e entre os convidados estava o presidente da Associação de Aeroportos Romenos, para troca de experiências. O facto de o romeno ser já uma das línguas da UE é uma vantagem no que diz respeito à adaptação da legislação moldava aos exigentes critérios dos 27. Popescu, numa entrevista que me deu em Lisboa quando ainda era ministro, realçava, aliás, os progressos moldovos em matérias tão importantes como a luta contra a corrupção.

Portugal é um dos países europeus que concorda com essa urgência da adesão da Moldova, e já este mês subscreveu, com mais 11 Estados-membros, um apelo à presidência belga que antes do final do semestre, ou seja até ao fim do mês, convoque uma conferência intergovernamental sobre as candidaturas moldova e ucraniana. Entre os países signatários estão a Alemanha, a Polónia e, claro, a Roménia. Uma parte da significativa diáspora moldova vive em Portugal, alguns milhares de pessoas, e é uma comunidade bem integrada. A presidente Sandu esteve em Portugal em outubro do ano passado, e Marcelo Rebelo de Sousa retribuiu a visita passadas poucas semanas, sendo que hoje a fotografia do chefe do Estado português surge na Adega Cricova entre as celebridades que visitaram os túneis de uma antiga mina nos arredores de Chisinau agora utilizada para envelhecimento dos vinhos. Também lá vi imagens de Durão Barroso e Luís Figo. E de Yuri Gagarine.

Os Estados Unidos estão igualmente atentos à atitude pró-ocidental da liderança moldova e o secretário de Estado Antony Blinken visitou Chisinau em finais de maio, com um generoso pacote de ajuda de 135 milhões de dólares, um incentivo para que a sociedade moldova resista à influência russa, difícil de avaliar num país que tem na capital um Arco do Triunfo a celebrar uma vitória russa sobre os turcos e nas livrarias muitos livros em cirílico coexistem com os, maioritários, em alfabeto latino.

Num Mcdonald perto do Arco do Triunfo e da Catedral Metropolitana (a Moldova é cristã-ortodoxa) um grupo de jovens contou-me que a UE é tanto a promessa de prosperidade como a garantia que não ficam parte da Rússia. Torcem pela vitória dos ucranianos, que, dizem, vai ser deles também. Estávamos na avenida Stefan Cel Mare, ou de Estêvão III o Grande da Moldávia, que governou há 500 anos, distinguindo-se pela resistência ao avanço dos turcos.

OS NÚMEROS DO DIA

13,4

MILHÕES DE ALUNOS
O número de estudantes chineses que, entre sexta-feira e sábado, realizaram o *gaokao*, o exame nacional de admissão à faculdade que, de acordo com os *media* da China, é o maior e o mais difícil do mundo.

100

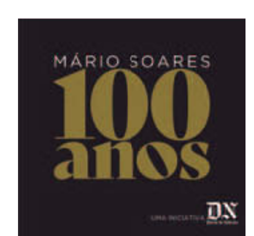
ANOS
A idade com que o veterano da II Guerra Mundial Harold Terens se casou ontem com Jeanne Swerlin, de 96, nas praias do *Dia D*, na Normandia, França. Um dia que Harold Terens classificou como "o melhor" da sua longa vida.

7

HORAS
O tempo que uma passageira ficou ontem inconsciente no voo Maputo-Lisboa das Linhas Aéreas de Moçambique (LAM), que também transportava a seleção moçambicana de futebol.

7,1

MILHÕES DE EUROS
O lucro previsto pela Federação Portuguesa de Futebol para a época 2024/25, após a aprovação do orçamento da entidade num montante total de 120,4 milhões de euros, o maior da história da FPF.





9.6.2024

Direção interina: Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Diretor de arte** Rui Leitão **Diretor adjunto de arte** Vítor Higgs **Editores executivos** Carlos Ferro, Helena Tecedeiro, Pedro Sequeira **Editor executivo adjunto** Artur Cassiano **Grandes repórteres** Ana Mafalda Inácio, Fernanda Câncio e Leonardo Ralha **Editores** Sofia Fonseca, Carlos Nogueira, Ricardo Simões Ferreira, Rui Frias, Filipe Gil e Nuno Fernandes **Redatores** Amanda Lima, Ana Meireles, César Avó, David Pereira, Isabel Laranjo, Isaura Almeida, Mariana de Melo Gonçalves, Rui Miguel Godinho, Susete Henriques, Susana Salvador e Vítor Moita Cordeiro **Revisão** Adelaide Cabral **Arte** Eva Almeida (coordenadora), Fernando Almeida, João Coelho **Digitalização** Nuno Espada **Dinheiro Vivo** Bruno Contreiras Mateus (Diretor) **Evasões** Pedro Lucas (coordenação) **Notícias Magazine** Inês Cardoso (Diretora) **Conselho de Redação** Ana Meireles, César Avó, Fernanda Câncio e Sofia Fonseca **Secretaria de redação** Carla Lopes (coordenadora) e Susana Rocha Alves **E-mail geral da redação** dnot@dn.pt **E-mail geral da publicidade** dnpub@dn.pt **Contactos** RuaTomás da Fonseca, Torre E, 5.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 515; Rua de Gonçalo Cristóvão, 195, 5.º – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100; Rua João Machado, 19, 2.ºA – 3000-226 Coimbra. Tel.: Redação: 961 663 378; Publicidade: 969 105 615. Estatuto editorial disponível em www.dn.pt. Tiragem média de Fevereiro 2024: 6 084 exps.

Manuel Alegre

“As reparações históricas são uma coisa absurda, não têm sentido, porque a História não se rebobina, não anda para trás”

PÁTRIA Opositor da ditadura, histórico do PS, grande nome da poesia portuguesa, Manuel Alegre fala nesta entrevista da ideia de pátria, da História de Portugal, da importância da língua e dos afetos para a relação dos portugueses com o mundo. E não poupa elogios a outro poeta, Luís Vaz de Camões, que nasceu faz 500 anos, e que amanhã inspira o *Dia de Portugal*.





ENTREVISTA **LEONÍDIO PAULO FERREIRA** FOTOS **REINALDO RODRIGUES / GLOBAL IMAGENS**

No seu *Memórias Minhas*, agora publicado a coincidir com os 50 anos do 25 de Abril, conta o seu regresso a Portugal, depois do exílio...

É, 2 de maio.

E a seguir vai a Águeda, a sua cidade, onde é levado em ombros até à casa dos seus pais. Como se recorda desse dia? Não foi só o voltar do exílio, foi o voltar com essa felicidade toda da liberdade reconquistada no país e ser levado em ombros à casa dos pais. Que memória guarda?

Tenho memória desse dia, é um dia inesquecível. Primeiro é o voltar do exílio, é voltar à pátria, poder abraçar a família, os amigos, sentir que se está na sua própria terra, que se está no sítio, no chão. Depois a ida a Águeda, que não foi no mesmo dia, foi dois ou três dias depois. Uma coisa apoteótica, que me deixou esfrangalhado por dentro, porque estava uma multidão, estava a gente toda na rua, as colchas nas janelas. Levaram-me aos ombros. Depois, havia um encontro com uma pessoa muito conhecida em Águeda – e foi das coisas que mais me comoveu na vida: o Manuel Barbosa, um homem que tinha um chapéu que nunca tirava, a malta dizia que ele não tirava o chapéu, nem para dormir. Ele chega-se ao pé de mim e faz este gesto, tira o chapéu, leva o chapéu aqui abaixo e diz: “Ó meu menino.” Então foi aí que eu comecei a chorar, comoveu-me esse gesto, porque é um gesto, como dizer, de reconhecimento, pá. Mas nunca se volta completamente do exílio, sabe? O Garrett diz isso muito bem, quando fala dos liberais, do exílio dos liberais em Londres. Há uma parte de nós que fica e depois já não é como era. E há uma parte de nós, também, que nunca volta. Há um encontro e há um desencontro no regresso do exílio. O tempo passou. Mesmo os nossos mais próximos foram vivendo a vida deles e nós éramos uma saudade que estava longe, mas é diferente do que estar a viver o dia a dia. Há muitas coisas que não se partilharam com a proximidade normal, não é?

Falou de regresso emotivo à pátria. Quando estava no exílio, como é que fazia a distinção entre uma pátria que amava, que ama, e um regime que detestava, a ditadura de Salazar e, depois, de Marcelo Caetano? Como é que se consegue fazer essa diferença entre o que é o país e o que é o regime?

Para mim era muito simples. Eles, para mim, não representavam a pátria. Eram usurpadores. Não saíram de eleições livres. Saíram de um golpe de Estado, saíram de um ato de força, mantinham-se no poder pela força. Não faziam eleições, não consultavam o povo. Portanto, para mim, eles eram usurpadores. Usurpadores da pátria. A pátria, para mim, era outra coisa. Não eles.

O seu filho mais velho, Francisco, nasce em Argel muito perto do 25 de Abril. À medida que os seus filhos vão crescendo, e embora já não esteja no exílio, transmitir esse amor à pátria foi algo sempre presente na educação?

Sempre. É uma coisa permanente em mim. A minha grande causa foi Portugal, sempre. A minha grande causa foi Portugal. Portugal no seu passado e no seu devir. E no seu presente. Mas às vezes é-me difícil suportar os presentes de Portugal sem pensar em Portugal no seu passado e no seu devir. Na sua perspetiva histórica.

O Manuel Alegre é um homem que combateu em Angola...

Combati.

Depois é um homem que convive de perto com os líderes dos movimentos de libertação africanos, no exílio na Argélia. Mas é um homem também que não tem vergonha da História de Portugal e que acha que – e neste último livro até fala muito disso –, findo o Império Colonial, é preciso aproveitar essa história para reinventar algo.

Eu não peço desculpa pela História de Portugal. Assumo a história com as suas grandezas e as suas misérias, que também tem, como todos os países. Eu não vou pedir desculpa pelo Bartolomeu Dias, nem pelo Vasco da Gama, nem pelo Camões, nem pelos grandes movimentos que colocaram Portugal na vanguarda da História. Portugal é o primeiro país que leva a Europa para fora da Europa. Que leva a Europa ao encontro de outros povos e de outros continentes. É o país do *ver, claramente visto*, como diz Camões. É o país que deita por terra, com o saber de experiência feita, o saber fantasioso das escrituras e dos livros que, até aí, formavam a cultura europeia. E, com isso, contribui para o Renascimento europeu. As navegações portuguesas, o encontro com outros povos, com outras culturas, o *ver, claramente visto*, o saber de experiência feito, é uma coisa que faz parte da Europa. E que contribuiu

> *“O que conseguimos em 50 anos foi resguardar a língua portuguesa e ter a língua espalhada por várias pátrias. Pátrias que a escolheram. Ninguém lhes impôs a língua. Escolheram-na. Escolheram-na como instrumento da sua própria unidade nacional.”*





"Eu não peço desculpa pela História de Portugal. Assumo a história com as suas grandezas e as suas misérias, que também tem, como todos os países. Eu não vou pedir desculpa pelo Bartolomeu Dias, nem pelo Vasco da Gama, nem pelo Camões, nem pelos grandes movimentos que colocaram Portugal na vanguarda da História."

para o Renascimento europeu e que faz parte hoje da cultura europeia, no seu todo.

Quando diz que não pede desculpa pela História de Portugal, por exemplo, quando se fala desta ideia de reparações históricas, que percorre um pouco a Europa, para si é uma boa ideia, uma ideia a debater ou uma má ideia?

As reparações históricas, eu acho que isso é uma coisa absurda, não têm sentido, porque a História não se rebobina, não anda para trás. Que por certas coisas se peça desculpa, que nós possamos pedir desculpa pela escravatura, que é um lado negro da nossa História, muito bem.

Desse seu contacto em Argel, com figuras como Agostinho Neto, como Amílcar Cabral, como é que estes líderes rebeldes olhavam para a história dos portugueses? Eles sentiam que Portugal, mesmo sendo o colonizador que combatiam, era um país que lhes dava também uma parte da identidade nacional?

Eles tinham-se formado aqui em Portugal, esses dois. Portanto, tinham sido marcados também pela nossa cultura e pela vivência aqui. E o Amílcar Cabral citava Camões aos seus guerrilheiros. E citava algumas datas históricas de Portugal, como por exemplo o 5 de Outubro. Celebravam isso. E o Agostinho Neto a mesma coisa. Eram homens cultos, homens que conheciam bem a História de Portugal, embora se sentissem colonizados e sentissem o dever de libertar os seus países e os seus povos, que tinham sido escravizados e tinham sido colonizados por Portugal. Mas faziam uma distinção entre o que era o colonialismo português e o que era o povo português, e até a História de Portugal. Eu, numa entrevista que fiz ao Amílcar Cabral, ouvi-lhe dizer, não é mentira não, os portugueses deram, de facto, novos mundos ao mundo e o que se está a passar agora é uma coisa que corta os laços que entre nós se estabeleceram. A guerra está a desunir aquilo que nos uniu.

Então, e falando do que se pôde reconstruir a seguir ao 25 de Abril, o que se reconstruiu nestes 50 anos e no que vem a seguir, é sobretudo a língua portuguesa que pode ser esse cimento entre os povos que, de alguma forma, estiveram ligados à História de Portugal?

É a língua e os afetos, não é? Em que os afetos por vezes são complicados porque o amor mistura-se com o rancor. Misturam-se as duas coisas. Mas o que nós conseguimos, em 50 anos, foi resguardar a língua portuguesa e ter a língua espalhada por várias pátrias. Pátrias que a escolheram. Ninguém lhes impôs a língua. Escolheram-na. Escolheram-na como instrumento da sua própria unidade nacional. Porque muitos daqueles países africanos têm várias línguas, têm várias tribos, têm várias etnias. Portanto, escolheram o português como instrumento da sua unidade nacional. Por exemplo, com Angola são relações complicadas, mas muito afetivas, porque muitos angolanos têm uma ligação profunda a Portugal. Aos clubes de futebol, por exemplo. Eu estava, uma vez, em Angola a fazer uma conferência sobre literatura e ouvia-se muitos gritos, muitas ovações, e era o Benfica que estava a jogar com o Porto, e o Benfica estava a ganhar. Também há adeptos do Porto, não é só do Benfica e do Sporting. E da seleção nacional. Quando joga a seleção portuguesa, eles vão ver e torcem por Portugal.

São os tais afetos que se mantêm.

São os afetos que se mantêm. O Neto era casado com uma portuguesa. O Amílcar Cabral foi casado com uma portuguesa. Andaram aqui na escola, andaram aqui na universidade. São afetos que se mantêm. Depois, com a juventude, já é um bocado diferente. Foram formatados no anticolonialismo. Sempre que as coisas estão mal, lá vem Portugal fazer de bode expiatório. Mas Portugal não tem culpa de certas coisas que correm mal noutros países. Têm de olhar para si próprios, não só para Portugal. Portugal tem culpa do colonialismo, tem culpa da escravatura, dos erros que cometeu no colonialismo, na própria guerra, mas não tem culpa dos erros que eles cometem, depois, em relação a si próprios.

Há poucos dias, a presidente do Instituto Camões esteve em Timor-Leste e Ramos-Horta fez-lhe um grande apelo a um investimento na língua portuguesa. É essa uma das prioridades que o Estado português devia ter? Promover a língua, talvez em aliança com o Brasil?

As alianças com o Brasil são complicadas. O Brasil, de todos estes países que falam português, é talvez o mais afastado de nós. Pelo menos, ao nível do Estado, ao nível do Ministério dos Negócios Estrangeiros, tem uma política mais autónoma. Também porque o co-

continua na página seguinte »

» **continuação da página anterior**

lonialismo português, quando lhes deu a independência, foi por causa da Revolução liberal cá. Alguns agora descobrem lutas anticolonialistas que nunca se travaram propriamente no Brasil.

Mas é o gigante lusófono, mais de 200 milhões de falantes...

Claro, não há projeto lusófono sem pensar no Brasil. Mas as relações com o Brasil, desse ponto de vista, são mais complexas, porque o Brasil, por ter 200 milhões de habitantes e por ter a dimensão que tem, também tem as suas pretensões à liderança. À liderança e, por vezes, a renegar a pátria-mãe. As relações são mais fáceis com Cabo Verde, que é uma maravilha. Com Timor. Em Timor devia-se investir muito, porque a língua portuguesa não está tão divulgada em Timor como está noutros países. Por exemplo, em Angola, se ouvir na rádio, às vezes, quando há eleições, jovens a falar, vê que falam melhor do que os nossos jovens aqui. Falam com as sílabas todas, falam impecavelmente.

O português está a tornar-se mesmo a língua nacional de Angola.

Uma língua nacional. Falam um português impecável. E as mulheres, as mulheres do povo, a gente do povo, fala melhor que muita gente aqui de certas regiões de Portugal, ou de certas condições, ou mesmo melhor do que os nossos jovens estudantes, que falam hoje um português muito reduzido.

Esta ideia de festejarmos o *Dia Nacional* celebrando um poeta, há muita gente que diz que isto define Portugal. Acha que é mesmo assim, importante homenagear Camões, e em 2024 até faz 500 anos do seu nascimento?

Eu acho que é, porque nos outros países os símbolos nacionais são guerreiros, ou santos, ou heróis, ou vencedores de batalhas, etc. Nós celebramos um poeta, que simboliza, um bocado, a grande peregrinação portuguesa, porque o próprio Camões foi poeta e soldado. Ele viajou o seu poema antes de o escrever. Ele foi parar à Índia, andou por Macau, depois esteve na Ilha de Moçambique, onde acabou porventura *Os Lusíadas*, e onde lhe roubaram o poema *O Parnaso*, que nunca mais foi encontrado. Mas ele viajou a sua história, e foi poeta e foi soldado.

"[Camões] viaja o poema, e adquire conhecimento com esses contactos. É o primeiro poeta europeu que vai realmente ao encontro do mundo, das sete partidas no mundo. E isso dá-lhe uma dimensão verdadeiramente universal."

É o primeiro poeta que realmente conhece o mundo.

E é o primeiro grande poeta europeu que vai também ao encontro de outros povos e de outras culturas. Para além da cultura extraordinária que ele tem, porque sem a cultura que ele tem não se pode escrever *Os Lusíadas*, Camões conhecia os gregos, os latinos, conhecia isso tudo. Conhecia a geografia, conhecia aquilo que nessa altura se sabia mesmo sobre a ordem do mundo. Ele viaja o poema, e adquire conhecimento com esses contactos. É o primeiro poeta europeu que vai realmente ao encontro do mundo, das sete partidas no mundo. E isso dá-lhe uma dimensão verdadeiramente universal. Outra coisa ainda, é que os heróis de *Os Lusíadas*, ao contrário dos heróis de Homero e de Virgílio, não são heróis fictícios, nem inventados. Os heróis de *Os Lusíadas* são heróis de carne e osso. É o povo. É Vasco da Gama, mas é o povo. É o povo português.

Há um poema de Camões que elogia a beleza da mulher negra, que é extraordinário para a época.

A Bárbara cativa. *Endechas a Bárbara…*

Pretos os cabelos/ onde o povo vão/ perde opinião/ que os louros são belos.

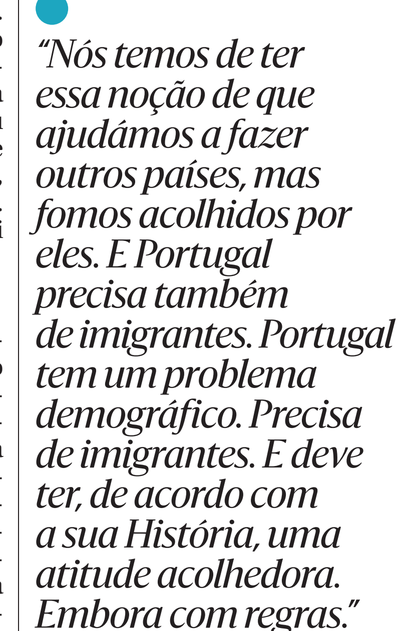
Quando, na altura, na Europa, toda a beleza se resume ao louro...

Há quem diga que o seu soneto mais célebre, *Alma minha gentil, que me partiste* é dedicado a uma chinesa, a Dinamene, que vinha com ele e morreu no Estreito de Mekong.

E mesmo aquele lendário Jau, que vivia com ele cá, um escravo javanês, é também alguém que ele trata num plano muito igualitário, não é? Mais como um amigo.

Não há grandes provas de que ele tenha tido um escravo ou não. Jau ou não. Porventura teve e é muito provável que ele tenha tido. Era muito dedicado e pescava para ele em Lisboa. Ia pescar para ele no Tejo... E pedia para ele. Isso é o que diz aí… Porque, sobre Camões, sabe-se muito e sabe-se pouco. São poucos os documentos que há sobre Camões. E não se percebe por que é que se perderam os seus manuscritos. Porque 500 anos também não é tanto tempo como isso. Há manuscritos do Sá de Miranda, que é anterior, e não há de Camões. Há quem diga que eles foram parar a Espanha. Não se sabe. É um mistério.

Podemos, com sorte, ainda descobrir coisas novas sobre Camões?



"Nós temos de ter essa noção de que ajudámos a fazer outros países, mas fomos acolhidos por eles. E Portugal precisa também de imigrantes. Portugal tem um problema demográfico. Precisa de imigrantes. E deve ter, de acordo com a sua História, uma atitude acolhedora. Embora com regras."

Ele tinha um livro chamado *Parnaso*. Eu tenho esta dúvida. Ou era a lírica que ele estava a compor e, portanto, não havia aí nada especialmente novo. Era só aquilo que se sabe. Ou então era outro livro, outro poema filosófico. O livro que lhe roubaram, que se perdeu. Mas a minha dúvida é esta. Eu penso que ele, porventura, estava a juntar os poemas que tinha dispersos. As rimas, os sonetos. E ia chamar *Parnaso* à sua obra lírica. Mas não há certeza sobre isso. Diogo do Couto, que foi amigo dele, que é uma grande figura das Descobertas, é que fala dele em Moçambique, que o encontrou pobre e miseravelmente vestido. Terminando as suas *Lusíadas*, como ele diz, e compondo um poema chamado *Parnaso*, que depois lhe roubaram. Diogo do Couto é um dos testemunhos válidos porque fala de Camões. Fala de Camões e dá testemunho pessoal sobre o Camões.

Há uns anos houve um programa de televisão que era para eleger os grandes portugueses. As pessoas votavam à distância. Foi muito marcado por uma disputa ideológica entre os apoiantes de Salazar e os de Álvaro Cunhal. Em terceiro lugar ficou outra figura do século XX, Aristides de Sousa Mendes, em quarto ficou D. Afonso Henriques e em quinto Camões. Se esquecermos estas partes mais políticas, o despique Salazar *versus* Cunhal, um poeta ficar em quinto lugar numa escolha dos maiores de uma nação quer dizer algo sobre a sua popularidade.

Eu não dei uma grande importância a isso. Não foi eleito pelo povo. Não são eleições. Era um concurso.

Sim, mas de qualquer forma é um reconhecimento de que Camões é uma figura popular.

É uma figura popular. Claro que é uma figura popular. Até nos ditos populares. O Torga, quando fala do Camões, diz que uma vez numa feira viu o Camões transformado num assobio. Aqueles assobios de barro, que as pessoas compravam, eram a figura do Camões.



E aquela expressão vai chatear o Camões também é muito popular.

E outra, *Camões, o poeta zarolho, o poeta português, via mais por um só olho do que nós por todos os três.* Ou seja, tem essa dimensão popular... É popular. Mesmo as pessoas que não sabem os versos dele, ou que nunca leram, sabem dele. Quer dizer, entrou no povo, como entrou a Amália, como entrou o Eusébio. Ora, é outra dimensão, porque escreveu *Os Lusíadas*... As pessoas sabem que *Os Lusíadas* é o livro sagrado dos portugueses. É um livro onde está a nossa identidade, onde está inclusivamente a nossa história.

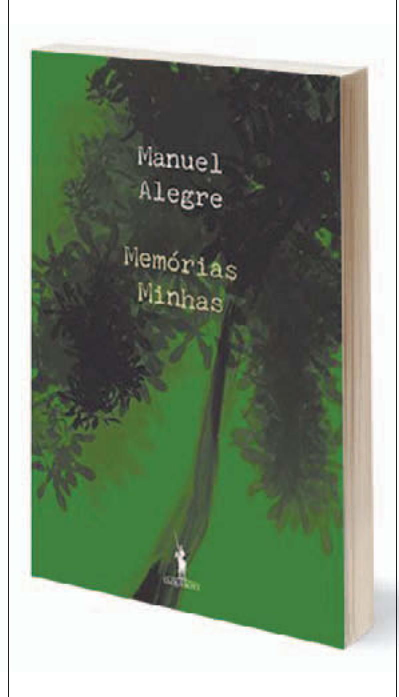
Se não fôssemos nós portugueses a olhar para *Os Lusíadas*, mesmo assim, é um grande livro da História da Humanidade?

Os Lusíadas foram traduzidíssimos. Através dos séculos, foram traduzidíssimos. E em relação às *Rimas*, há uma coisa muito curiosa na 1.ª edição das *Rimas*, organizada pelo Soropita e pelo Estêvão Lopes. A gente nem se lembra do que lhes deve. Eles organizaram as *Rimas*, os sonetos e tal, dois anos depois tinha esgotado a 1.ª edição. E já Portugal era um país ocupado. Já Portugal era um país ocupado. E isto é extraordinário para a época, que uma edição daquelas tivesse esgotado e já fossem fazer a 2.ª e a 3.ª edição. Quer dizer que as pessoas, para além dos sentimentos, etc., reconheciam-se naquela linguagem poética e naquela língua. Era uma forma de preservarem a sua identidade e a sua língua.

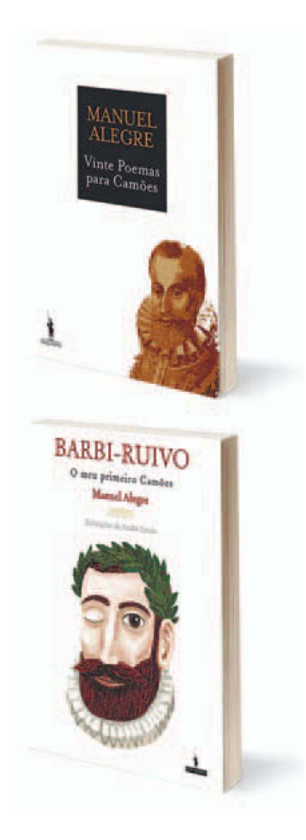
Esta ideia de batizar o futuro aeroporto de Lisboa de Camões, é uma boa forma de homenagear o poeta?

Bom, ele é o máximo símbolo nacional. Eu sou um devoto de Camões, portanto não vou pôr isso em causa. Mas Camões não precisa de ser o nome do aeroporto. Camões é Camões. Camões está









Livros **Manuel Alegre publicou este ano Memórias Minhas, um relato autobiográfico que vai a infância, em Águeda, à carreira política em democracia, passando pelo exílio em Argel. A coincidir também com as celebrações dos 50 anos do 25 de Abril, a D. Quixote fez uma edição dupla de O Canto e as Armas e Praça da Canção. Sobre Camões, por Alegre, há uma biografia para os mais jovens que está a suscitar muita curiosidade e também Vinte Poemas para Camões.**

identificado em cada um dos seus sonetos, em cada um dos seus versos e n'*Os Lusíadas*. Esses é que são os grandes monumentos onde está o nome de Camões.

O Manuel Alegre tem essa devoção especial a Camões. Tem, inclusive, um livro que são poemas dedicados a Camões.

Sim. *Vinte poemas para Camões*.

Para um poeta como o Manuel Alegre, Camões é o modelo? Como é a relação de um poeta com um poeta com Camões?

É aquele a quem nós devemos a nossa linguagem poética. O Eugénio de Andrade contava isso. Perguntaram-lhe qual é o poeta mais atual. Ele disse, são os sonetos de Camões escolhidos por mim. Claro, os escolhidos por ele poderiam ser os escolhidos por mim ou os escolhidos por si. E ele fez o livro. E a gente lê aquilo e ali está a fundação de uma nova linguagem poética. Mário Cesariny dizia que o português que nós falamos e escrevemos é o português que Camões escrevia. No essencial, o português que Camões escrevia. Portanto, ele funda não só uma nova linguagem poética, que é das mais belas de qualquer língua e de qualquer literatura, como consolida a língua portuguesa. E acho que todos os poetas têm de ser gratos a Camões. Todos, mesmo aqueles que querem fugir de Camões. São devedores de Camões. Camões é o pai da poesia portuguesa.

Falou muito do papel da língua na construção desta nova comunidade de afetos. Mas, ao mesmo tempo, Portugal também é muito hoje um país de destino europeu. Foi um fruto da descolonização voltarmos a olhar para a Europa e o Manuel Alegre, no seu livro de *Memórias* diz que sempre apoiou Mário Soares nesse projeto europeu para consolidar a democracia. É possível conciliar sermos um país europeu e mantermos esta ligação de afetos ao resto do mundo?

Mas uma das características da cultura europeia é a sua abertura ao mundo. Não foi só Portugal, embora Portugal tenha sido o primeiro a levar a Europa para fora do mundo. Uma das características da cultura europeia é a abertura ao mundo. Desde as viagens de Marco Polo, dos ingleses, dos franceses, dos espanhóis, não esquecer os espanhóis. Uma viagem extraordinária, provavelmente a mais extraordinária que jamais se fez, é a viagem do Magalhães. Que dá a volta ao mundo. Nós somos um pequeno país com uma grande História. Já fomos uma grande potência, mas hoje não somos nem uma potência económica, nem uma potência militar. Somos uma potência histórica. Temos História. E, portanto, mesmo nós na Europa, nunca podemos esquecer esta nossa dimensão atlântica, euro-atlântica. Não podemos esquecer isso. Seremos tanto mais valorizados na Europa, quanto mais perto de nós tivermos essa dimensão. E nos países da lusofonia.

Como é que vê esta nova vaga migratória? Acha que Portugal deveria, de alguma forma, ter uma atenção especial aos imigrantes dos países de língua portuguesa?

Seria o desejável. O desejável, porque temos essa comunidade de afetos e de língua, etc. Mas nós temos de ser, sobretudo, um país de acolhimento. Não podemos ter uma atitude repressiva. Nós somos um país de emigrantes. Eu vivi essa epopeia do avesso. Foi chegar a Nanterre, Champigny, Aubervilliers, etc., e ver ali os filhos dos antigos navegadores, os filhos dos descobridores. Ali, assim, emigrados, a fazerem os trabalhos que mais ninguém queria fazer. Hoje não, as novas gerações estão integradas, etc. Mas nós somos um país de emigrantes que foi acolhido pela França e foi acolhido por outros países. Para além daqueles que fugiram da polícia política, para além daqueles que não foram para a guerra, e se refugiaram em vários países europeus. Portanto, nós temos de ter essa noção de que ajudámos a fazer outros países, mas fomos acolhidos por eles. E Portugal precisa também de imigrantes. Portugal tem um problema demográfico. Precisa de imigrantes. E deve ter, de acordo com a sua História, uma atitude acolhedora. Embora com regras. Só que essas regras não devem ser regras repressivas, nem regras de seleção de etnias, nem nada que se pareça com isso.

Manuel Alegre, vou ter de fazer uma última pergunta que é um bocadinho provocatória. Porque fala disso nas suas *Memórias*, que é quando recebeu o Prémio Camões em 2017. Na altura dá uma entrevista ao DN em que diz qualquer coisa como "já era tempo".

Já não era sem tempo.

Apesar de tudo isso, de ser tardio, o Prémio Camões foi uma alegria, um reconhecimento?

Foi uma grande alegria. Foi uma alegria. E uma honra. Foi mesmo do ponto de vista literário uma das alegrias maiores que eu recebi.

Manuel Alegre, fez agora, há pouco tempo, 88 anos. Publicou *Memórias Minhas*. Continua a escrever todos os dias? Tem projetos para publicar?

Tenho escrito menos agora. Coloquei muita da minha energia neste livro. E os anos vão pesando, não é? Agora estou à espera. Porque eu não escrevo de uma maneira programada. Não escrevo por obrigação. Eu acredito na inspiração. Eu tenho de ter o prazer da escrita para escrever. Eu escrevi estas memórias com um grande prazer de escrita. Se não for assim, não me sai bem.

Então há de haver essa inspiração um dia destes.

Espero que sim.

Nestas eleições, as décimas Europeias a realizar-se, serão eleitos os 720 eurodeputados até 2029. Desde 1979, os deputados ao Parlamento Europeu são escolhidos por sufrágio universal direto e por cinco anos. As primeiras Eleições Europeias em Portugal foram em 1987.

NUNO PINTO FERNANDES / GLOBAL IMAGENS

P&R ELEIÇÕES

O essencial da corrida às urnas ao Parlamento Europeu. Até há mais uma modalidade de voto

A cada cinco anos, os europeus são chamados a escolher os seus representantes, e esta é a nona vez que os portugueses o fazem. A Europa gastou 37 milhões de euros numa campanha para contrariar a baixa participação. Em 2019, só 50,66% dos eleitores europeus foram votar.

TEXTO **VÍTOR MOITA CORDEIRO**

Quantos países vão a votos nestas eleições?

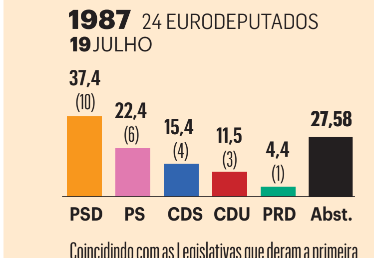
São convocados a votar para o Parlamento Europeu os eleitores dos 27 Estados-membros da União Europeia (UE), ou seja, Alemanha, Áustria, Bélgica, Bulgária, República Checa, Croácia, Dinamarca, Espanha, Estónia, Eslovénia, Eslováquia, França, Finlândia, Irlanda, Grécia, Itália, Chipre, Letónia, Lituânia, Luxemburgo, Hungria, Malta, Países Baixos, Polónia, Portugal, Roménia e Suécia.

Quantos eleitores há na União Europeia?

Dos cerca de 450 milhões de cidadãos da UE, 361 milhões cumprem os requisitos para poderem votar. Em Portugal, a idade mínima para votar é 18 anos. Podem votar os cidadãos portugueses que estejam recenseados e que cumpram o

Resultados EM PERCENTAGEM (ENTRE PARÊNTESIS NÚMERO DE ELEITOS)

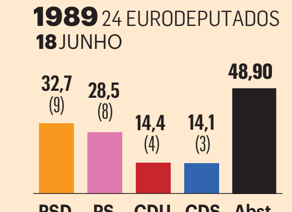
1987 24 EURODEPUTADOS
19 JULHO



Coincidindo com as Legislativas que deram a primeira maioria absoluta a Cavaco Silva, registaram uma afluência invulgar para "eleições de segunda ordem".

V: 5 639 650 **I:** 7 787 603

1989 24 EURODEPUTADOS
18 JUNHO



Em dezembro desse ano, o PS de Sampaio conquistava Lisboa, Porto e Coimbra, mas dois anos depois Cavaco Silva garantia a segunda maioria absoluta.

V: 4 149 756 **I:** 8 121 564

V- VOTANTES **I**- INSCRITOS



requisito da idade até ao dia da eleição. Também podem votar em Portugal os portugueses que vivem fora do território nacional e que não tenham escolhido outro Estado-membro da UE para exercer este direito. Votam ainda em Portugal para as Eurpeias os cidadãos de qualquer um dos outros 26 Estados-membros da UE que estejam inscritos no recenseamento eleitoral em Portugal e que queiram eleger os eurodeputados portugueses. De fora da Europa, só os cidadãos brasileiros com cartão de cidadão ou bilhete de identidade (com estatuto de igualdade de direitos políticos) é que podem votar nestas eleições. A idade mínima para poder votar é de 16 anos na Alemanha, Áustria, Bélgica e Malta, e 17 na Grécia. Nos 18 outros países, é 18 anos.

Quantas pessoas votam em Portugal?

Em Portugal, podem votar nestas eleições para o Parlamento Europeu 10 819 317 cidadãos nacionais e 11 255 cidadãos estrangeiros, de acordo com os dados disponibilizados pelo Ministério da Administração Interna.

E quantos portugueses votam no estrangeiro?

Há no estrangeiro cerca de 1,5 milhões de eleitores portugueses recenseados. Na Europa, o número de eleitores pouco passa dos 900 mil, enquanto fora do *Velho Continente* há 643 mil eleitores que cumprem os critérios para escolher os eurodeputados.

Quantos eurodeputados serão eleitos e durante quanto tempo?

No total, o Parlamento Europeu é constituído por 720 deputados e é a única instituição da União Europeia que é eleita pelos cidadãos, desde 1979, por sufrágio universal direto. Cada mandato terá uma duração de cinco anos, pelo que os deputados manterão o cargo até 2029, ano em que a composição do Parlamento Europeu voltará a ser alterada. Considerando que cada Estado-membro tem um número de mandatos proporcional à população, Portugal elege 21 eurodeputados.

Que partidos políticos portugueses concorrem às Eleições Europeias?

Os portugueses vão encontrar nos boletins de voto duas coligações e 15 partidos (num total de 17 forças políticas), nomeadamente a Aliança Democrática (coligação entre PSD, CDS e PPM), PS, Chega, Iniciativa Liberal, Bloco de Esquerda, CDU (coligação entre PCP e PEV), Livre, PAN, ADN, MAS, Ergue-te, Nova Direita, Volt Portugal, RIR, Nós Cidadãos, MPT e PTP.

Em que grupos políticos estão os partidos portugueses no Parlamento Europeu?

Os eurodeputados eleitos não se agrupam por nacionalidade, mas por afinidade política. Estão distribuídos por sete grupos políticos, sendo que os eurodeputados que não aderirem a nenhum dos grupos são considerados *não-inscritos*: Partido Popular Europeu (Democratas-Cristãos, PPE), que em 2019 elegeu 177 eleitos, incluindo seis do PSD e um do CDS-PP; Grupo da Aliança Progressista dos Socialistas e Democratas no Parlamento Europeu (S&D), que na últimas Eleições Europeias ficou com 140 mandatos, incluindo 9 eurodeputados do PS; Renovar a Europa (Liberais, RE), que elegeu 102 eurodeputados em 2019 (apesar de em 2019 não ter obtido qualquer mandato, a Iniciativa Liberal pertence a esta *família* política); Grupo dos Verdes/Aliança Livre Europeia, constituído por 72 eurodeputados, no qual está integrado o eurodeputado Francisco Guerreiro, que passou a independente, tendo sido originalmente eleito pelo PAN; Conservadores e Reformistas Europeus (ECR, conservadores nacionalistas), neste momento com 68 mandatos; Identidade e Democracia (ID, populistas e extrema-direita), que tem 58 mandatos (até agora, o Chega pertence a este grupo, apesar de o partido, em 2019, não se ter candidato a estas eleições); Grupo da Esquerda no Parlamento Europeu (GUE/NGL), que conta com 37 eurodeputados, incluindo os dois do Bloco de Esquerda e os dois do PCP eleitos em 2019; Saídos das últimas eleições para o Parlamento Europeu, há 51 eurodeputados *não-inscritos*, isto é, que não aderiram a nenhum grupo político.

É a primeira vez que há voto em mobilidade. O que é?

As eleições para escolher a nova composição do Parlamento Europeu permitem que os cidadãos nacionais votem em mobilidade. Os eleitores recenseados podem exercer o direito de voto em qualquer mesa em território nacional, entre as 8 e as 19 horas, bastando para isso apresentar o documento de identificação civil (Cartão de Cidadão). Também é possível votar estando no estrangeiro, em qualquer mesa de voto constituída para o efeito, no mesmo horário e com as mesmas regras.

Quantas pessoas fizeram o seu voto antecipado em Portugal?

Segundo os dados do Ministério da Administração Interna, quase 90% dos 252 209 eleitores inscritos para o voto antecipado exerceram o seu direito. O número de eleitores que votaram no domingo fixou-se em 225 039, correspondendo a 89% dos 252 209 inscritos.

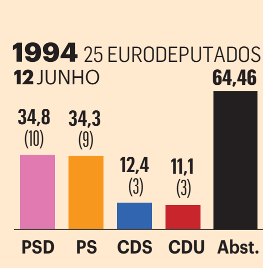
Os níveis de abstenção nas Eleições Europeias costumam ser altos?

A primeira vez que Portugal participou na escolha da composição do Parlamento Europeu foi em 1987. Nesse ano, a abstenção fixou-se em 27,58%. Desde 1994, os níveis de abstenção nunca estiveram abaixo dos 50%, sendo que todos os recordes de não-comparência às urnas foram batidos nas últimas Eleições Europeias, em 2019, quando se registou uma abstenção de 69,27%.

Nas eleições de 2019 como foram os resultados?

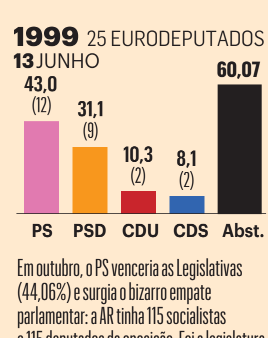
PS venceu com 33,38% dos votos, conquistando 9 lugares no Parlamento Europeu. O PSD ficou em segundo, com 21,94% dos votos e seis eurodeputados, seguindo-se o BE, com dois (9,82%). A coligação CDU (PCP/PEV/ID) também conquistou dois lugares no Parlamento Europeu e o CDS-PP e o PAN elegeram um eurodeputado cada.

vitor.cordeiro@dn.pt



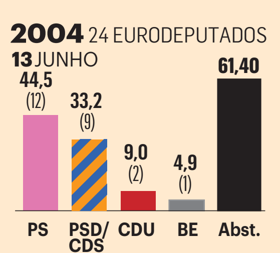
No ano seguinte, terminando a década cavaquista, o PS de Guterres triunfava nas Legislativas, com 43,76% e 112 deputados. Ficou a quatro da maioria absoluta.

V: 3 044 001 **I**: 8 565 822



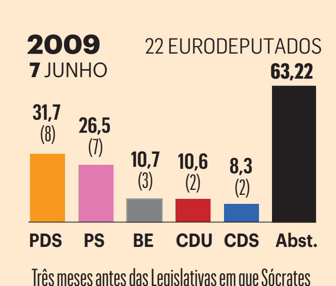
Em outubro, o PS venceria as Legislativas (44,06%) e surgia o bizarro empate parlamentar: a AR tinha 115 socialistas e 115 deputados da oposição. Foi a legislatura dos Orçamentos do "Queijo Limiano".

V: 3 467 085 **I**: 8 681 854



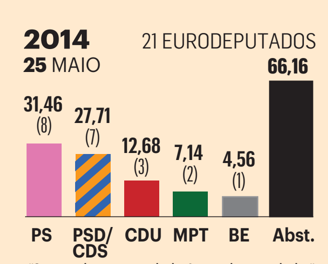
Nas Legislativas do ano seguinte, após a saída de Barroso para Bruxelas e a sua substituição por Santana, o PS de Sócrates ganhava com maioria absoluta e marcadas pela maior participação desde 1995.

V: 3 404 782 **I**: 8 821 456



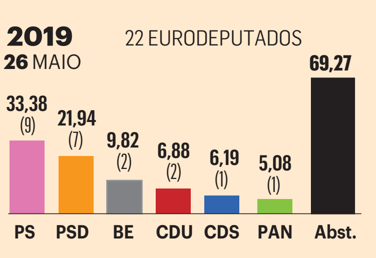
Três meses antes das Legislativas em que Sócrates voltou a ganhar, derrotando o PSD, mas perdendo a maioria absoluta. O CDS com Portas conseguia o melhor resultado desde 1983.

V: 3 568 943 **I**: 9 704 559



"Quem ganha por poucochinho é capaz de poucochinho." A frase de Costa traçou o destino de Seguro que tinha ganho as eleições 21 dias depois da saída limpa da *troika*. No ano seguinte nasceu a *geringonça*.

V: 3 283 610 **I**: 9 702 657



A *geringonça* começa a tremer. Cinco meses depois, nas Legislativas, o CDS perde 13 deputados, o PCP perde 5 e Rio vê o PSD perder 10 deputados. O BE ganha peso político ao manter os 19 eleitos. Chega e IL entram pela primeira vez no Parlamento.

V: 3 314 423 **I**: 10 786 049

FONTE: CNE Infografia: DN

As segundas maiores eleições do mundo são as Europeias

VOTAÇÃO Mais de 361 milhões de pessoas de 27 países diferentes votam em dias diferentes. Resultados divulgados hoje a partir das 22.00 horas.



TEXTO **ANA MEIRELES**

O pontapé de saída para as segundas maiores eleições democráticas do mundo foi dado na manhã de quinta-feira nos Países Baixos e termina às 23.00 (hora local) de hoje em Itália. Durante este período, mais de 361 milhões de pessoas serão chamadas às urnas para escolher os novos 720 deputados do Parlamento Europeu, naquele que é o primeiro ato eleitoral já sem o Reino Unido e numa altura de grande incerteza geopolítica devido à invasão russa da Ucrânia.

Os resultados deste escrutínio, só ultrapassado em dimensão pelas eleições da Índia (cujos resultados foram conhecidos esta semana), poderão ter impacto no apoio dos 27 Estados-membros da União Europeia à Ucrânia, mas também em matérias como as alterações climáticas, a relação com os Estados Unidos e a China, o alargamento do bloco ou a adaptação a inovações tecnológicas como a Inteligência Artificial.

"O que está em jogo é a capacidade de da Europa de encarnar a democracia, de encontrar compromissos, de permanecer suficientemente unida, confrontada com Putin, confrontada com a China, confrontada com o futuro presidente americano", conforme sublinha Sébastien Maillard, ex-diretor do Instituto Jacques Delors e atual conselheiro especial do Centro Grande Europa, dedicado ao alargamento da UE.

A participação nas Eleições Europeias tem sido historicamente baixa, mas há cinco anos registou-se um aumento significativo para 50,66%, mais 8,05% do que os 42,61% de 2014, a percentagem mais "magra" desde 1979, segundo dados do Parlamento Europeu. Entre os países da União Europeia, e olhando mais uma vez para os valores de 2019, a Bélgica, onde se encontra a sede da Comissão, foi onde as eleições foram mais participadas (88,47%), estando do lado oposto a Eslováquia, com apenas 22,74% – mesmo assim a participação mais alta desde que se juntaram ao bloco. Em Portugal, o valor registado em 2019 foi de 30,75%, o mais baixo desde a nossa adesão, em 1986.

As diferenças entre os 27 Estados-membros em relação às Eleições Europeias não se ficam pelas taxas de participação. Por exemplo, os eleitores de 20 países votam hoje, mas a ida às urnas começou na quinta-feira nos Países Baixos e no dia seguinte foi a vez da Irlanda. Na República Checa, a votação decorreu na sexta-feira e no sábado, dia em que Letónia, Malta e Eslováquia tiveram as suas mesas de voto a funcionar. Em Itália, decorre também sábado e domingo, onde as urnas só encerram às 23.00 horas (22.00 em Lisboa), sendo preciso esperar por este momento para que sejam conhecidas as primeiras projeções a nível europeu.

Unidos, mas diferentes

O voto também não é igual nos 27, pois a organização do ato eleitoral é da responsabilidade de cada país, que aplica as suas próprias leis eleitorais, apesar de existirem regras comuns, como a representação proporcional.

Uma diferença surge na obrigatoriedade do voto, que existe em quatro países (Bélgica, Grécia, Bulgária e Luxemburgo) e é aplicada aos nacionais e aos cidadãos da UE inscritos nos cadernos eleitorais destes países. Há sanções para os abstencionistas, mas raramente são aplicadas.

A idade mínima para votar também depende da legislação de cada Estado-membro. Na maioria deles, é de 18 anos, à exceção da Grécia (17) e da Bélgica, Alemanha, Malta e Áustria (16).

No que diz respeito à elegibilidade, a idade mínima para se ser candidato varia entre os 18 e os 25 anos. Quinze países, entre os quais Portugal, autorizam candidatos a partir dos 18 anos, enquanto que noutros nove países é preciso ter, pelo menos, 21 anos. Na Roménia, a candidatura não é permitida antes dos 23, enquanto que em Itália e na Grécia, só com 25 anos.

A representatividade das mulheres na lista de candidatos tem regras que também diferem dependendo do Estado-membro, com dez deles a imporem quotas de género. Em França, Itália, Bélgica e Luxemburgo, as listas devem ter, pelo menos igual número de candidatos do sexo masculino e feminino. Já em Portugal, Espanha, Grécia, Eslovénia e Croácia, as listas devem incluir pelo menos 40% de candidatos de cada sexo e, na Polónia, 35%. Na Roménia, existe uma lei destinada a promover uma representação equilibrada, mas a sua redação é vaga e a falta de números tornam-na ineficaz – com apenas 15% de mulheres, o grupo de deputados romenos é o que tem menos representantes do sexo feminino no Parlamento Europeu.

De notar ainda que, dos três países com o valor mais elevado de mulheres deputadas, dois conseguem-no sem quotas: a Finlândia (57%) e a Suécia (52%). O Luxemburgo está, no entanto, à frente destes dois, com 67%.

O novo Parlamento Europeu terá também uma nova composição, em termos de números. A 1 de fevereiro de 2020, na sequência da saída do Reino Unido da União Europeia, o plenário parlamentar passou de 751 para 705 eurodeputados, com 27 dos 73 lugares britânicos a serem redistribuídos pela Irlanda, França, Itália, Espanha, Polónia, Roménia, Países Baixos, Suécia, Áustria, Dinamarca, Eslováquia, Finlândia, Croácia e Estónia. Dois anos depois, os eurodeputados aprovaram a decisão do Conselho Europeu de aumentar o número de lugares do Parlamento Europeu em 15, ou seja, dos atuais 705 para 720 durante a legislatura de 2024-2029, e que foi motivada pelas alterações demográficas na UE desde as eleições de 2019.

O que acontece a partir de amanhã

Os resultados provisórios destas Eleições Europeias só podem ser publicados após as 22.00 (hora de Lisboa), quando as mesas de voto encerram em Itália. Antes disso, o Parlamento Europeu divulgará projeções, com base em sondagens pré-eleitorais e à boca das urnas. A última projeção está prevista para a meia-noite.

Nos dias que se seguem às eleições, as autoridades nacionais dos Estados-membros comunicarão ao Parlamento Europeu o nome dos deputados eleitos, depois de verificarem que não possuem mandatos ou funções incompatíveis.

As negociações para a constituição dos grupos políticos têm início logo após as eleições e podem durar até à primeira sessão plenária.

Um grupo político deve ser composto por, pelo menos 23 deputados de sete países (¼ dos Estados-membros) e, para serem oficialmente reconhecidos, têm de, até 15 de julho, comunicar à presidência do Parlamento Europeu os seus nomes, declarações políticas e composição.

A nova legislatura tem oficialmente início a 16 de julho, data em que os eurodeputados recém-eleitos se reúnem em Estrasburgo, tendo até dia 19 para eleger o presidente do Parlamento Europeu, 14 vice-presidentes e cinco questores. Votam ainda a composição numérica das comissões e subcomissões parlamentares, dando início à nova legislatura, que se prolongará até 2029.

Dependente das Eleições Europeias está também a escolha do, ou da, presidente da Comissão Europeia, o que se prevê que aconteça na sessão plenária de 16 a 19 de se-

★ Mais eleições além das Europeias

Alguns Estados-membros aproveitam a ida dos eleitores às urnas para realizar outros atos eleitorais. Na sexta-feira, a Irlanda realizou Eleições Locais, tendo acontecido o mesmo ontem em Malta. Hoje, em Itália, decorrem também as Regionais de Piedmont, enquanto os belgas votam também para o Parlamento Nacional e em Eleições Regionais. Já cipriotas, húngaros e romenos escolherão os seus representantes nas Eleições Locais. Na Eslovénia, este domingo servirá também para os seus eleitores votarem num triplo referendo: sobre a eutanásia, o uso de canábis e a introdução do voto preferencial nas Eleições Gerais, salvo decisão em contrário do Tribunal Constitucional.

ELEIÇÕES DE 2019

DEPUTADOS ELEITOS E PARTICIPAÇÃO ELEITORAL

ALEMANHA (1958)*	
>>>	96 (=)
>>>	61,38% (+13,28%)
>>>	67%
ÁUSTRIA (1995)	
>>>	20 (+1)
>>>	59,80% (+14,41%)
>>>	64%
BÉLGICA (1958)	
>>>	22 (+1)
>>>	88,47% (-1,17%)
>>>	65%
BULGÁRIA (2007)	
>>>	17 (=)
>>>	32,64% (-3,2%)
>>>	45%
CHIPRE (2004)	
>>>	6 (=)
>>>	44,99% (+1,02%)
>>>	nd
CROÁCIA (2013)	
>>>	12 (=)
>>>	29,85% (+4,61%)
>>>	63%
DINAMARCA (1973)	
>>>	15 (+1)
>>>	66,08% (+9,76%)
>>>	75%
ESLOVÁQUIA (2004)	
>>>	15 (+1)
>>>	22,74% (+9,69%)
>>>	42%

País (data de adesão à UE)	Deputados	Participação em 2019	Taxa de aprovação da liderança em 2023
ESLOVÉNIA (2004)	9 (+1)	28,89% (+4,34%)	65%
ESPANHA (1986)	61 (+2)	60,73% (+16,92%)	71%
ESTÓNIA (2004)	7 (=)	37,60% (+1,08%)	65%
FINLÂNDIA (1995)	15 (+1)	40,80% (+1,7%)	77%
FRANÇA (1958)	81 (+2)	50,12% (+7,69%)	54%
GRÉCIA (1981)	21 (=)	58,69% (-1,28%)	44%
HUNGRIA (2004)	21 (=)	43,36% (+14,39%)	43%
IRLANDA (1973)	14 (+1)	49,70% (-2,74%)	77%
ITÁLIA (1958)	76 (=)	54,50% (-2,72%)	55%
LETÓNIA (2004)	9 (+1)	33,53% (+3,29%)	64%
LITUÂNIA (2004)	11 (=)	53,48% (+6,13%)	64%
LUXEMBURGO (1958)	6 (=)	84,24% (-1,31%)	70%
MALTA (2004)	6 (=)	72,70% (-2,1%)	nd
PAÍSES BAIXOS (1958)	31 (+2)	41,93% (+4,61%)	61%
POLÓNIA (2004)	53 (+1)	45,68% (+21,85%)	68%
PORTUGAL (1986)	21 (=)	30,75% (-2,92%)	74%
REPÚBLICA CHECA (2004)	21 (=)	28,72% (+10,52%)	47%
ROMÉNIA (2007)	33 (=)	51,20% (+18,76%)	51%
SUÉCIA (1995)	21 (=)	55,27% (+4,2%)	70%

>>> Deputados
>>> Participação em 2019
>>> Taxa de aprovação da liderança em 2023
* Data de adesão à UE

FONTES: Parlamento Europeu, Comissão Europeia, Gallup


Discurso durante a Adesão de Portugal à então CEE.

tembro. O nome é indicado pelo Conselho Europeu, com base nos resultados das eleições, cabendo depois aos deputados a sua eleição, através de voto secreto, sendo precisos pelo menos 361 de um total de 720 votos. Se não for alcançada a maioria necessária, o Parlamento Europeu convida o Conselho a propor um novo candidato no prazo de um mês.

O que os eurodeputados fizeram por nós

Nos últimos cinco anos, o Parlamento Europeu adotou 467 atos legislativos, na sequência de negociações com o Conselho, e apresentou 29 pedidos de reformas através de relatórios de iniciativa legislativa.

Entre as principais iniciativas levadas a cabo pelos eurodeputados nesta legislatura que agora terminou estão a aprovação das regras para lançar o Mecanismo de Recuperação e Resiliência, na sequência da pandemia, a Lei Europeia do Clima (que estabelece como objetivo a redução das emissões de gases com efeito de estufa em 55% até 2030), a Lei da Inteligência Artificial, mas também a reforma da política europeia de migração e asilo.

O Parlamento Europeu negociou também uma revisão do orçamento de longo prazo da UE, para garantir um aumento de financiamento para a Ucrânia, e aprovou legislação que obriga as empresas do bloco a divulgar informações que facilitem aos trabalhadores a comparação de salários e expor as disparidades salariais entre homens e mulheres.

Esta legislatura foi também marcada pela saída do Reino Unido, aprovada pelos eurodeputados a 29 de janeiro de 2020, e pela morte do italiano David Sassoli, a 11 de janeiro de 2022, então presidente do Parlamento Europeu. O socialista foi substituído pela maltesa de centro-direita Roberta Metsola.

Em dezembro de 2022, o Parlamento Europeu foi abalado pelo chamado *Qatargate*, que envolvia o pagamento de largas somas de dinheiro a eurodeputados pelos Governos do Qatar e Marrocos (ambos negam irregularidades) para influenciar a tomada de decisões pela instituição. A vice-presidente do PE Eva Kaili foi detida, bem como o seu marido, e foram acusados outros dois legisladores e um antigo deputado. Na sequência deste caso, foi aprovado um novo código de conduta.

Mais recentemente, o Parlamento Europeu enfrentou outros dois escândalos, o *Russiagate* e o *Chinagate* – o primeiro tem a ver com pagamentos a eurodeputados para darem voz a mensagens pró-russas e, no segundo, um assessor parlamentar é suspeito de espiar para Pequim. O partido de extrema-direita Alternativa para a Alemanha está envolvido nos dois casos.

ana.meireles@dn.pt

Os candidatos à presidência da Comissão Europeia

Antes das Europeias de 2014, o Parlamento Europeu pediu aos partidos para nomearem os seus candidatos à presidência da Comissão Europeia, de forma a dar uma palavra aos eleitores na escolha deste titular – supostamente, o Conselho Europeu deve aprovar o candidato do partido mais votado, para que depois este passe pelo crivo dos deputados. Mas nem sempre é assim: em 2019, a eleita foi Ursula von der Leyen, que não era candidata. Este ano os grupos de extrema-direita, ID e ECR, não nomearam nenhum candidato.

GRUPO DOS SOCIALISTAS & DEMOCRATAS
Nicolas Schmit

Nicolas Schmit é o cabeça de lista dos Socialistas Europeus à Comissão Europeia e, apesar de ser o atual comissário do Emprego e Direitos Sociais, é quase um desconhecido. De tal forma, que o *site* Politico intitulou de "Nicolas quem?" o artigo que noticiava a sua escolha, com uma fonte a indicar que "não existiam outros candidatos" entre os socialistas. Durante a campanha, o luxemburguês tem passado a mensagem de que é "necessária uma mudança na Europa" e, face à alegada aproximação de Von der Leyen ao ECR, prometeu manter a recusa a acordos pós-eleitorais com a extrema-direita.

GRUPO DOS VERDES/ALIANÇA LIVRE EUROPEIA
Terry Reintke e Bas Eickhout (Verdes) e Raul Romeva e Maylis Rossberg (ALE)

Como é tradição, o Partido Verde Europeu escolheu um candidato e uma candidata em nome da paridade de género, designando a alemã Terry Reintke e o neerlandês Bas Eickhout, o mesmo acontecendo com a Aliança Livre Europeia, que apontou o espanhol Raul Romeva e a alemã Maylis Rossberg, que, aos 24 anos, é a mais jovem *spitzenkandidat* de sempre. Reintke (*na foto*) foi a representante do grupo no debate entre os candidatos, tendo sublinhado o "momento crucial, para a Europa", que vivemos.

GRUPO DO PARTIDO POPULAR EUROPEU
Ursula von der Leyen

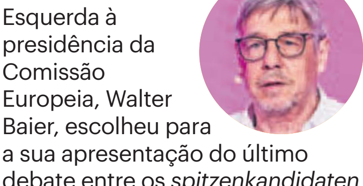
Apontada como favorita à presidência da Comissão Europeia, a candidata principal do PPE, Ursula von der Leyen, enfrenta um trajeto difícil até à sua eventual reeleição pelo Parlamento Europeu, onde precisa de uma maioria longe de estar assegurada – há cinco anos foi eleita por apenas nove votos. A polémica abertura, manifestada pela alemã durante a campanha, a uma colaboração com o ECR – que inclui partidos radicais como o Irmãos de Itália, de Giorgia Meloni – indignou o centro-esquerda, tornando mais difícil garantir a reeleição.

GRUPO RENOVAR EUROPA
Sandro Gozi, Marie-Agnes Strack-Zimmermann e Valérie Hayer



O italiano Sandro Gozi (*na foto*), a alemã Marie-Agnes Strack-Zimmermann e a francesa Valérie Hayer vão concorrer como *spitzenkandidaten* do grupo que inclui partidos como o Renascimento, de Emmanuel Macron. Gozi participou no debate final entre os cabeças de lista, mas é Hayer quem tem sido notícia, devido a vários episódios de campanha bizarros: foi o primeiro-ministro francês, Gabriel Attal, e não ela, quem participou num debate com o candidato da extrema-direita francesa, e o mesmo Attal invadiu um outro debate onde ela participava e tirou-lhe a palavra.

GRUPO DA ESQUERDA
Walter Baier



O candidato da Esquerda à presidência da Comissão Europeia, Walter Baier, escolheu para a sua apresentação do último debate entre os *spitzenkandidaten* um excerto do *Grândola Vila Morena* como citação preferida – "Em cada esquina, um amigo. Em cada rosto, igualdade" –, o que justificou com o "ponto de viragem" da Revolução do 25 de Abril para a História Europeia. O austríaco defende "uma Europa democrática, social, pacífica e ecológica", tendo vindo a pedir a Ursula von der Leyen clareza, em vez de "contradições e paradoxos", sobre a implementação de políticas verdes por parte da Comissão Europeia.



Opinião
José Mendes

Earthrise, o nascer da Terra

É impossível quantificar o número de fotos existentes no mundo. Quando ainda precisávamos de um rolo fotográfico, poder-se-ia estimar o número de chapas batidas a partir do número de rolos fabricados. Com o advento das câmaras digitais e dos telemóveis com essa função integrada, a democratização da foto acabou com qualquer *chance* de adivinhar as vezes que se fez *click*.

Ainda assim, mesmo sem sabermos quantos zeros seriam necessários para escrever o número global de fotos, é possível ter uma hierarquia das mais influentes no mundo. Na minha avaliação pessoal, a famosa *Earthrise*, que mostra o *nascer* da Terra a partir da órbita da Lua, está no topo.

Esta semana, morreu o homem que a tirou em 1968, o astronauta William Anders. Foi o piloto do módulo lunar da missão *Apollo 8*, uma das mais decisivas para a abertura do caminho que permitiu a alunagem sete meses depois, na medida em que mostrou ser possível enviar uma nave tripulada, orbitar a Lua e fazê-la regressar em segurança.

O que tem de tão excecional aquela foto? Para começar, a perspetiva inédita. Foi a primeira vez que os seres humanos viram a Terra de uma tão grande distância, surgindo no horizonte lunar como um pequeno e frágil planeta flutuando no vasto espaço.

O contraste entre o cinzento algo desolador da Lua e o vibrante azul e branco da Terra criou nas pessoas um grande impacto emocional, como se, pela primeira vez, tivessem percebido que somos todos viajantes no espaço e partilhamos a mesma nave, a nossa casa comum.

Foi preciso sair da Terra para olhar a Terra de um modo nunca antecipado. Àquela distância, a complexidade da vida terrena, plena de divisões, fronteiras e conflitos, simplesmente inexistia, trazendo ao pensamento o conceito de Humanidade, una, coesa, bela e solidária. Ali, estávamos juntos, sobre uma belíssima esfera de terra e mar, de que deveríamos cuidar sob pena de não termos um lar alternativo.

Esta constatação inspirou movimentos ambientalistas que, à época, eram muito circunscritos a comunidades científicas. Diz-se que foi a foto *Earthrise* que inspirou a criação do *Dia da Terra*.

Noutra perspetiva, a foto é também um símbolo do avanço tecnológico. Na segunda metade da década de 60 do século passado, a exploração espacial era um palco de competição entre as potências que protagonizavam a Guerra Fria. Depois de uma ligeira vantagem da União Soviética, os Estados Unidos recuperaram e embalaram para uma vitória retumbante, quando Neil Armstrong se tornou o primeiro homem a pousar o pé na superfície lunar, em 20 de julho de 1969.

A captura da foto foi, em si mesma, um desafio tecnológico apreciável. A câmara Hasselblad montada no módulo em órbita teve de encontrar o equilíbrio justo entre a iluminação, a profundidade de campo e a focagem para produzir uma composição da superfície lunar próxima, do negro profundo do espaço e da meia esfera brilhante e distante que flutuava como se não tivesse peso.

Uma imagem que é de todos nós, os terrenos. Graças a William Anders, que agora partiu, quem sabe, para outras paragens deste misterioso universo.

Professor catedrático



Opinião
José Manuel Garcia

"Não meças o passado com o presente"

O verso de Camões (*Elegia I*) que aqui citamos revela bem a sabedoria tão simples, como profunda, do Poeta que permanece plenamente atual no seu pensamento. Estamos perante um bom exemplo da necessidade de continuar a manter viva a memória de um homem de "carne e sentidos", como ele dizia, passados que são 500 anos do seu nascimento.

Neste contexto é igualmente de reavivar a lembrança de que também se recordam agora os 500 anos da morte de Vasco da Gama, em 24 de dezembro de 1524, em Cochim, na Índia, 25 anos depois de ter descoberto o caminho marítimo para lá chegar.

A junção dos nomes de Luís de Camões e de Vasco da Gama é tão mais significativa quanto o primeiro usou o segundo como protagonista de *Os Lusíadas*.

> **"A junção dos nomes de Luís de Camões e de Vasco da Gama é tão mais significativa quanto o primeiro usou o segundo como protagonista de *Os Lusíadas*."**

Com estas expressões queremos evocar no presente um passado em que recordamos o ensinamento de Camões ao interpretarmos criticamente a História de forma a evitar anacronismos, pois o que importa fruir é o conhecimento da importância de figuras tão relevantes que marcaram de forma indelével a História Universal.

Na sua singeleza, a mensagem que desejamos passar é tão simplesmente a da necessidade de celebrar e valorizar dois daqueles "que por obras valerosas se vão da lei da morte libertando" e fazem parte da nossa identidade.

Historiador


MIGUEL PEREIRA DA SILVA / GLOBAL IMAGENS

Os comboios só devem voltar no 1.º trimestre do próximo ano, 5 anos após o prazo inicialmente previsto.

Túneis da Beira Alta com problemas têm solução que ficou na gaveta

FERROVIA Em 2014, foi estudada a construção de variantes na linha ferroviária para evitar os túneis de Trezói e de Mourilhe. Novos atrasos nas obras indignam autarcas e empresas de comboios.

TEXTO **DIOGO FERREIRA NUNES**

A reabertura da Linha da Beira Alta foi novamente adiada por causa de dois túneis. Em Trezói (Concelho de Mortágua) e em Mourilhe (Concelho de Mangualde), foram detetados problemas inesperados durante as obras de modernização da linha. Havia, no entanto, a possibilidade de construir duas variantes nos locais, implicando o fecho desses túneis. As propostas constaram de um estudo preliminar de 2014, elaborado pela Refer, antiga gestora ferroviária. Na altura, preparava-se o Plano Estratégico dos Transportes e Infraestruturas 2015-2020 (PETI3+), que viria a ser o documento base do plano de investimentos *Ferrovia 2020*, apresentado em fevereiro de 2016 pela Infraestruturas de Portugal (IP).

Os comboios deixariam de passar no Túnel de Trezói com a construção de uma variante de 18,8 quilómetros entre o Luso e Mortágua. A obra, então orçada em 110,7 milhões de euros (130,9 milhões aos preços de 2024), iria contribuir para um traçado mais suave, permitindo a circulação de comboios com mais passageiros e carga, baixando os custos por viagem. A opção também implicava o fecho de apeadeiros e a mudança de localização da Estação de Mortágua, servida por comboios Intercidades, segundo documento a que o DN/Dinheiro Vivo teve acesso.

A solução ficou para trás e o Túnel de Trezói, de 542 metros de extensão, manteve-se em funcionamento, depois de obras de mais de três milhões de euros em 2017. No entanto, no ano passado, verificou-se que diminuiu a distância entre as paredes do túnel e a altura baixou ligeiramente, denunciou o *Público*. Agora, serão necessárias novas obras no mesmo local.

Também problemático é o antigo Túnel de Mourilhe, que seria encerrado com a construção de uma variante de 13,3 quilómetros, entre Mangualde e Abrunhosa, no valor de 56,3 milhões de euros (66,6 milhões de euros ao preço atual).

Como na outra variante, seria possível aumentar a carga dos comboios de passageiros e de mercadorias. Optou-se pela renovação da via – para baixar os custos de manutenção futuros – e, em Mourilhe, o túnel foi demolido e transformado numa trincheira. Durante a obra, destruiu-se uma rede de canalizações, que escoava a água dos lençóis freáticos. A situação provocou instabilidade na zona e será necessária uma nova intervenção.

A IP não respondeu às questões do DN/Dinheiro Vivo sobre ter deixado de fora a construção destas variantes, a favor das correções de curva ao longo da linha.

Aos problemas com os túneis junta-se ainda um contrato de 15 de abril deste ano relativo ao sistema de sinalização de toda a linha, a executar em 11 meses. Há, por isso, novo atraso na reabertura da Linha da Beira Alta: os comboios só devem voltar no primeiro trimestre do próximo ano, cinco anos após o prazo inicialmente previsto no *Ferrovia 2020* e mais de dois anos depois da data fixada em abril de 2022, quando a ligação ferroviária foi suspensa.

A aceleração das obras e a redução dos custos foram os principais argumentos para a decisão: "Sem a linha encerrada, o prazo mínimo era de três anos e meio [de obras], numa intervenção que seria de elevado risco. O custo acrescido seria de 250 milhões de euros", estimou o vice-presidente da IP, Carlos Fernandes, em maio de 2022, num debate organizado em Mangualde. O responsável alegou ainda que, com a demora acrescida das obras, "haveria risco de perder financiamento".

A um projeto que já começou com quatro anos de atraso, segundo o mesmo responsável, a IP tem justificado os atrasos com os problemas da pandemia de covid-19, os efeitos da guerra na Ucrânia, as dificuldades no fornecimento de materiais, a contratação de subempreiteiros e ainda o roubo de cabos em mais de 30 quilómetros de via. No passado, entre 1993 e 1996/1997, toda a Linha da Beira Alta foi modernizada e eletrificada sem encerramentos.

Indignação geral

Se não houver mais atrasos, são três anos sem comboios na Beira Alta, e todos saem a perder: os autarcas da Mealhada, Guarda e de Almeida já manifestaram o descontentamento dos munícipes junto do JN; a CP já perdeu metade dos passageiros e das receitas na Beira Alta, segundo o *Público*, e a retoma irá demorar.

"Não é aceitável a imprevisibilidade de conclusão das obras, que acarretam já um elevado desvio do prazo inicial", contesta ao DN/DV o diretor-executivo da Associação das Empresas Ferroviárias Portuguesas, Miguel Rebelo de Sousa, que representa os operadores de mercadorias.

O mesmo responsável lamenta ainda que apenas haja compensação sobre os comboios que realizavam serviços na linha antes do encerramento: "Qualquer novo comboio está excluído, o que se torna incompreensível quando os 9 meses iniciais previstos do encerramento não se cumpriram". Além disso, os serviços são desviados para a Linha da Beira Baixa, com menor capacidade de carga face à Beira Alta.

A compensação aos operadores ferroviários de mercadorias é paga pela IP. A mesma entidade também paga à CP pelos contratos de autocarros de substituição dos comboios, que já custaram 7,9 milhões nos últimos dois anos – e não vai ficar por aqui. A IP também está a perder receita das taxas de uso da linha ferroviária. Resta saber se serão aplicadas multas aos empreiteiros das obras em atraso.

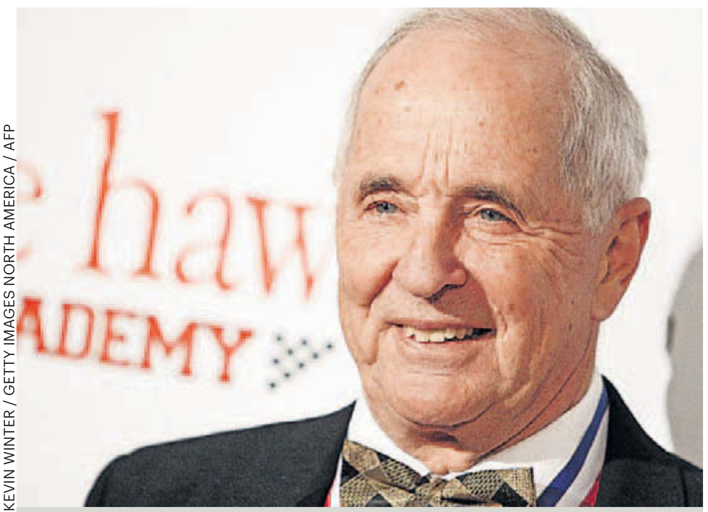
Depois de um investimento de 550 milhões de euros (dois terços de financiamento comunitário), serão recuperados os tempos de viagem do início do século XXI e os comboios de mercadorias poderão circular com 750 metros de comprimento, em vez dos anteriores 400 metros. Está ainda prevista a construção da Concordância da Mealhada: com a ligação direta da Linha do Norte à Linha da Beira Alta, um comboio do Porto até Guarda, por exemplo, deixará de precisar de inverter a marcha na Estação da Pampilhosa.

Mesmo assim, perdeu-se a oportunidade de acelerar mais os comboios, para serem mais competitivos do que o autocarro: já há um serviço direto Coimbra-Guarda em uma hora e 50 minutos, tempo semelhante ao da viagem sobre carris após as obras na Beira Alta, apesar de o autocarro estar limitado a 100 km/h e de o comboio poder atingir os 160 km/h.

geral@dinheirovivo.pt



AFP / NASA



KEVIN WINTER / GETTY IMAGES NORTH AMERICA / AFP

O astronauta que mostrou a Terra a cores

O antigo astronauta da missão *Apollo 8*, em 1968, William Anders morreu na sexta-feira quando o avião que pilotava caiu nas águas ao largo das Ilhas San Juan, no Estado de Washington, disse o filho. Anders, de 90 anos, tirou a primeira imagem a cores da Terra vista do espaço, considerada a responsável por desencadear o movimento ambientalista global por mostrar como o planeta parecia delicado e isolado. De acordo com a Associação Federal de Aviação norte-americana, apenas o piloto estava a bordo do avião Beech A45. As autoridades norte-americanas estão a investigar o acidente.



PAULO SPRANGER / GLOBAL IMAGENS

Os elementos das forças de segurança têm protagonizado várias manifestações, como esta a 19 de fevereiro, no Terreiro do Paço.

Polícias ameaçam avançar para protestos "expressivos"

SUBSÍDIO DE RISCO Sindicatos da PSP e da GNR acusam Governo de manter uma "postura intransigente" e de não valorizar "condição policial".

A plataforma dos sindicatos da PSP e associações da GNR ameaçou avançar de "forma expressiva e dinâmica" para protestos se o Governo "não mostrar um sinal claro e de boa-fé" nas negociações do Subsídio de Risco.

Em comunicado divulgado na noite de sexta-feira, aquela estrutura, que congrega 11 sindicatos da PSP e associações da GNR, acusa o Governo de ter uma "postura intransigente" e de se "recusar a valorizar de forma justa a condição policial" da PSP e da GNR ao apresentar como proposta final um valor de Subsídio de Risco que "fica muito aquém" daquele considerado "mínimo de dignidade" por aquela plataforma.

Na sexta-feira, os elementos da plataforma reuniram-se no Porto para "analisar e reagir à última reunião" com a ministra da Administração Interna, que teve lugar na terça-feira, e na qual Margarida Blasco apresentou uma proposta de Subsídio de Risco "que não vai além dos 300 euros", a pagar até 2026.

Aquela proposta, segundo a plataforma, materializa-se "numa valorização inferior à de um assistente-operacional da Polícia Judiciária (PJ), bem como, originando de forma prática que um guarda ou agente aufira um valor de suplemento pela sua condição policial, inferior a um segurança da Polícia Judiciária, funcionário que não é órgão de Polícia Criminal, nem tão pouco um agente de autoridade".

Face ao proposto pelo Governo, os membros daquela plataforma deliberaram "não poder aceitar qualquer valorização da sua componente do risco, em valor inferior aos 400 euros, somados aos 100 euros que já possuem na atualidade".

> Membros da plataforma deliberaram "não poder aceitar qualquer valorização da sua componente do risco, em valor inferior aos 400 euros, somados aos 100 euros que já possuem na atualidade".

Esta tomada de posição, refere o texto, foi dada a conhecer a Margarida Blasco que, diz a plataforma, ficou "ciente de que, não havendo um sinal claro de boa-fé da parte do Governo, um sinal inequívoco de respeito pelas funções e pelo risco policial, e, em concreto, não restará à Plataforma (...) avançar de forma expressiva e dinâmica para ações de protesto em todo o país".

Os sindicatos da Polícia de Segurança Pública e associações da Guarda Nacional Republicana recusam que o "único argumento" do Executivo seja "uma cega contingência orçamental" e acusam o primeiro-ministro, Luís Montenegro, de estar a "faltar ao compromisso que assumiu" com a plataforma em fevereiro, "data na qual afirmou que iria "reparar" a injustiça criada face aos colegas da PJ".

Segundo o texto, Luís Montenegro "não deu ainda qualquer passo para o concretizar, estando apenas a introduzir uma atenuação ligeira face à enorme desigualdade que foi concretizada".

A plataforma deixa, por isso, um apelo, "tendo em vista uma convergência que amplamente se almeja", para "que se faça um último esforço no sentido de atingir, mais do que um valor de aumento histórico, um valor que seja historicamente digno".

DN/LUSA

"Portugal pode deixar o Brasil melhor e o Brasil pode deixar Portugal maior"

BRASIL ORIGEM WEEK A feira de negócios que decorre no Porto mostrou a cultura, moda, gastronomia e integração de brasileiros e portugueses. Uma relação em que ambos os países ganham, como lembrou ao DN o empresário Marco Lessa.

TEXTO **AMANDA LIMA**

Quem passou pelo WOW, em Vila Nova de Gaia, nos últimos dias pôde conhecer um Brasil que vai além daquele mostrado nas novelas, geralmente com o ambiente do Rio de Janeiro. Cacau do Pará, o doce fruto *jabuticaba* e vinho produzido no Sertão foram alguns dos produtos em exposição na feira de negócios *Brasil Origem Week*. Nas pinturas, onça-pintadas e capivaras decoraram o espaço.

Foi a 1.ª edição do evento, que visa realizar negócios de portugueses no Brasil e vice-versa, mas não só. A programação foi idealizada para unir outros aspetos, como a gastronomia, apresentações culturais, desfiles de moda com marcas brasileiras e fóruns de discussões. Exposições de arte e de fotografia completaram a parte artística do evento.

O primeiro dos fóruns de discussão teve como tema os investimentos entre Brasil e Portugal, tal como a troca de boas-práticas e reflexão sobre como pode ser possível aumentar a balança comercial entre os dois países. Raimundo Carreiro, embaixador do Brasil, destacou que o comércio entre os dois países quase duplicou na última década, mas que ainda há muito por fazer, como a diversificação dos produtos exportados. O diplomata também frisou que Portugal é "naturalmente" uma entrada de fácil acesso para o mercado europeu no geral, além das semelhanças culturais e idioma comum.

No segundo dia, a relação histórica entre Brasil e Portugal foi o destaque, com quatro painéis que uniram especialistas brasileiros e portugueses. O historiador Gonçalves Guimarães falou sobre as trocas mercantis. "A relação vai muito além de produtos. Temos muita presença do Brasil na culinária, nos temperos e das novelas e manifestações culturais", destaca o historiador português, autor de mais de 30 livros.

Ontem, a tarde de discussões foi sobre empreendedorismo feminino. O painel *Empreendedoras além-fronteiras: perspetivas, desafios e triunfos* reuniu quatro empresárias brasileiras que atuam na Europa. Patrícia Lemos, Catarina Zuccaro, Rijarda Aristóteles e Cristina Lambermont falaram sobre a necessidade de conhecer a cultura local para empreender, e sobre a necessidade de adaptação ao mercado e à própria sociedade. "É um recomeço, chegar aqui e reaprender, desapegar de quem éramos no Brasil", explicou Pati Lemos, que deixou a carreira publicitária para viver em Portugal com mais tranquilidade e segurança para a família.

Para Marco Lessa, organizador da feira, a 1.ª edição já superou as expectativas. "O fluxo está bem interessante, regular. E as pessoas, não só de brasileiros, mas brasileiros, portugueses e estrangeiros de outros países, comprando, discutindo negócios futuros, as ações culturais, as atividades relacionadas com as exposições de arte, música, fotografia, muito bem avaliadas e com uma excelente frequência", diz o empresário baiano.

A edição teve *stands* do Governo do Pará e da Bahia. Para 2025, o CEO não tem dúvidas da participação de mais Estados. "Já temos vários contactos para a próxima edição aqui em Portugal, mas também para as feiras que vamos realizar na Bélgica, França e Espanha", ressalta Lessa. A próxima paragem será em Bruxelas, no início de setembro.

Marco Lessa, empresário no ramo do cacau, escolheu Portugal para ser a base dos negócios na Europa. "Se eu soubesse como era já tinha feito antes, eu e a minha família estamos amando morar em Portugal", avalia. O foco dos negócios é a integração entre os dois mercados. "Portugal pode deixar o Brasil melhor e o Brasil pode deixar Portugal maior", destaca.

No final do ano passado, o empresário inaugurou em Vila Nova de Gaia a Casa Brasiliana, o primeiro *hub* de produtos brasileiros no país. O primeiro contentor com mais de 50 tipos de artigos diferentes já atravessou o oceano e foi comercializado no mercado europeu. Além de promover a exportação, Marco auxilia os pequenos produtores a adequarem-se aos padrões exigidos na União Europeia (UE).

"A nossa intenção é contribuir para que isso ocorra, mas de uma forma equilibrada, onde todos ganhem, onde o Brasil possa mostrar toda a sua força e, principalmente, a sua diversidade, qualidade, com seus produtos sustentáveis absolutamente diversificados, plural, em todas as regiões."

A programação do *Brasil Origem Week* encerra hoje, com *show* cozinha, atividades infantis e o ciclo de música *Concertos Além-Mar*. A entrada é livre.

amanda.lima@globalmediagroup.pt



A feira está a ser aproveitada para mostrar a gastronomia e cultura brasileiras.

JOSÉ CARMO / GLOBAL IMAGENS



JOSÉ CARMO / GLOBAL IMAGENS

A forma como Portugal e Brasil podem aumentar a sua cooperação foi um dos temas em análise no *Brasil Origem Week*.

> A programação foi idealizada para unir vários aspetos, como a gastronomia, apresentações culturais, desfiles de moda com marcas brasileiras e fóruns de discussões. Exposições de arte e de fotografia completaram a parte artística do evento, marcado também por fóruns de discussões.



GIL COHEN-MAGEN / AFP

Cartazes afixados em Telavive dos quatro reféns libertados na operação de sábado.

Palestinianos denunciam massacre na libertação de reféns

GAZA Operação "audaciosa" em Nuseirat tirou quatro reféns do cativeiro e deu garrafa de oxigénio a Netanyahu, mas à custa de um "massacre de civis", como criticou Josep Borrell.

TEXTO **CÉSAR AVÓ**

Em Israel celebrou-se a libertação de quatro reféns com um raro momento de unanimidade nacional – "uma grande luz na terrível escuridão", nas palavras do líder da oposição Yair Lapid –, mas na Palestina condenou-se a operação de resgate, que envolveu centenas de militares, polícias e agentes do Shin Bet, o Serviço de Segurança Interna israelita, assim como a alegada participação dos Estados Unidos, e se saldou em pelo menos 210 mortos e 400 feridos, segundo o Hamas. O movimento islamista também diz que vários sequestrados acabaram por morrer. Do lado de Israel também se registou a morte do comandante da unidade de contraterrorismo da polícia, Arnon Zamora.

"Uma operação audaciosa em plena luz do dia, durante a qual [o Exército, o Shin Bet e as polícias] invadiram dois edifícios diferentes no coração da Faixa de Gaza e, sob fogo, resgataram os quatro reféns mantidos pelos terroristas do Hamas. Continuaremos a fazer tudo para que nos devolvam os 120 raptados que ainda se encontram detidos em Gaza", disse o porta-voz das forças israelitas, Daniel Hagari. O mesmo disse ainda que a "missão só estará concluída quando regressarem a casa" os restantes cativos.

"De boa saúde", foram libertados Noa Argamani, de 26 anos, uma estudante universitária que se tornou na imagem dos reféns pois o momento em que os sequestradores a levam de moto do festival de música eletrónica foi visto em todo o mundo; Almog Meir Jan, de 22 anos; Andrey Kozlov, de 27 anos, recém-emigrado da Rússia, e Shlomi Ziv, de 41 anos, ambos estavam a trabalhar na segurança do festival.

Do total de 251 pessoas sequestradas em 7 de outubro pelos grupos armados que agiram em nome do Hamas e da Jihad Islâmica, 116 permanecem cativas em Gaza, incluindo 41 que estarão mortas, segundo o Exército israelita.



BASHAR TALEB / AFP

Destruição à vista em resultado do ataque a Nuseirat. Segundo o Hamas, morreram 210 palestinianos.

Estas estimativas não têm em conta as afirmações do porta-voz das brigadas al-Qassam, o braço armado do Hamas. "O inimigo conseguiu, através de massacres horríveis, libertar alguns dos seus prisioneiros, mas, ao mesmo tempo, matou alguns deles durante a operação", disse Abu Obeida. "A operação representará um grande perigo para os prisioneiros inimigos e terá um impacto devastador nas suas condições e vidas", afirmou ainda.

Já o Hamas fez mira aos Estados Unidos, na sequência da notícia da Axios de que a célula de reféns dos EUA em Israel apoiou o esforço para resgatar os quatro reféns – informação que não foi desmentida pelo conselheiro de segurança Jake Sullivan, ao afirmar que os EUA "apoiam todos os esforços para garantir a libertação dos reféns", o que "inclui negociações em andamento ou outros meios".

Para o movimento que controla Gaza desde 2007, "a participação americana na operação criminosa que foi levada a cabo prova, mais uma vez, o papel cúmplice da Administração americana, a sua plena participação nos crimes de guerra cometidos na Faixa de Gaza". Indiferente às acusações, o presidente Joe Biden afirmou que os EUA não vão parar de trabalhar "até que todos os reféns regressem a casa e se alcance um cessar-fogo".

O ataque do Exército israelita a Nuseirat, que coincidiu com o resgate dos cativos, foi condenado pelo presidente da Autoridade Palestiniana Mahmoud Abbas, que pediu uma sessão de emergência do Conselho de Segurança da ONU na sequência do que chamou de "massacre sangrento", pelo representante diplomático da UE Josep Borrell, e pelos Governos da Jordânia e do Irão.

Segundo o Exército israelita, a operação estaria a ser preparada há semanas. Coincidência, calhou no dia em que o político mais popular de Israel, o ministro Benny Gantz, se preparava para anunciar a sua retirada do Gabinete de Emergência formado após o ataque do Hamas a Israel. Desde abril que Gantz tem vindo a pedir a realização de eleições antecipadas em setembro.

Uma proposta descartada por Netanyahu, que também é rejeitado por multidões em manifestações periódicas, bem como nas sondagens: a mais recente, do Canal 12, mostra que apenas 19% dizem votar num partido que apoie o atual primeiro-ministro. Ciente da fragilidade do Executivo, Netanyahu instou Gantz a permanecer no Governo. "Não desistas da unidade", disse numa mensagem partilhada nas redes sociais depois de, numa conferência de imprensa, ter dito que a operação de resgate dos reféns "vai ficar gravada na história".

cesar.avo@dn.pt



Opinião
Paul Raymund P. Cortes

Um filipino a descobrir Portugal

A minha família e eu chegámos a Lisboa há cerca de seis meses, com perspetivas de Portugal em tons de cinza âmbar – sem saber ao certo o que nos poderia oferecer, que programas e projetos poderíamos empreender aqui, então amorfos e indefinidos. Há anos, quando eu estava no final dos meus 20 anos, a minha esposa e eu, com um filho a reboque, percorremos toda a Europa, deleitando-nos com nossa primeira missão diplomática. Nunca tivemos a boa oportunidade de visitar Portugal, mas como o destino quis, aqui estamos agora, servindo a quarta de nossas longas missões que nos levaram ao Leste Europeu, às Américas e ao Médio Oriente, em lugares onde nunca tínhamos estado ou posto os pés.

Talvez a minha incapacidade de compreender o universo e os seus caminhos me tenha levado a atribuir ao destino o facto de que levaríamos mais de um quarto de século de diplomacia antes de podermos vislumbrar a hipnotizante Lisboa e provar o magnífico Portugal. E, à medida que me imerjo cada vez mais na rica cultura portuguesa, mergulhando nos detalhes únicos da sua história, tradição e pessoas, encontro-me frequentemente a imaginar o que poderia ter acontecido se tivesse vindo para Portugal mais cedo. Será que o destino me teria proporcionado outro posto? Onde poderíamos estar agora? O destino e a história, ao que parece, são uma dupla incómoda ou as chaves douradas que desbloqueiam os paradoxos aos quais rendemos a nossa sabedoria limitada.

Assim como a minha família e Lisboa, as linhas temporais tanto das Filipinas como de Portugal pareciam ser duas linhas paralelas que nunca se encontrariam. Há seis meses, isso foi desmentido quando as nossas linhas se cruzaram após 28 anos de diplomacia filipina. Da mesma forma, as supostas linhas paralelas das Filipinas e Portugal foram também desmentidas com a vida dos migrantes filipinos plenamente integrados em Portugal, o nosso povo lentamente incorporando na sua consciência as tradições e cultura lusófonas, e os portugueses mais do que nunca conscientes dos filipinos.

A história das Filipinas está ligada a Espanha por razões óbvias, a consciência coletiva de muitos filipinos focada no lado maior da Península Ibérica. A sua língua (embora falada por apenas uma minoria nas Filipinas), os seus vinhos, as suas séries da Netflix e o seu povo formam uma mentalidade entre os filipinos que é difícil de ignorar. À medida que fui compreendendo, pouco a pouco, os meus compatriotas em Lisboa, à medida que fui aprendendo a apreciar a vasta gama de vinhos das diversas regiões do país, e à medida que fui lentamente absorvendo a maneira portuguesa de pensar e viver, mais refletia sobre o que poderia ter sido, sobre o que poderia ter acontecido se Magalhães tivesse navegado sob a bandeira portuguesa.

O estudo da história é muitas vezes um caminho complicado. O momento em que se percebe que o destino dos Estados, nações e povos dependia de pequenos detalhes, então considerados minúsculos e inconsequentes, desencadeia uma série de "o que poderia ter sido" e "o que teria acontecido". A história, como todos nós a experienciámos, sempre brinca com a vida das pessoas, nações e Estados.

Tanto Portugal quanto as Filipinas celebram os seus Dias Nacionais com uma diferença de apenas dois dias. Graças a um mundo cada vez mais conectado e global, qualquer coisa filipina e portuguesa não precisa de ser estranha uma à outra nos dias de hoje. Apenas nas últimas semanas, tivemos artistas filipinos compartilhando a nossa música no *Festival Terras das Sombras*, em Mértola, num concerto na Basílica da Estrela, em Lisboa, e exibindo os nossos têxteis e criatividade num evento de moda num dos melhores hotéis de Lisboa.

Mais planos estão em elaboração para que mais música, artes visuais e até mesmo gastronomia filipina encham mais os sentidos de Portugal. Estão a ser estudadas estratégias para trazer vinhos portugueses para Manila e o povo português para as ilhas exuberantes e verdes das Filipinas. Ambos os Governos estão a considerar mais visitas oficiais entre si. Entre as nossas universidades estão a ser assinados acordos para trocas ainda mais intensas de profissionais académicos e parcerias em várias áreas de pesquisa.

As relações entre os nossos países estão numa trajetória ascendente com muitas mais interações entre os nossos povos, os nossos Governos e as nossas sociedades, desde que as Filipinas reabriram sua Embaixada aqui em Lisboa, há exatamente 15 anos. A minha família, Lisboa, as Filipinas e Portugal – todos se entrelaçaram numa deslumbrante exibição de uma linha que interceta um plano não apenas uma ou duas vezes, mas infinitas vezes. Meio ano em Portugal, a história da minha família está a tornar-se mais vibrante, mais elétrica e mais promissora. Esses detalhes aparentemente minúsculos e inconsequentes, de facto, convergiram num magnífico jogo entre a dupla incómoda, mas dourada, do destino e da história.

Embaixador das Filipinas



Opinião
Ana Carina Franco

O *Africa Tour* de Lavrov – consolidação dos primeiros passos para uma estratégica russa para o continente?

O ministro dos Negócios Estrangeiros russo, Lavrov, iniciou esta semana uma visita de Estado ao continente africano (a sexta num período de dois anos), viajando até à Guiné, ao Burkina Faso, ao Chade e à República do Congo. Acompanhado por aquele se que tornou *de facto* o dirigente do *Africa Corps*, Averyanov, o ministro Adjunto da Defesa Yevkurov tinha já iniciado, a 31 de maio, visitas à Líbia, ao Mali e ao Níger.

A Federação Russa procura novos parceiros económicos e mercados, assim como novas alianças estratégicas. Para alguns, criou-se um espaço "salutar", de concorrência, numa lógica de "oferta-procura" alinhada com interesses de diferentes nações, e, no caso russo, com uma visão agora de longo prazo. Tal foi impulsionado não só pelo fim da empresa privada militar *Wagner* e, subsequente, criação do *Africa Corps*, mas também pela redução do espaço de cooperação dos parceiros europeus e norte-americanos com vários Governos africanos, em particular no espaço francófono e em países liderados por juntas militares.

Na verdade, a presença militar russa em África conheceu um significativo desenvolvimento. Era já o principal exportador de armas para África (40% do mercado entre 2018-2022). Este ano, estabeleceu a sua primeira base militar no continente, no Burkina Faso – um dos países que compõem a Aliança dos Estados do Sahel (AES) e onde a influência russa era, até recentemente, pouco descortinável.

Na Guiné e na República do Congo, consolidou relações de longa data. No primeiro, tem um importante parceiro comercial para fornecimento de minerais e, no segundo, um aliado político com influência no continente.

No Chade, as eleições organizadas em maio vieram legitimar o regime de Mahamat Déby (que tomou o poder em 2021 no seguimento do falecimento do presidente Déby, seu pai).

Próximo da AES, o Chade mantém ainda uma relação privilegiada com França. A visita de Lavrov representou um reinício das relações Chade-Rússia, depois do *Wagner* (conhecido por agir de forma independente, mas frequentemente ao serviço do Kremlin) ter, no passado, apoiado rebeldes chadianos.

Excluídos desta visita de Lavrov ficaram dois parceiros africanos estratégicos, onde o fim do *Wagner* ditou também um realinhamento da política russa: a República Centro-Africana (RCA) e o Sudão. A RCA constitui um caso relevante de influência russa no continente. Ainda que não existisse um acordo formal entre os Governos centro-africano e russo, a presença russa existia, de facto, sendo, há muito, um parceiro estrangeiro incontornável (através do aconselhamento militar, mas também político e económico) para o presidente Touadera.

Porém, apesar da influência, nomeadamente através do *Wagner*, em termos de negócios, incluindo acesso a recursos mineiros, e junto da Administração centro-africana, os ganhos políticos para o estado russo não foram significativos.

Onde o xadrez estratégico mais se manifesta é no Sudão e, consequentemente, no Mar Vermelho. O regime russo era já próximo do presidente Bashir, tendo, juntamente com o Sudão, facilitado os acordos de paz para a RCA em 2016. Elementos do *Wagner* marcaram presença no Sudão a partir de 2018, inicialmente com o objetivo oficial de garantir a segurança de minas de ouro. Se, por um lado, o *Wagner* estabeleceu uma relação próxima com Hemetti, atualmente, a Rússia apoia o general al-Burhane.

Na verdade, Moscovo deseja, há muito, ganhar acesso a um porto no Sudão com ligação ao Mar Vermelho, contribuindo para a sua expansão no Mar Mediterrâneo, e para o potencial posicionamento enquanto potência naval no Oceano Índico Ocidental – assim rivalizando com os Estados Unidos da América, União Europeia e Turquia.

O (re)posicionamento da Rússia no continente mostra uma vontade crescente de se apresentar como alternativa às parcerias ditas tradicionais dos regimes africanos, sobretudo com países da Aliança Atlântica. A par da existência de novos e maiores mercados beneficiando tanto a Rússia como os seus parceiros africanos, espera-se que a pegada militar russa no continente conheça uma sedimentação no quadro de uma parceria mais estratégica, mas, ainda assim, estabelecida caso a caso.

Analista e Investigadora IPRI-NOVA
afranco@fcsh.unl.pt

Fernando Aramburu

"Nasci numa ditadura, por isso agarro-me à democracia como um náufrago a um objeto flutuante"

ESPANHA O escritor espanhol, nascido em San Sebastián em 1959 e a viver na Alemanha desde 1985, regressa ao País Basco natal e à violência da ETA em *Filhos da Fábula*. De passagem por Lisboa para a *Feira do Livro*, conversou com o DN sobre a sua última obra, da política basca e do independentismo, mas não do catalão. "Aborrece-me muito", disse.

ENTREVISTA **SUSANA SALVADOR**



GERARDO SANTOS / GLOBAL IMAGENS

Em *Filhos da Fábula*, que acaba de publicar em Portugal, regressa ao País Basco e à violência da ETA, que já tinha tocado no seu grande sucesso *Pátria*. Mas, desta vez, recorre ao humor para contar a história de dois jovens acabados de entrar no grupo terrorista, que estão isolados numa quinta em França quando a ETA anuncia o fim da luta armada. Por quê usar o humor para contar esta história?
Para entender esta história é preciso perceber que ela faz parte de uma série. Este é o terceiro título [o quarto já foi publicado em Espanha]. Uma série de novelas curtas. Em cada uma delas abordo um aspeto, uma época determinada da história do meu país, do País Basco. Sempre histórias protagonizadas por pessoas normais, por cidadãos comuns, que não são protagonistas da História, são pessoas que a recebem. E esta é uma dessas histórias. Eu tinha um velho projeto de combinar uma história de terrorismo com o humor. E isto não me parecia fácil. Então consultei uma vítima de terrorismo, apresentei-lhe o plano e disse-lhe que neste livro, ainda não escrito, haveria humor, mas este humor estaria dirigido contra os agressores, que não haveria vítimas na novela e que os aspirantes a terroristas não cometeriam nenhum atentado real. Então essa pessoa deu-me a sua aprovação. E foi isso que fiz. Contei um drama, porque na realidade é um drama, com elementos humorísticos. Estes elementos humorísticos não são de comédia, quer dizer, não há anedotas, não há piadas. O que há é uma determinada lógica absurda de uns rapazes que querem ser heróis, mas não têm experiência, não têm dinheiro, não têm armas. Então, não tenho de introduzir intencionalmente o humor, basta fazê-los seguir esta lógica absurda para que o efeito seja humorístico. Mas, no final da novela, é o que é, e não é para rir.

O livro acaba por ser uma paródia da situação.
No princípio é uma paródia. O fanatismo é muito facilmente parodiável. Basta puxar por ele um pouco, porque a incongruência sobre a qual normalmente se baseia leva a atitudes exageradas ou ridículas, ou pouco subtis.

> *"O fanatismo é muito facilmente parodiável. Basta puxar por ele um pouco, porque a incongruência sobre a qual normalmente se baseia leva a atitudes exageradas ou ridículas, ou pouco subtis."*

E conheceu muitos jovens como Asier e Joseba, as suas personagens, na sua infância?
Sei que houve muitos como eles. E se procurar um pouco histórias internas do grupo, vai descobrir que houve histórias realmente ridículas, mas que não risíveis porque a intenção era má. Comandos desajeitados, militantes inexperientes a quem explodia um artefacto, porque estavam a manuseá-lo sem conhecimento, comandos que se enganavam nas vítimas e matavam outra pessoa... Não é para rir, claro, mas as ações eram ridículas.

Eles próprios acabam também vítimas da ideologia, da ideia que tinha a ETA de usar a violência para conseguir a independência...
Bom, esta é uma convicção que tenho. Se um cidadão, mediante o estudo, a reflexão, a cultura, não se forma a si mesmo, corre o perigo de encarnar ideias de outros, que outros prepararam e que determinam o seu comportamento. Não há problema se este comportamento é pacífico. Se vai à igreja e reza e tem uma compensação de tipo espiritual, isso parece-me muito bem. Agora, se introduzem uma ideologia, isto é, uma fábula, uma versão da realidade que te leva a causar dano aos outros, isto



já não é tão agradável. E se, além disso, no exercício dessa ação a que te induzem, perdes a vida ou sacrificas o teu bem-estar pessoal, causas tristeza à tua família, então sim pode dizer-se que estas pessoas são vítimas. Mas não são vítimas da mesma categoria das vítimas que eles criam. E isto é uma convicção que tenho e que não exijo que ninguém partilhe. Mas eu cresci na minha cidade natal de San Sebastián e eu vi isso. Como alguns estragaram a sua vida e a vida de outros porque os convenceram a pegar nas armas.

Num plano diferente, acha que hoje as pessoas também são arrastadas pelas ideologias, nomeadamente políticas?

É inevitável. Somos uma espécie que precisa de fábulas, precisa de histórias, precisa de relatos para compreender a realidade. Por isso, qualquer um de nós nasce com a mente em branco, com a consciência em branco e, em seguida, desde o primeiro minuto, os adultos começam a escrever a nossa consciência. Transmitem-nos um idioma, talvez uma religião, uns costumes... Isto é, o ser humano não é um ser autónomo que se cria a si mesmo. É verdade que se pode autocorrigir, que pode mudar, pode melhorar ou aperfeiçoar-se mediante o estudo, o contacto com os outros. Mas todos nós vemos a realidade a partir de uma série de preconceitos, de juízos prévios. Isto é inevitável. Agora, como antídoto, nós, depois de longos milénios de civilização, inventámos a democracia. Sabemos que, para além das convicções que alguém tenha, existem regras para todos que devem ser respeitadas. E essas regras permitem-nos viver juntos. E isto é o que o fanático não aceita. Porque considera que tem razão e porque a realidade tem de ser como ele a vê ou acredita que deve ser. E isso causa sempre problemas.

E não acha que esse fanatismo, de um lado e do outro na política, torna mais difícil o diálogo?

É que o caminho civilizatório, desde o símio original até ao homem que é capaz de viver em sociedade com direitos, com valores, não é retilíneo. Há momentos em que avança, há momentos em que recua. E agora parece que, na Europa, há um cansaço da democracia. Há gerações que nasceram em democracia e talvez não a valorizem em pleno pelo seu valor. Eu nasci numa ditadura, vivi 16 anos numa ditadura, por isso agarro-me à democracia como um náufrago a um objeto flutuante. Porque sei que fora da democracia começa o inferno, começa o governo dos mais fortes e dos mais brutos. E por isso também estou preocupado pelo facto de se questionar agora a democracia, isto é, as normas comuns para todos na Europa. Mas não sou um político, não tenho solução, sou só um eleitor. Eu expresso-me através da literatura.

Nas últimas eleições no País Basco, o Bildu, herdeiro político da Batasuna, teve os melhores resultados da sua história, empatando em deputados no Parlamento com o Partido Nacionalista Basco. Preocupa-o que um partido que não condenou a violência da ETA, que chegou a ter nas suas listas condenados por assassinatos, possa um dia ganhar e governar no País Basco?

Não gostaria que acontecesse, mas não me preocuparia como me teria preocupado há 15 anos. Na altura isso ter-me-ia assustado muito. Mas é o que temos. Além disso, parece-me previsível, porque são muito habilidosos e são muito atrativos para os jovens. Pensemos que a vida atual não é particularmente excitante para os jovens, para as gerações que todas as manhãs têm o pequeno-almoço em cima da mesa, que têm a escola à sua disposição, que têm facilidade para viajar, que têm uma enorme oferta de ócio. Então como entusiasmar os jovens? Estes partidos, que parecem ter um discurso agressivo e muito bem pensado para atrair os jovens, triunfam. De qualquer forma, ao mesmo tempo baixam a intensidade da sua utopia. Isto também é preciso ter em conta. É que, às vezes, só é preciso deixar alguém fazer o que quer para que ele próprio traia os seus ideais. Desaparecida a violência, procuro estar informado, mas já não tenho a mente nesse tema como antes.

Mas teria sido melhor se tivesse criticado a violência?

Eles saberão. O que cicatriza mal pode abrir-se em qualquer momento. É isso que prova a história.

Falou desse impacto que têm nos jovens...

Bom, também não podemos deitar a culpa todos aos jovens, porque também têm uma base de eleitores de toda a vida. E temos de reconhecer que fizeram as coisas bem, escolheram um líder muito jovem, que não está manchado pela história do passado. Ouvimos os seus discursos e já não fala de utopias. Fala de habitação, de saúde, de temas práticos. Por isso, claro, o aspeto que dão é de verdadeiros gestores da sociedade e não de pessoas que vêm mudar tudo e impor uma utopia.

"O projeto da independência [do País Basco] nunca me convenceu. Eu só conheci esse projeto vinculado com a violência. Portanto, com isso já está manchado, torna-se pouco desejável."

Saiu do País Basco e de Espanha há muitos anos, ainda jovem, e foi viver para a Alemanha. Mas se houvesse a oportunidade de, sem violência, ter a independência do País Basco, era algo que gostaria de ver?

Não, o projeto da independência nunca me convenceu. Eu só conheci esse projeto vinculado com a violência. Portanto, com isso já está manchado, torna-se pouco desejável. É que, por razões que não consigo explicar, sou um homem centrípeto. Ou seja, eu aprendi desde muito cedo que o mundo não termina no final da minha rua, mas que há outros países, outras gentes. Sempre tentei sair de mim, sair do conhecido, do estático e conhecer outras pessoas. Estou casado com uma alemã, passei mais de metade da minha vida na Alemanha, tenho amigos em todas as partes. O que eu gosto é do Espaço Schengen, é do euro, que me permite pagar aqui em Lisboa com a moeda que me deu o padeiro alemão. Isto não quer dizer que menospreze as culturas locais, pelo contrário. Mas eu acho que o local tem de servir para oferecer ao outro. Quer dizer, eu vou junto do outro e digo: "Bom, eu sou assim, são assim as minhas danças, este é o meu idioma, a minha gastronomia, ofereço-vos isto." Em vez de me fechar dentro de umas fronteiras e fazer com que tudo o que entre ali tenha de cumprir determinados requisitos. Não gosto disso.

Cresceu ainda em ditadura, quando a língua, a cultura basca não eram apoiadas. Não é esse o caso agora.

Sim, aprende-se a língua nas escolas, há rádios, há televisão, há uma normalização. Isso parece-me bem. A situação é hoje totalmente diferente.

Na semana passada, o Congresso espanhol aprovou a lei final da amnistia para os independentistas catalães. Como vê o processo independentista na Catalunha?

Aborrece-me, aborrece-me muito. Não quero dar a minha opinião. Aborrece-me muitíssimo. É uma questão de obter sete votos para ter maioria no Congresso. Agora adorná-lo de retórica e de justificações não me interessa falar.

Voltando então aos livros, ficará sempre ligado a *Pátria*. Como é que as coisas mudaram com a adaptação desse livro a uma série da HBO?

A adaptação está muito bem feita. Mas sim, eu sou sempre o autor de *Pátria*. Já disse ao meu editor para, no futuro, não meter o meu nome e apelido, só "autor de *Pátria*", para que as pessoas me identifiquem mais rapidamente. Estou a brincar. A verdade é que estou muito agradecido a esse livro. E a série voltou a tornar o livro atual. Mas não tive qualquer participação, não o quis fazer. Deixei que o fizessem e fizeram-no muito bem. O livro abriu-me muitas portas. Estou em Portugal graças a esse livro.

Mas tem pena de as pessoas não conhecerem outros livros seus?

Não, se os meus outros livros são valiosos, se as pessoas não os leem o problema é delas, não meu. Eu escrevo os meus livros todos com o mesmo esmero. Uns têm mais êxito que outros. Se gostam, fico feliz. Se não gostam, o que vou fazer. Mas estou muito agradecido a esse livro. Porque me deu algo que não tinha antes, os leitores. E uma diversificação internacional que não tinha, nem em sonhos.

E também escreve uma crónica no *El País*. Como é essa experiência?

Há mais de um ano que escrevo uma coluna. É como um brinquedo, aproveito para escrever sobre o que me apetece. É bom poder fazê-lo sem ser num livro. Às vezes abordo um tema atual, outras algo pessoal, uma experiência que tive, um livro que li... Não sou jornalista, não o menosprezo. Mas não tenho preparação de jornalista, não informo e nem sou um bom analista. O que tenho é uma perspetiva e uma prosa.

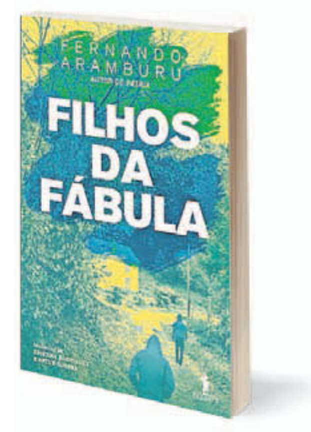
E uma voz, que é importante?

E uma voz, efetivamente. Então, com estes simples elementos, encho um pequeno buraco no *El País* todas as terças-feiras. E gosto muito.

E já tem pensado o próximo livro?

Não. Eu tenho livros inéditos em repouso. É provável que volte a um deles. Eu tenho sempre livros a mais. *Filhos da Fábula* estava acabado dois anos antes de publicar. Então, quando quero vou recuperá-lo e, a partir de outro estado de espírito e de outra perspetiva faço a revisão, tiro coisas, ponho coisas. E, normalmente, acho que os livros melhoram com as revisões.

susana.f.salvador@dn.pt



FILHOS DA FÁBULA
Fernando Aramburu
Dom Quixote
256 páginas
18,80 euros



Análise
Germano Almeida

A hora da Europa

As celebrações dos 80 anos do *Dia D* fizeram-nos lembrar que ainda não estamos em condições de responder a uma questão fundamental: até onde estaremos dispostos a ir e o que estaremos dispostos a fazer, que sacrifícios a tomar para defender os nossos valores?

O que seremos capazes de fazer se os nossos valores e o nosso modo de vida ficarem, um dia, verdadeiramente em causa?

Sabemos mesmo responder a isto?

Antes de 24 de fevereiro de 2022, a maioria das pessoas não acreditava que a Rússia fosse invadir a Ucrânia. Mas isso aconteceu.

É provável que a Rússia faça isso a um país da NATO? Aos dias de hoje, a resposta será: ainda não. Mas é preciso olhar para o *ainda*.

Se a Rússia for bem-sucedida na agressão na Ucrânia, o que levaria Vladimir Putin a parar por ali, se sentisse vulnerabilidade militar, política, até psicológica, do nosso espaço NATO?

Como bem costuma avisar o chefe do Pentágono, o general Lloyd Austin: "Neste mundo imperfeito e cheio de ameaças crescentes, a dissuasão só pode ser feita através da força."

É isso que temos de perceber.

Ao olharmos para os sobreviventes, hoje no limiar dos 100 anos (tinham 18, 19 ou 20 em junho de 1944), damos conta da imensa coragem, da bravura quase inimaginável que tiveram de ter para desembarcar em praias onde nunca tinham estado, sabendo da alta probabilidade de serem alvejados pelos nazis – os que antes não tivessem sido apanhados pelo mar.

Durante décadas, recordámos este momento épico a ver documentários ou filmes como *O Resgate do Soldado Ryan* (Steven Spielberg, 1998) ou *O Desafio das Águias* (Brian Hutton, 1968) ou *O Mais Longo dos Dias* (Ken Annakin, Andrew Marton, Bernhard Wicki, 1962).

Pensámos que esse momento ficaria guardado aí, num passado distante e inatingível, remetido à memória e à dimensão épica que só o cinema nos consegue transmitir.

Não é o caso.

Oito décadas depois, a Europa voltou a estar em guerra. Para quem ainda não percebeu vou escrever outra vez: a Europa voltou a estar em guerra.

Novo momento existencial

No discurso de sexta de manhã, na Assembleia Nacional Francesa, o presidente Zelensky lançou o aviso: "O que está a acontecer na Ucrânia pode suceder no resto do espaço europeu se a Rússia não for travada. É uma hora existencial para a Ucrânia e deverá ser também para a Europa, se não fizermos o que é certo."

Nesse sentido, a analogia entre o *Dia D* e a resistência dos ucranianos ao invasor russo – parecendo exagerada num primeiro momento – faz todo o sentido. A dimensão da ocupação da Alemanha nazi de Hitler era muito maior no território europeu do que a da Rússia de Putin sobre a Ucrânia – mas o caminho e o que nele está causa, infelizmente, é similar e comparável.

Esperemos que não venha a ser ainda equiparado, num futuro próximo.

Precisamos da Europa

As eleições de hoje (ou melhor, que terminam hoje, uma vez que no todo dos 27 Estados-membros se estenderam entre 6 e 9 de junho) têm, por isso, um contexto muito especial.

"Esta batalha é uma encruzilhada para a Europa", avisava Zelensky no Parlamento francês. A Europa "já não é um continente de paz". O presidente ucraniano alertou para o regresso da "guerra, das deportações e do ódio" e não se coibiu de comparar Putin a Hitler.

Se achamos essa comparação exagerada ou se concordamos com ela não é, de todo, relevante. Porque a ameaça passou a estar cá.

Com o devido respeito por temas que são, obviamente, complexos e muito relevantes para a realidade dos 360 milhões de eleitores europeus – como o *Pacto Migratório*, a ativação dos PRR pós-covid, o acesso à habitação, a Inovação e o Conhecimento ou as transições digital e ecológica –, estas Eleições Europeias terão um tema dominante e crucial: como iremos, nos próximos anos, preparar a Europa para uma ameaça real de expansão da agressão russa, neste momento cingida ao palco ucraniano? Como iremos garantir a autonomia estratégica, de modo a criar uma estratégia de Defesa Europeia Comum, sem depender da capacidade da indústria militar norte-americana?

Se não formos capazes de responder a estas inquietações no espaço de cinco anos, a UE corre mesmo o risco de ver abaladas as fundações do seu fabuloso projeto de construção democrática.

A previsível ascensão de forças populistas e extremistas aumenta o desafio – mas não compromete o objetivo. A boa notícia é que o *Brexit*, claramente mais prejudicial a quem o provocou, foi vacina para outros países que poderiam querer seguir caminho idêntico, caso os britânicos tivessem tido bons frutos no divórcio com a Europa. Húngaros, eslovacos, polacos, outros nacionais de Estados-membros com fortes correntes antieuropeias não colocam, hoje em dia, a saída como hipótese real: preferem tentar mudar a Europa por dentro, mas percebem que não há nada melhor do que estar dentro dos 27.

Precisamos da Europa. Mesmo os que dizem não gostar dela.

Alargamento: preparar uma nova Europa

Para lá das mudanças políticas, espera-se uma nova Europa: ditada pelo alargamento, um risco conjuntural, mas, acima de tudo, uma opção estratégica fundamental para dar resposta aos desafios geopolíticos decorrentes da ameaça russa.

Putin quer a desintegração da Europa. A Europa terá de responder, nos próximos anos, com mais uma demonstração de pujança e capacidade de atração, ao acolher no seu seio a Ucrânia, a Moldávia, a Geórgia e os restantes países da parceria oriental e dos Balcãs Ocidentais, que há mais anos aguardam pela entrada (Sérvia, Macedónia do Norte, Bósnia, o Kosovo, Montenegro).

Há riscos na entrada destes países? Claro que sim. Será necessária uma reforma institucional, a distribuição dos fundos conhecerá grandes transformações.

Mas os benefícios serão muito maiores: já imaginaram o que seria se Croácia (entrou em 2013), Bulgária e Roménia (2007), Chipre, Eslováquia, Eslovénia, Estónia, Hungria, Letónia, Lituânia, Malta, Polónia e República Checa (2004) estivessem hoje fora do espaço europeu? O que isso significaria na projeção da ameaça russa no flanco Leste?

O alargamento promoverá um aumento da prosperidade e das oportunidades para os cidadãos e as empresas europeus, uma voz mais forte na cena mundial, uma maior diversidade cultural, o reforço da democracia, do Estado de Direito e dos Direitos Humanos. Acima de tudo, trata-se de um investimento na paz e na segurança na Europa.

Na semana passada, Portugal juntou-se a mais 11 Estados-membros numa carta conjunta à presidência semestral belga da UE apelando à convocação, em junho, da Conferência Intergovernamental para negociar as adesões da Ucrânia e da Moldávia. "Apelamos conjuntamente à adoção dos quadros de negociação para a Ucrânia e a Moldávia pelo Conselho dos Assuntos Gerais, o mais tardar em junho, a fim de convocar conferências intergovernamentais com ambos os países até ao final de junho de 2024", escrevem o ministro dos Negócios Estrangeiros, Paulo Rangel, juntamente com os seus homólogos da Alemanha, Eslováquia, Eslovénia, Estónia, Finlândia, Letónia, Lituânia, Polónia, República Checa, Roménia e Suécia. Os ministros dos 12 Estados-membros consideram que "a abertura das negociações de adesão traria uma motivação adicional tanto para a Ucrânia como para a Moldávia", nomeadamente considerando "a terrível situação no terreno na Ucrânia e a proximidade das Eleições Presidenciais e do referendo sobre a UE na Moldávia".

Anteontem, no encontro em Paris, Macron deu a Zelensky a garantia de que a França fará tudo para acelerar esse processo.

A Ucrânia é a nossa defesa avançada

A Ucrânia tem sido a nossa defesa avançada. Está a lutar por nós.

Teremos, nos próximos cinco anos, de ser capazes de nos prepararmos para o resto. Ganhar escala, tomar opções, não fechar portas a Pequim, muito menos a Washington – mas conseguir seguir em frente sem depender dessas duas capitais.

Macron foi o primeiro a percebê-lo com clareza. Só que ele vai sair do Eliseu a meio desse ciclo de cinco anos. Têm de aparecer mais líderes europeus com a sua clarividência e determinação – Donald Tusk e Sikorski (primeiro-ministro e chefe da diplomacia da Polónia) têm dito as coisas certas. Precisam de mais aliados.

O relógio está a contar: chegou a hora da Europa.

Especialista em Política Internacional



ÁLVARO ISIDORO / GLOBAL IMAGENS

O desalento de Bernardo Silva e Nélson Semedo perante a festa dos croatas.

ESTÁDIO NACIONAL (JAMOR)
ÁRBITRO HARM OSMERS (ALEMANHA)

PORTUGAL	CROÁCIA
1	2
DIOGO COSTA	DOMINIK LIVAKOVIC
DIOGO DALOT (46')	JOSIP STANISIC
RÚBEN DIAS	JOSIP SUTALO
GONÇALO INÁCIO	MARIN PONGRACIC
NUNO MENDES (46')	JOSKO GVARDIOL
JOÃO PALHINHA	MARCELO BROZOVIC (75')
VITINHA (85')	LUKA MODRIC (54')
BRUNO FERNANDES (70')	MATEO KOVACIC (75')
BERNARDO SILVA	LOVRO MAJER (54')
GONÇALO RAMOS (46')	ANTE BUDIMIR (67')
JOÃO FÉLIX (46')	ANDREJ KRAMARIC (54')
TREINADOR	**TREINADOR**
ROBERTO MARTÍNEZ	ZLATKO DALIC
SUBSTITUIÇÕES	**SUBSTITUIÇÕES**
NÉLSON SEMEDO (46')	PERISIC (54')
JOÃO CANCELO (46')	SUCIC (54')
RAFAEL LEÃO (46')	PASALIC (54')
DIOGO JOTA (46')	PETKOVIC (67')
PEDRO NETO (70')	VLASIC (75')
MATHEUS NUNES (85')	IVANUSEC (75')

GOLOS: LUKA MODRIC (8' GP), DIOGO JOTA (48') E BUDIMIR (56').

CARTÕES AMARELOS: ANTE BULIMIR (39'), BROZOVIC (59') JOÃO CANCELO (77') E IVANUSEC (90'+1)

Portugal falha no teste mais difícil e há muito para retificar até ao Euro

SELEÇÃO Derrota com a Croácia no Jamor com uma primeira parte para esquecer. Fragilidades na defesa, pouca dinâmica no ataque, são apenas alguns aspetos para Martínez tirar notas.

TEXTO **NUNO FERNANDES**

Com uma primeira parte demasiado fraca onde não fez um único remate enquadrado à baliza, e um segundo tempo assim-assim, Portugal foi ontem derrotado pela Croácia por 1-2, num desafio que teve como palco o Estádio Nacional, que completa 80 anos amanhã e que não recebia um jogo da seleção há uma década. Não foi, de todo, um bom teste para o Campeonato da Europa, desta vez diante de uma seleção com pergaminhos e que também vai estar presente na competição, que se realiza na Alemanha entre 14 de junho e 14 de julho.

Fica um indicador importante: foi apenas a segunda derrota da era Martínez, mas provavelmente frente ao adversário mais difícil que a seleção defrontou com o espanhol como selecionador. Até ao Euro ainda há mais um jogo de preparação (quarta-feira com a Rep. Irlanda), e fica a ideia de que há ainda vários pontos a melhorar, como a finalização e a ligação entre setores.

Em relação ao particular de terça-feira com a Finlândia, o selecionador Roberto Martínez fez sete alterações. Saíram José Sá, João Cancelo, António Silva, João Neves, Francisco Conceição, Jota e Leão. Entraram Diogo Costa, Dalot, Inácio, Bruno Fernandes, Félix, Ramos e Bernardo Silva (foi o capitão). No onze mantiveram-se Rúben Dias, Nuno Mendes, Vitinha e Palhinha.

A Croácia entrou bem e colocou-se em vantagem logo aos oito minutos, através de uma grande penalidade convertida por Luka Modric, a castigar um *lance* duvidoso onde terá havido um toque de Vitinha em Kovavic. Foi a primeira vez na era Roberto Martínez que a seleção portuguesa sofreu um golo na primeira parte de um jogo.

Portugal demonstrou sempre grandes dificuldades em sair para o ataque e em criar *lances* de perigo, sempre muito previsível e com um meio-campo algo apático, ao contrário dos croatas, que quer em ataque continuado, quer em contra-ataques, iam lançado pânico junto à baliza de Diogo Costa, que aos 13' foi obrigado a aplicar-se a um remate de Majer e aos 21' viu um remate de Gvardiol sair um pouco ao lado.

> *"Foi um jogo de muitas incidências táticas. É um resultado negativo, mas precisamos de analisar e acho que há muitas notas positivas. Para a nossa preparação foi muito positivo."*
>
> ***Roberto Martínez***
> *Selecionador de Portugal*

Perto do intervalo, aos 43', novo grande susto, com Diogo Costa outra vez a ter de se aplicar para impedir o golo de Kramaric – na recarga Budimir cabeceou ao lado. O primeiro tempo acabou com um remate ao lado de Bruno Fernandes e a estatística dos primeiros 45 minutos dizia muito: 11 tentativas de golo para os croatas contra apenas cinco de Portugal, que não fez um único remate enquadrado à baliza.

Era preciso mais dinâmica, sobretudo no ataque, e Roberto Martínez fez várias alterações ao intervalo – saíram Diogo Dalot, João Félix, Gonçalo Ramos e Nuno Mendes, e entraram Nélson Semedo, Rafael Leão, Diogo Jota e Cancelo.

Dito e feito. Portugal marcou o golo do empate logo aos 48' através de dois jogadores que tinham acabado de entrar, com Nélson Semedo a assistir Diogo Jota que só teve de empurrar para a baliza.

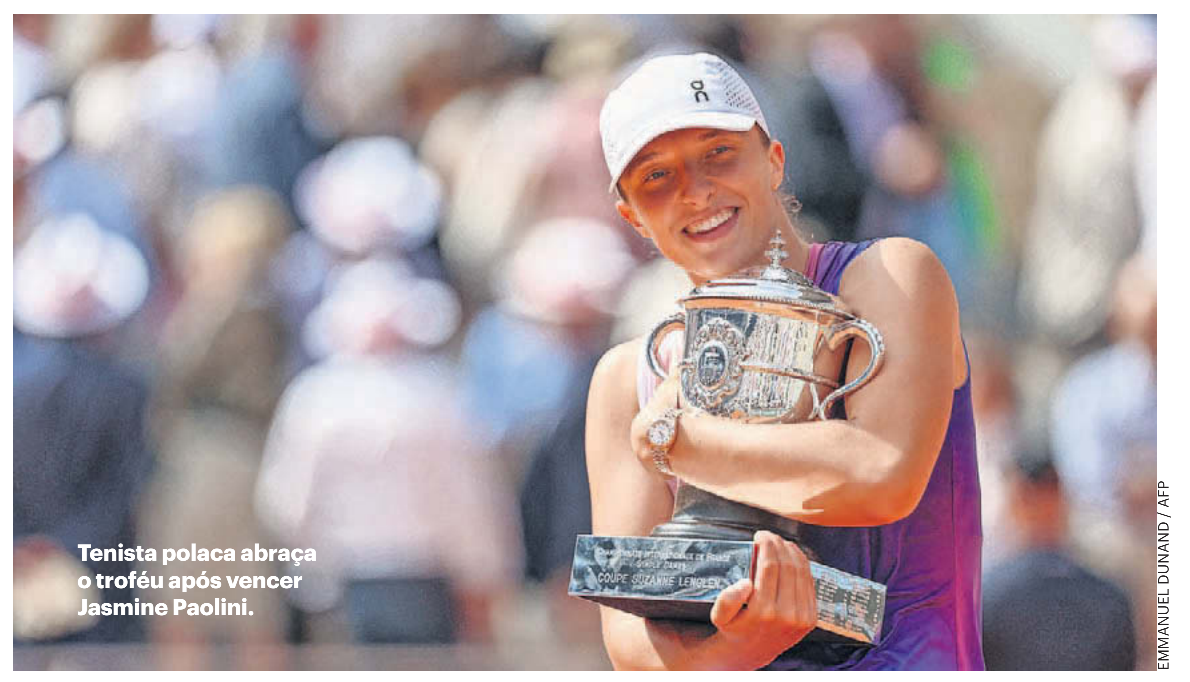
Mas numa altura em que parecia que a seleção podia dar a volta ao texto, a Croácia voltou a colocar-se vantagem aos 56'. Após um remate forte de Pasalic à barra, Budimir, livre de marcação, marcou de cabeça. Tal como no jogo com a Finlândia, a equipa voltou a mostrar fragilidades defensivas.

O golo croata, porém, não tirou ânimo à seleção portuguesa, que no espaço de dois minutos dispôs de três boas ocasiões para chegar ao empate, por Bernardo Silva, Rúben Dias e Diogo Jota.

Martínez ainda lançou Pedro Neto para o ataque, mas a melhor ocasião pertenceu aos croatas, com nova grande defesa de Diogo Costa (a defesa ficou a dormir) a remate de Susic. Já perto do final, Rúben Dias teve uma soberana oportunidade para empatar, e Diogo Costa com mais uma boa intervenção impediu o terceiro dos croatas.

O apito final chegou e com um aviso: com a fase final do Euro à porta, é preciso retificar erros, porque as seleções que estão no Europeu têm muito mais valor do que aquelas que Portugal passou a ferro na fase de qualificação.

nuno.fernandes@dn.pt



Tenista polaca abraça o troféu após vencer Jasmine Paolini.

EMMANUEL DUNAND / AFP

Iga Swiatek volta a ser coroada rainha de Paris

TÉNIS A polaca, N.º 1 Mundial, bateu na final Paolini e conquistou pela quarta vez Roland Garros. Alcaraz e Zverev discutem hoje título masculino.

TEXTO **NUNO FERNANDES**

A tenista polaca Iga Swiatek, N.º 1 Mundial, conquistou ontem pela quarta vez (a terceira consecutiva), em quatro presenças na final, o Torneio de Roland Garros, segundo *Grand Slam* da temporada, ao derrotar a italiana Jasmine Paolini em dois *sets* na final.

Swiatek confirmou o seu favoritismo e bateu a 15.ª do *Ranking WTA* pelos parciais de 6-2 e 6-1, em uma hora e oito minutos, não dando qualquer hipótese à italiana.

A tenista polaca, de 23 anos, assegurou assim o quarto triunfo em outras tantas finais em Roland Garros, depois das conquistas em 2020, 2022 e 2023, juntando estas vitórias ao outro *Grand Slam* que conquistou, o US Open, em 2020.

Swiatek conseguiu ainda um feito que, até aqui, apenas tinha sido alcançado pela norte-americana Serena Williams em 2013, ou seja, vencer na mesma temporada três torneios de terra batida – antes de Roland Garros, triunfou nos *WTA 1000* de Madrid e Roma.

Além disso, a tenista polaca vai num impressionante registo de vitórias consecutivas em Roland Garros – são já 21 triunfos. A última vez que saiu derrotada no torneio de Paris remonta a 2021. Iga Swiatek entrou já no *top*-4 das tenistas com mais triunfos consecutivos em Paris, só atrás de Chris Evert (29), Monica Seles (25) e Justine Henin (24).

"Jasmim, parabéns pela tua caminhada. Estou impressionada com o que mostraste nestes 15 dias. Espero que nos encontremos muitas mais vezes no futuro. Quero agradecer também à minha família, à minha equipa, sem eles eu não estaria aqui. E obviamente aos organizadores deste torneio. Eu adoro este sítio. Durante o ano inteiro, ando ansiosa para voltar aqui. Quase fui eliminada do torneio na segunda ronda contra o Osaka, mas graças ao vosso apoio consegui vencer. Eu sei que me esqueço das pessoas por causa da emoção, mas só me lembro de uma coisa: obrigado a todos", disse a campeã polaca após levantar o troféu ainda em pleno *court*.

> Iga conseguiu esta temporada um feito só alcançado por Serena Williams em 2013: venceu três torneios de terra batida – depois de Madrid e Roma, agora Roland Garros.

Alcaraz vs. Zverev

Para esta tarde está agendada a final masculina, que vai colocar frente a frente Carlos Alcaraz com o alemão Alexander Zverev, numa final inédita em Roland Garros. Nas meias-finais, o espanhol deixou pelo caminho Jannik Sinner, número dois mundial, e o alemão eliminou o norueguês Casper Ruud.

Carlos Alcaraz, 21 anos, tornou-se no mais jovem de sempre a alcançar a final de um *major* nas três superfícies diferentes, ele que já venceu o Open dos Estados Unidos em 2022 (piso rápido) e de Wimbledon (relva) em 2023. Agora luta no pó de tijolo pelo terceiro título do *Grand Slam* com Alexander Zverev, finalista de um *major* pela segunda vez, depois da derrota sofrida diante do austríaco Dominic Thiem no Open dos Estados Unidos, em 2020.

"É um torneio muito especial que vejo desde que era pequeno. Quero deixar a minha marca nessa lista, imagino-me com a taça. Ainda falta um passo, um dos mais complicados que há: ganhar finais. Há uma frase que repito muitas vezes para mim, que é o facto de as finais serem para ganhar e não para jogar. Tenho a imagem na minha cabeça de levantar o troféu, mas é um longo caminho", perspetivou o espanhol.

nuno.fernandes@dn.pt



Brühl bem tenta...

Daniel Brühl preso no figurino Lagerfeld

MODA Uma das séries muito aguardadas deste ano, *Becoming Karl Lagerfeld* estreou-se no Disney+ com uma nota de desilusão. Um retrato do *designer* de moda, antes de se tornar um ícone, que peca por não aprofundar a personagem para além dos esforços e compromisso de Daniel Brühl.

TEXTO **INÊS N. LOURENÇO**

Se Cristóbal Balenciaga se distinguiu entre os seus pares como o "verdadeiro costureiro", devoto da qualidade dos tecidos, e Christian Dior deixou a sua marca no talhe luminoso das peças femininas, em que é que o alemão Karl Lagerfeld (1933-2019) foi especial como *designer* de moda? Eis a pergunta obrigatória para qualquer série que verse sobre um estilista. E depois das duas que já nos chegaram este ano – precisamente, *Cristóbal Balenciaga* e *The New Look* (sobre Dior) –, *Becoming Karl Lagerfeld* parece ser a única que falha na resposta. Ou melhor, entre o "mercenário do *prêt-à-porter*", como lhe chamam no início, e o suposto talento incompreendido, que não impediu a sua ambição pessoal de definir um percurso ascendente, a série criada por Isaure Pisani-Ferry, Jennifer Have e Raphaëlle Bacqué tem notórias dificuldades em articular o interesse criativo de Lagerfeld.

Dito isto, os seis episódios que estão disponíveis no Disney+ concentram-se no período em que Lagerfeld ainda não era um nome a respeitar, e muito menos o homem hoje conhecido pela imagem de marca (que o ano passado foi tema da *Met Gala*): o colarinho alto e branco, o rabo-de-cavalo, os óculos escuros e as luvas sem a ponta dos dedos.

A sua extravagância em 1972 passava já pelos óculos e outros acessórios, mas tinha muito mais que ver com o facto de mentir sobre a idade e usar espartilho para esconder os efeitos físicos dos pontuais desvios alimentares. Ou seja, tinha horror a mostrar-se "como era".

Num certo sentido, a série acaba por incorporar essa prioridade da imagem fabricada, do jogo glamoroso da aparência, mas isso não ajuda a dar importância a um retrato que, desde o referido ano de 1972 até 1981, se fica pelas intrigas sociais da indústria da moda, neste caso, relacionadas com o ex-amigo Yves Saint Laurent (pobremente dramatizado como um sujeito dependente de sexo e drogas). A saber, Lagerfeld começava aí a ganhar alguma presença enquanto *designer freelancer* em Paris, trabalhando sobretudo para a Chloé, marca que tentou usar como veículo de poder, através da sua fundadora, Gaby Aghion (uma envelhecida Agnès Jaoui).

Seja como for, *Becoming Karl Lagerfeld* não está muito voltada para a especificidade da moda, a não ser nos termos empresariais. A história centra-se, de forma estranha, na figura do *socialite* Jacques de Bascher (Théodore Pellerin), que um dia chamou a atenção de Lagerfeld num clube noturno, ganhando rapidamente terreno na sua vida e, pouco depois, envolvendo-se também com Saint Laurent – o que, ainda por cima, acicatou o ódio do companheiro dominador de Saint Laurent, Pierre Bergé...

Enfim, no meio disto, a curiosidade pela psicologia do *designer* alemão fica-se pelo ar de nobreza ferida, que se conjuga com o facto de ele ser o típico filho inseguro da sua mãe de pose austera, com quem vive, e não conseguir desmanchar-se diante de quem quer que seja.

Na pele de Lagerfeld, Daniel Brühl é apenas correto. O tipo de ator poliglota, muito competente, que sabe vestir a personagem na impressionante fluência das várias línguas (fala-se sobretudo francês), mas sempre com um tom bastante rígido, desconfortável, que nos faz perceber a graça da sua arrogância, sem propriamente suscitar simpatia ou fazer com que queiramos saber mais sobre a personalidade em apreço. No fundo, há aqui uma irrelevância que se tenta disfarçar com o brilho dos cenários parisienses, as festas, espaços noturnos, e as vistas de Roma e do Mónaco. Uma pura acumulação visual.

O efeito Dietrich

Naquele que é talvez o melhor episódio de *Becoming Karl Lagerfeld*, o segundo – e que é também o único realmente sobre moda –, surge a conterrânea Marlene Dietrich, interpretada por Sunnyi Melles, a solicitar uma visita... Num piscar de olhos, o telefonema de uma das maiores estrelas de Hollywood, que poderia ser só um *fait-divers* passageiro, transforma-se na oportunidade de ouro do "desconhecido" Lagerfeld perante a imprensa.

O que é que acontece? A *Vogue* põe-se a postos para uma edição toda ela dedicada a Dietrich, que será vestida pelo próprio Lagerfeld e fotografada por Helmut Newton, e quando, chegada ao estúdio, a diva pede para ver a roupa, temos o caldo entornado: ela chama o estilista à parte e dá-lhe uma descompostura por não ter percebido nada do que significa vestir uma madura Dietrich.

A situação deste encontro, ou encontros, não terá sido bem como se pinta. Mas a verdade é que o episódio capta algo de Dietrich que, consequentemente, diz qualquer coisa sobre a indefinição estilística de Lagerfeld, e que é também parte da falta de definição da série. De resto, na autobiografia de Marlene lê-se: "Sempre preferi cores neutras a cores puras, e os especialistas com quem trabalhei sempre concordaram que eu estava certa." Onde é que o convicto Lagerfeld foi desencantar aquele azul com apontamentos bordeaux? Um erro delicioso.

Sem se vislumbrar o génio ou, muito simplesmente, o que é que afinal caracterizava uma peça de alta-costura do *designer* alemão, os episódios prosseguem na linha de uma certa superficialidade, mais ou menos consciente. Assistimos ao homem a correr atrás da carreira, com visão de empresário e movimentos calculados, por vezes um pouco cruéis, dentro da indústria (aí, reconheça-se, não há embelezamento biográfico), mas é raro sentir a pulsação do ser encenado pelas próprias indumentárias...

Porventura, a sua maior conquista criativa, a avaliar por esta ficção francesa. Quando muito, Becoming Karl Lagerfeld funciona a favor da ideia de uma silhueta inescrutável. O problema é que, na prática, parece apenas tratar-se de uma personalidade superdesinteressante para efeitos de estudo.



Alice Rohrwacher
“Foram os estrangeiros que começaram um processo de mudar o olhar sobre as coisas, em tudo na vida”

CINEMA É uma das mais talentosas realizadoras italianas do nosso tempo, capaz de transformar o conto de fadas em matéria de reflexão coletiva. Entrevistada pelo DN, em Lisboa, cidade onde já viveu, Alice Rohrwacher vagueia pelo imaginário do seu novo filme, *A Quimera*, que já se encontra nos cinemas.

ENTREVISTA **INÊS N. LOURENÇO**

Falamos de homens sem memória, ou cheios dela, coros de mulheres, conceito de fábula, arqueologia, fantasmas e tesouros. Na imaginação de Alice Rohrwacher cabe um mundo. E o seu mundo tem-se pintado em película fotoquímica viva, vibrante. Ela é herdeira de uma luminosa essência italiana que a distingue dentro da produção cinematográfica contemporânea. Por isso, quando nos sentamos para conversar com a realizadora de *O País das Maravilhas* e *Feliz Como Lázaro*, temos a impressão de estar diante de um corpo mágico, alguém que escava a compreensão da realidade, com pausas breves para nos envolver no labor do seu raciocínio.

Falando em escavar, é esse o gesto recorrente no seu novo filme, *A Quimera*, que traz como protagonista um jovem arqueólogo inglês, Arthur – interpretado por Josh O'Connor, protagonista também do recente *Challengers*–, um ser errante em terras da Toscana que, nos Anos 1980, ajuda um bando de saqueadores de túmulos a encontrar relíquias etruscas para vender, enquanto, nesse processo de invasão de espaços fúnebres, vai nutrindo a sua própria quimera: Beniamina, a mulher amada e perdida.

Há ainda Isabella Rossellini no papel de uma velha matriarca aristocrata, e a brasileira Carol Duarte como sua empregada (personagem com o nome de Itália), que se converte num possível interesse amoroso de Arthur. Mas *La Chimera* não é apenas “sobre” estas figuras. É um filme que puxa fios mitológicos, que narra a aventura humana e o romantismo do que está para além da morte. Uma maravilha desalinhada, com mundos e fundos.

Na primeira cena de *A Quimera*, Arthur diz às raparigas no comboio que os seus rostos parecem saídos de “pinturas antigas”. E essa cena começa com o rosto da amada do protagonista... O que me fez lembrar que a Alice disse, sobre o seu filme anterior, *Feliz Como Lázaro* [2018], que a escolha do ator tinha sido motivada pelo rosto dele. Qual a importância do rosto para si?

O rosto é, em primeiro lugar, uma incrível e maravilhosa paisagem a descobrir. Mas é também o que oferecemos ao outro, a nossa abertura para o outro, embora haja civilizações que o cobrem... Mas como diz o filósofo [Emmanuel]

Levinas, no rosto há sempre uma pergunta. Assim, sendo um filme que falava de arte antiga, de arqueologia – que, muitas vezes, nos chegou através dos rostos das estátuas e das pinturas –, quis que começasse por aí. Porque dentro dos rostos está também uma semelhança, uma continuidade. Aquilo que nos afeta num rosto, às vezes, é uma semelhança que não conseguimos explicar, que desconhecemos, algo de misterioso. Aqui, em particular, é a parte indefesa e frágil que se oferece, que está diante de nós. E, nesse início, passa-se do rosto de Beniamina [a amada] para o de Arthur, no qual a luz se move.

E daí passamos para os rostos das raparigas no comboio...

Nos quais ele encontra uma semelhança com a história do passado. História essa que está ainda na cabeça de uma estátua.

Estátua que, por sinal, é muito parecida com Beniamina.

Isso! O mais engraçado é que, de início, tentámos mesmo fazer uma estátua parecida com Beniamina, e ficou horrível. [*Risos*]. Acabei por dizer que mais valia fazer a estátua possível, cancelando a ideia de Beniamina. No final, depois de desenhada e feita, ficou de facto semelhante!

O coro, ou o sentido coral, parece-me outra manifestação forte do filme. Desde logo, o "coro" de mulheres no comboio, mas também as filhas de Flora [personagem de Isabella Rossellini] juntas na sala, etc. Será só impressão desta espetadora?

Inicialmente a minha ideia até era fazer um filme sem protagonista... De qualquer modo, este protagonista é tão inacessível, tão misterioso, que seria preciso criar o eco da pessoa. Ou seja, interessava-me o que ele deixa nos outros e o que os outros projetam nele. Mas, para mim, Arthur é um fantasma. Só à medida que ia escrevendo é que percebi que ele devia existir, mantendo-se a ideia dos coros que narram este homem, um homem que não chegamos a compreender, porque é muito fechado em si mesmo, na sua dor. Então, os coros funcionam como janelas sobre ele – e há coros de mulheres, de homens, com uma inspiração sempre de fábula, parábola, mito, onde o destino do herói reflete sempre o destino da multidão. Portanto, queria romper aqui a identificação com a personagem: ele não "existe", seguimos o seu reflexo na coletividade.

E de onde vêm as figuras dos trovadores que no filme narram, através do canto, a miséria humana?

Os trovadores são também uma maneira de as personagens se verem "de fora". Repare que, sempre que os trovadores entram no filme e começam a cantar, Arthur vai-se embora. Ele não pode ver-se de outra perspetiva. Lembro-me de dizer ao Josh, da primeira vez que filmámos uma dessas cenas: "Tens de sair. Tu sabes porquê: não podes ouvir a história da tua morte. És um fantasma." [*Risos*]. Ele levanta-se, muito triste, e sai... Esta narração de canto existia muito em Itália, e é algo que estudei bastante. Eram personagens que andavam nas ruas – sobretudo antes da chegada da televisão – e cantavam crónicas ou contos inventados. Achei que trazê-las para dentro d'*A Quimera* era uma forma de contar o moral do filme; esta é uma história que conta o justo e o injusto. Não podia ser eu a fazê-lo, porque sou o olhar. E, assim, tenho a felicidade de mostrar outras vias no cinema, que não apenas o drama personificado no protagonista. O cinema não é só esse tipo de viagem: é também escuta, contemplação e compaixão por alguém que é diferente de mim.



Os traficantes de arte, ou ladrões de túmulos, serão igualmente personagens que conhece bem...

Eu cresci numa região onde, nos Anos 80, havia um provérbio que dizia: "Os mortos dão a vida". Que é como quem diz: dão dinheiro. E nessa altura havia uma febre na população, a febre do tesouro, que era mesmo como uma doença ou uma droga! Todas as noites, estes grupos de homens – sobretudo homens, os *tombaroli* – andavam a cavar à procura dos tesouros etruscos, para vender. Isso pôs-me a pensar por que razão este tráfico não existiu durante 3000 anos. Ninguém tocou em nada durante esse período e, de repente, todos pegam em tudo! Algo de essencial terá mudado no coração do homem, não? Aquilo que dantes eram objetos "perigosos" – porque permaneciam invisíveis e acreditava-se que estavam contaminados pelos espíritos, pelas almas – deixaram de o ser. Alguém achou que era uma estupidez acreditar nisso... Uma geração, que queria ser diferente, mudou a história. Estávamos a entrar no período materialista, em que já não há noções de sacro ou profano, apenas de mercado: tudo se compra e vende. No fundo, estes *tombaroli*, considerados bandidos, eram só engrenagens de um sistema de procura e oferta, como ratinhos na roda que é a grande máquina. O *tombarolo* é filho da sua época, eis o que me interessava dar conta. Por isso, há aqui a canção que se chama *Povere Tombaroli*: eles não são heróis da noite, são pobres homens. Basta olhar para o mundo de hoje, em que as florestas estão cheias de lixo, as centrais a carbono são construídas sobre santuários e o mar está cheio de descargas da indústria... Quem são os *tombaroli*?

Filmou em diferentes formatos, às vezes até com a imagem invertida e outras técnicas. O que é que esteve por trás desta opção?

Tem a ver com o facto de ser um filme sobre arqueologia. Muitas vezes falamos da história do cinema como uma história de autores, mas trata-se também da história de uma tecnologia material. O cinema só foi possível porque houve uma invenção técnica que se desenvolveu. E a forma da máquina de filmar permitiu diferentes tipos de cinema; mudou o cinema. Quando pensei o filme com a Hélène Louvart, na altura de escolher a película – porque sempre filmámos em película –, não consegui escolher... Então surgiu a ideia da arqueologia, que se expressa bem nos formatos (16mm, 35mm), porque acho que é importante deixar o testemunho de uma matéria, agora que vivemos na era do imaterial.

Imagina-se a trocar a película pelo digital?

A película é o suporte e o método de que mais gosto, porque fazer um filme assim significa fazê-lo durante a rodagem. Quando se filma em digital, muita coisa é enviada para um processo posterior e solitário. Por mim, gosto de trabalhar respeitando a imagem que foi criada em conjunto. Mais uma vez, é um processo coral. Depois, a imagem é matéria viva e assenta numa questão de destino: talvez tenhas estado a trabalhar muito nela e a imagem não exista, a luz não entrou...

Porquê a escolha do "estrangeiro" Josh O'Connor?

Sempre tive em mente que o ator deveria ser estrangeiro, porque sem esse elemento não teria conseguido mudar o ponto de vista sobre as ruínas. Quer dizer, foram os estrangeiros que começaram um processo de mudar o olhar sobre as coisas, em tudo na vida. E, neste caso, foram os ingleses, os alemães, os estrangeiros do norte que vieram a Itália durante o *Grand Tour* e observaram as ruínas pelo seu valor – os habitantes não tinham essa consciência, acostumados que estavam a elas... Mas voltando ao protagonista, inicialmente quis que fosse mais velho, porque achei que ninguém ia acreditar num jovem despojado de todas as esperanças. Mas um dia recebi uma carta do Josh O'Connor, enviada para a casa dos meus pais, a pedir para nos conhecermos (por que não?), e conhecemo-nos e falámos. Quando voltei para casa, pus-me a pensar e achei que era o destino! [*Risos*]. Primeiro, porque é uma pessoa incrível, um ator incrível, e também fora do tempo... Ele não tem uma idade.

Houve um filme que me passou pela cabeça várias vezes enquanto via o seu: *Viagem em Itália* [Roberto Rossellini, 1954]. Temos Ingrid Bergman, estrangeira, a percorrer catacumbas e museus, numa relação constante com os elementos fúnebres (à semelhança de Arthur). E estamos a falar da mãe de Isabella Rossellini, num filme realizado pelo pai... Já para não dizer que n'*A Quimera* há uma personagem chamada Itália! São muitas ligações, e gostava de saber se pensou nele.

Esse é um filme que amo imenso, como qualquer filme de Rossellini. E é curioso que tenhamos começado esta conversa com a ideia do rosto, porque o que acabou de dizer é um pouco como aquele efeito de termos visto alguém que nos parecia outra pessoa: dá-me muita satisfação saber que este filme a levou para *Viagem em Itália*, porque penso que a possibilidade de haver uma memória maior do que a nossa, uma memória coletiva, que vem dos filmes que nos nutriram, é fascinante. Sem dúvida, a memória de *Viagem em Itália* nutriu-me, sem que eu tenha feito uma referência direta, embora seja tão próximo... Já agora, conto-lhe que quando a Isabella [Rossellini] chegou ao *set*, fomos fazer uma visita a uma necrópole, e na bilheteira havia uma foto (que ela não conhecia porque não está no filme; é da *repérage*) da mãe e do pai dela dentro de um túmulo etrusco! Foi muito emocionante. E também... os filmes de Rossellini funcionam como rostos que contêm uma pergunta. É belo que essa pergunta tenha eco no tempo.

A Alice fez Erasmus em Lisboa e realizou cá um filme intitulado *Vila Morena* [2005], como a canção de Zeca Afonso, *Grândola, Vila Morena*, tão emblemática do nosso 25 de Abril, que este ano assinalou o cinquentenário. Quer contar-nos um bocadinho dessa experiência?

Sim, vim para Erasmus [Grego Clássico] e depois encontrei a Luciana Fina [radicada em Lisboa], realizadora que admiro muito e que me deu a oportunidade de ficar mais um ano a trabalhar com ela na montagem de dois projetos, em que aprendi imenso. Depois participei num Curso de Cinema da Videoteca Municipal de Lisboa, e, aí, o meu projeto, juntamente com a Alexandra Loureiro, foi sobre o Tejo Bar, onde eu andava todos os dias – um lugar que mudou, como tantas coisas em Lisboa –, e pensámos no título *Vila Morena*, não só porque uma personagem no filme diz que vai abrir um bar na floresta, que se chamará assim, mas também porque há a ideia de que a Revolução nasce de um canto coral. Aliás, este bar era frequentado, sobretudo, por cabo-verdianos, brasileiros, italianos... havia muitas pessoas estrangeiras. Narrava-se ali a identidade mista e preciosa de uma cidade, e mesmo de uma utopia! O que posso dizer é que, desde o meu primeiro filme, a questão do coro é central: interessa-me filmar a pessoa que somos quando estamos juntos.

Prova de Vida*

Francisco Fanhais

TEXTO **ANTÓNIO ARAÚJO**

Foi por imitação, mas não por imitação de Cristo, que escolheu a vocação. Tinha dez anos apenas, acabara a quarta classe. Os seus pais, católicos fervorosos, perguntaram-lhe com bons modos "Então, agora como é? Agora vais para o liceu?". "Eu agora quero ser padre", responde-lhes lesto Francisco, Francisco Júlio Amorim Fanhais, que vira a luz a um sábado, 17 de Maio de 1941, em Praia do Ribatejo, Vila Nova da Barquinha, ao lado da Base de Tancos.

Nado na Segunda Guerra, portanto, das primeiras lembranças que guarda é a de ver passar os tanques na rua onde morava, e de as casas terem papéis colados nas janelas por causa dos bombardeamentos. Mas também, já então, uma recordação musical, a dos sinos a tocar a finados: "ainda hoje me lembro da dolência daquela melodia."

Quando tinha nove anos, feita a primeira e a segunda classes, o pai, médico, foi trabalhar para o Entroncamento, e a família seguiu-lhe no encalço. Foi aí que Francisco concluiu a terceira e a quarta classes e, no término desta última, revelou aos pais que queria ser sacerdote, opção que os deixou intrigados, entristecidos até, mas que ele explica por querer seguir o exemplo do padre Gonçalves, um jovem coadjutor na paróquia do Entroncamento que era, segundo ele, "muito amigo das crianças, muito brincalhão, muito simples, de quem nós gostávamos muito". E acrescenta, singelo: "Para mim, ser padre era ser como aquele homem. Foi, pois, um puro fenómeno de imitação. Não tinha, na altura, nenhuma outra razão mais profunda" (cf. *Diário do Alentejo*, de 3/6/2022).

Até aí, andava de bibe e calções, feliz da vida. Chegado o dia de entrar para o seminário, passou a vestir a rigor: calça, gravata e casaco pretos, camisa branca, imaculada. Ao vê-lo trajado assim, pronto a partir para sempre, a mãe teve uma "tristeza muito grande", pese ser muito devota. Depois, acostumou-se. Hoje, à distância de tantas décadas, Francisco conclui, sempre sereno: "os meus pais aceitaram perfeitamente, embora lhes tivesse doído um pouco, mas era essa a minha vontade, Eram esses também os desígnios, a vontade de Deus, se calhar – interpretaram isto assim, e foi assim", disse o padre-cantor em entrevista ao *7 Margens*, 13/5/2023.

Só vinha a casa nas férias grandes, de Natal e de Páscoa, e esteve quatro anos no Seminário de Santarém, onde ainda vigorava "a lei da palmatória e da bofetada". Um dia, por azar, entornou um tinteiro cheio de tinta-da-china, o que lhe valeu seis reguadas em cada mão. "Andei três dias sem as sentir, parecia que eram de cortiça".

Daí seguiu para o Seminário de Almada, e depois para o dos Olivais. Como muitos, quase todos, teve dúvidas, inquietações, mas nunca pensou desistir: "mantive sempre esta vocação, as razões para continuar sempre no seminário." Foi ordenado por Cerejeira e celebrou a Missa Nova na Quinta-Feira Santa de 1965, na freguesia de Benfica, onde morava.

A música acompanhou-o desde cedo, seja ao som dos sinos que tocavam a finados, seja por a ter ouvido ainda criança. Seu pai, diz ele, "tocava piano e cantava muito bem" (lembra-se de ouvi-lo cantar "A Canção das Rendilheiras") e, quando Francisco foi para o seminário, a música e o canto eram uma das suas disciplinas preferidas. Aí aprendeu solfejo, canto gregoriano, canto coral, participou num Te Deum em São Domingos, em 1954, 1954, com a Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, dirigida por Pedro de Freitas Branco, cantou no Mosteiro dos Jerónimos, aquando da inauguração do Monumento do Cristo-Rei, e na Sé de Lisboa, nas missas de Natal e da Semana Santa.

Quando lhe faltava um ano para acabar o curso de Teologia, por volta de 1963, 1964, um padre professor no seminário emprestou-lhe para ouvir "baixinho" um disco de Zeca Afonso, *Baladas de Coimbra*. De um lado, "Os Vampiros", com um refrão celebérrimo, *"Eles comem tudo, eles comem tudo / Eles comem tudo e não deixam nada"*; do outro, "Menino do Bairro Negro", a primeira canção de Zeca a ser proibida pela Censura. O disco teve nele o efeito de uma epifania: "O que eu senti, ao ouvir aquelas duas canções, foi como um murro no estômago, uma revelação. Ainda guardo em casa esse disco…"

Sobre essa audição, descrita com laivos místicos, acrescenta Fanhais: "'Os Vampiros' fizeram soar sinos dentro do meu coração. A fabulosa letra da canção chamou-me a atenção para um problema social gravíssimo – "*eles comem tudo e não deixam nada*" –, que me pôs a refletir sobre as realidades dos que têm tudo e daqueles que passam uma vida inteira a mendigar as migalhas que caem da mesa dos ricos. Antes disso já me tinha dado, com certeza, conta de muita coisa, mas essa audição, fundamental na minha vida, foi um marco na minha consciencialização política".

Entretanto, começara a guerra colonial e, com ela, a dúvida sobre o que fazer. A existência de capelães militares não lhe suscitava problemas, uma vez que, em seu entender, os soldados na frente necessitavam de apoio espiritual e religioso; questionável, isso sim, era "uma pessoa ser quase obrigada a ir para capelão" e, em termos mais vastos, "a ligação estreita e a cumplicidade perfeita entre a hierarquia católica e o Estado, o governo e a situação política".

Se a música de José Afonso e a guerra colonial já tinham despertado muita coisa, o detonador da ruptura surgiu sob a forma de um padre mítico, e não menos carismático, José da Felicidade Alves. Define-o como "um leão" ou, melhor dito, como um leão para a sua geração, a dos jovens padres que se formaram em finais dos Anos 50, inícios dos 60, no Seminário dos Olivais, onde Felicidade Alves leccionava Teologia. "Ele foi aquele que puxou por nós, que denunciou, que entrou em conflito com a Igreja, justamente por denunciar esta cumplicidade [da hierarquia da Igreja com o regime]. E para ele era impossível aguentar mais este silêncio cobarde, cúmplice, da Igreja, em relação ao que se passava com a Guerra Colonial".

As denúncias feitas por Felicidade Alves no púlpito dos Jerónimos, em missas frequentadas por Américo Thomaz e família e por outros próceres do regime, acabaram por levar a que fosse suspenso *ad divinis*, por decisão do cardeal-patriarca Gonçalves Cerejeira, que antes tivera o pároco de Belém como um dos seus mais brilhantes e queridos pupilos. O clero "progressista", claro está, entrou em ebulição, e Fanhais não foi excepção. As suas missas passaram a ser vigiadas por agentes da PIDE e, numa delas, na Igreja da Madre de Deus, em Lisboa, três elementos da polícia política entraram portas adentro, obrigando os presentes a identificarem-se.

Em 1968, já politizado, conheceu Zeca Afonso, ainda hoje o seu ídolo máximo. O encontro decorreu nas Lapas, no concelho de Torres Novas, em cujas grutas artificiais, nascidas da extracção mineira, havia por hábito realizar sessões e iniciativas culturais para jovens, obviamente subversivas. Fanhais era então professor no seminário diocesano de Torres Novas e um dos organizadores daqueles *meetings*, o padre Manuel Tiago, ligou-lhe dizendo que tinham convidado "o dr. José Afonso" e que gostavam muito que ele comparecesse. Realizou-se assim o espectáculo, o qual fora apadrinhado, note-se, pelo presidente da câmara de Torres Novas, Fernando Cunha, que, sendo um homem afecto ao regime, estava danado com os desmandos da ditadura, a ponto de ter proclamado que "a PIDE só entra aqui por cima do meu cadáver!". E a PIDE não entrou. Mas, volvidos dois meses, elaborou relatório, com base em testemunhos indirectos, e foi com base nesse documento, que viu anos depois na Torre do Tombo, que Fanhais pôde datar com precisão o dia milagroso em que conheceu o Zeca, 28 de Dezembro de 1968.

Na altura, um jornal juvenil de Torres Novas descreveu assim o espectáculo: "surge José Afonso, não se importando de ferir. Pediu desculpa porque estava rouco, mas quando abriu a garganta e começou a cantar o "Menino do Bairro Negro" houve uma mudança total nas pessoas: as tosses e os ruídos acabaram. Nós, sentados no chão, ganhávamos um pouco de mistério, de beleza, do sórdido, do que existia de inconformista na canção. As nossas vozes não eram nossas: eram de todos aqueles meninos de bairros negros (...). O padre Fanhais avisa toda a gente que por cada flor estrangulada há milhares de flores hesitantes, mas que um dia se levantarão. Avisa por fim, angustiadamente, que é preciso mais flores, mais flores, mais flores" [cit. in Manuel Tiago Monteiro Martins, "Os padres dos Olivais nos anos 60. A Tribuna Livre", in Artur Lemos (dir.), *Por Caminhos Não Andados. Seminário dos Olivais, 1945/1968, 2007*, pp. 262-263].



'Os Vampiros' fizeram soar sinos dentro do meu coração. A fabulosa letra da canção chamou-me a atenção para um problema social gravíssimo – eles comem tudo e não deixam nada –, que me pôs a refletir sobre as realidades dos que têm tudo e daqueles que passam uma vida inteira a mendigar as migalhas que caem da mesa dos ricos.

Fanhais, que se encontrava então no Barreiro, onde era coadjutor na paróquia e leccionava Religião e Moral no liceu, manteve o contacto com Zeca, que passou a ser literalmente seu "companheiro", "aquele que come do mesmo pão. *Cum pane*". No ano seguinte, Zeca levou-o ao icónico Zip-Zip e Portugal inteiro ficou a conhecer aquele padre baladeiro, que nesse mesmo ano de 1969 lançaria o seu primeiro disco, o EP *Cantilenas*, ou, melhor dito, um EP editado pela portuense Orfeu, de Arnaldo Trindade, cuja capa ostentava tão-só os dizeres "Padre Fanhais", sobre uma fotografia poderosa de Augusto Cabrita, tendo o Lado A as músicas "Cantilena" (a do célebre poema de Sebastião da Gama, *"Cortaram as asas ao rouxinol / Rouxinol sem asas não pode voar"* e "Juventude" e o Lado B "Areia da Praia" e "Canção do Vento". No final do ano de 1969, mais precisamente a 19 de Dezembro, Fanhais fazia a capa do primeiro número da revista *Mundo da Canção*, lançada, segundo o seu fundador, Avelino Tavares, com o propósito expresso de "lutar contra o cançonetismo apodrecido e ajudar a construir uma canção diferente".

A aparição do Zip-Zip converteu-o numa estrela, como o próprio aliás reconhece: "a partir daí comecei a ser convidado para cantar em muitos sítios. Achavam graça um padre a cantar coisas e denunciar a Guerra Colonial, por exemplo. Tudo isso fez com que eu começasse a ter problemas, tanto do ponto de vista político, como do ponto de vista da hierarquia da Igreja." De resto, das quatro canções que Fanhais gravou para o programa de Raul Solnado, Fialho Gouveia e Carlos Cruz, a Censura só deixou passar duas e queria mesmo cortá-las todas, valendo a coragem daqueles três apresentadores, que disseram "o padre não passa e o programa acaba", o que seria impensável, dada a sua extraordinária popularidade (aliás, foi logo a seguir à sua aparição no Zip-Zip que Arnaldo Trindade o convidou a gravar *Cantilenas*).

Em 1970, é editado um novo álbum, *Canções da Cidade Nova*, de onde consta, entre outras, a "Cantata da Paz" com poema de Sophia, *"Vemos, ouvimos e lemos / Não podemos ignorar"*, cantada pela primeira vez numa igreja no decur-



VÍTOR HIGGS/DN

so da vigília de São Domingos, na passagem do ano de 1968 para 1969, em que Fanhais participou. Entretanto, os anos passados no Barreiro foram fundamentais para a sua consciencialização social e política: no Entroncamento, diz ele, vivia num ambiente burguês e fechado (o pai falecera tinha ele 17 anos); agora, na Margem Sul, convivia de perto com operários e militantes oposicionistas, tocava em tudo o que era colectividade e sociedade recreativa – Os Franceses, os Penicheiros, etc. – "sempre que cantava, denunciava, e cada vez mais as pessoas achavam graça ser um padre a denunciar". A PIDE de Setúbal alertava a sede para a "campanha de subversão" levada a cabo pelo "clero progressista" e o próprio director, Silva Pais, identificou Fanhais como o principal responsável pelo "clima de exaltação subversiva" na música portuguesa. "As informações recebidas pela PSP mostram que o Padre Fanhais desenvolve em todo o país uma actividade indesejável, cantando baladas cujos temas não se compadecem com o clima moral que é preciso manter para assegurar a defesa do Ultramar e garantir a integridade da Pátria. Os senhores governadores civis devem tomar as disposições convenientes para evitar que seja permitido este abuso do direito de reunião por parte das sociedades de recreio e cultura e até por estabelecimentos de educação que o têm convidado e incluído nos seus espectáculos ou reuniões" (cit. in Luís de Freitas Branco, *A Revolução Antes da Revolução. O ano que mudou a música popular portuguesa*, 2024, pp. 221-222).

Então, tudo mudou: a 1 de Agosto de 1970, na conservatória do registo civil das Caldas da Rainha, José da Felicidade Alves casou civilmente com Elisete Nunes de Ascensão, à data presidente da Liga Escolar Católica; e, no dia seguinte, foi celebrada uma cerimónia religiosa em Vila Franca de Xira, com a presença de uma centena de amigos, entre os quais os padres Abílio Tavares Cardoso, que oficiou aquela cerimónia, e Francisco Fanhais. Em resultado disso, seriam ambos suspensos do exercício de funções sacerdotais e Fanhais foi afastado do ensino.

"Começou o conflito com a Igreja", recorda ele, dizendo que, quando foi chamado ao tribunal eclesiástico, no Palácio do Patriarcado, onde lhe pediram que se retractasse, não só não o fez como afirmou, garbosamente: "Não, não me apetece, não tenho estômago para responder a isto tudo. As minhas respostas vão ser três frases pequenas. Ponto 1 – Estive presente – se não tivesse estado presente, se eu dissesse "não estive presente", parava ali tudo; por isso, estive presente, sim senhor. Ponto 2 – Concordo com tudo que se lá passou. Ponto 3 – Estou solidário com todos os que lá estiveram. Assinado: Francisco Fanhais".

Privado do sacerdócio e do ensino, viu-se no escuro. Chegou a pensar ir vender enciclopédias, foi buscar carros a Espanha, Madrid, Barcelona, ao serviço de empresas de aluguer de viaturas. Em Fevereiro de 1971, escreveu ao padre António Jorge Martins, seu amigo que vivia em Estrasburgo, pedindo-lhe auxílio, mas aquele jamais respondeu, deixando Fanhais magoado. O mistério só seria resolvido muitos anos depois, já após o 25 de Abril, quando, ao consultar os seus papéis na Torre do Tombo, descobriu que a missiva fora interceptada pela PIDE. Num episódio recente e digno de nota: em Abril de 2023, Francisco Fanhais tirou uma fotocópia da carta e, como ia até Estrasburgo, marcou um almoço com o amigo. A meio da refeição, depois de algum *suspense*, disse-lhe que tinha uma carta para lhe entregar. António Jorge leu a missiva, Francisco justificou-se: "Olha, desculpa, pensei mal de ti, não era assim que se tratam os amigos, mas a culpa não foi tua nem foi minha, foi alguém que se meteu entre nós, desculpa lá". E deram um grande abraço, ficando ambos em lágrimas.

Antes de abalar para França, Francisco ainda se envolveu num sem-fim de actividades oposicionistas. Entre elas, integrou a Comissão Nacional de Socorro aos Presos Políticos, onde recorda Sophia, experiência que o fez conhecer de perto as agruras das famílias dos perseguidos pela ditadura. Por essa altura, a editora Zip-Zip editava o seu último disco com nome próprio, a compilação *Corpo Renascido*, título de um poema de Manuel Alegre musicado por Pedro Lobo Antunes: *"Cantando é como se dissesse / Estou aqui / Na multidão que está dentro de mim"*.

Em Abril de 1971, decidiu acompanhar Zeca a caminho de França, com Zélia a guiar o carro. Pararam primeiro em Valência, onde Zeca actuou no Festival da Canção Ibérica, dali seguiram para o Hexágono. Fanhais começou por ficar em Lyon, em casa de amigos, e depois rumou a Paris. Desaguou em casa de um antigo colega de seminário, Fernando Belo, e a primeira pessoa que contactou foi José Mário Branco, que começou a convidá-lo para cantar com ele nos concertos que dava para os emigrantes.

Fez teatro na companhia de Richard Démarcy, participou, entre outras, em duas emissões do programa televisivo "Mosaïque", centrado na emigração, e ganhava a vida com a música e com uns biscates ocasionais a fazer locução de textos em português para a televisão francesa, chegando a deslocar-se a Londres para o mesmo trabalho, desta feita para a BBC e a convite de Joaquim Letria. Nos espectáculos para emigrantes, por vezes partilhados com actuações de ranchos folclóricos, aproveitava para distribuir propaganda anti-regime, sob os olhares dos informadores da PIDE na capital francesa, que o integraram na lista dos "indivíduos adversos das instituições vigentes em Portugal", ao lado de nomes como António José Saraiva, Jacinto Rodrigues, Alfredo Margarido, Armindo Cardoso, Luís Cília e José Mário Branco (cf. Luís de Freitas Branco, *ob. cit.*, p. 88).

Em Outubro de 1971, um momento-chave. José Mário Branco convida-o a participar na mítica gravação de *Cantigas do Maio*, nos Strawberry Studios do Château d'Hérouville, que, reza a lenda, terá albergado os amores de Chopin e George Sand, além de ter sido pintado por van Gogh, sepultado lá perto. Poucos meses antes de Cantigas do Maio ser lá gravado (José Mário Branco conhecia o proprietário dos estúdios, Michel Magne), e mais precisamente em Junho de 1971, estiveram lá os Grateful Dead em grande algazarra, como por lá passaram Elton John (*Goodbye Yellow Brick Road*, de 1973, entre outros), David Bowie e Brian Eno, os Bee Gees (sim, para a banda sonora de *Saturday Night Fever*, 1977!) e, claro, José Mário Branco para *Mudam-se os Tempos, Mudam-se as Vontades*, e Sérgio Godinho para *Os Sobreviventes* e para *Pré-Histórias*.

A gravação de "Grândola" foi feita de madrugada, para que o barulho dos automóveis e de outros ruídos não perturbasse o som dos passos na gravilha que existia à porta do estúdio, dados por Zeca, José Mário Branco, Fanhais e Carlos Correia ("Boris"). A letra do "O povo é quem mais ordena" era um poema que José Afonso tinha composto quando, ainda no caminho, regressou de um espectáculo na Sociedade Filarmónica Fraternidade Operária e Grandolense, em 17 de Maio de 1964, onde entoara pela primeira vez "Cantar Alentejano". Com um frio de rachar, registaram o som dos passos na gravilha, em homenagem ao cante alentejano, que José Mário Branco recordava das férias

continua na página seguinte »

» **continuação da página anterior**

que na infância passava em Peroguarda. Depois, ao final da tarde, foram para o interior do estúdio e com auscultadores cantaram ao som dos passos. Além do coro de "Grândola", Francisco Fanhais participou no "Coro da Primavera", fazendo de tenor.

Quando lhe perguntam hoje que sensação tem por estar associado a uma das músicas emblemáticas do 25 de Abril, responde com habitual modéstia, mas indisfarçável orgulho: "Fico muito contente. Não tenho mérito nenhum em terem sido os militares a escolher aquilo, mas fico contente e tenho um certo orgulho por saber que naquela música estão lá os meus passos e está lá a minha voz também, juntamente com a voz dos amigos que muito prezo. Mas sempre que oiço aquilo, vem-me à memória muita coisa e vem-me à memória a força com que nós cantámos aquilo, a força que nós imprimimos à «Grândola», ao som, aos passos. E depois a dinâmica toda que envolveu a gravação do *Cantigas do Maio*, etc., o "Coro da Primavera", vem-me à memória toda essa gravação, mas não posso deixar de recordar e de sentir com muita emoção essa alegria de saber que aqueles passos que nós demos foram um contributo musical e cultural para o desencadear do mais importante que foi o derrube do fascismo", afirmou à Rádio França Internacional, em 12/3/2024.

Quando já estava no estrangeiro, António Ribeiro sucede a Gonçalves Cerejeira como bispo de Lisboa, futuro patriarca. Francisco Fanhais mandou-lhe um postal, prenhe de simbolismo: uma fotografia a preto e branco de uma bota a esmagar uma flor. No verso, escreveu um poema de João Apolinário, o "é preciso avisar toda a gente, dar notícia, informar, prevenir", a que acrescentou uma quadra sua, "por cada flor estrangulada há milhões de sementes a florir" e assinou "Respeitosamente, Francisco Fanhais". D. António Ribeiro disse-lhe, em resposta, que o contactasse quando visse a Portugal. O encontro entre ambos decorreu no Verão de 1971. O novo patriarca começou por dizer-lhe "Estou a chegar à diocese e dei-me conta de que há vários casos complicados, um deles é o seu. Queria saber o que é que se passou". Fanhais então contou tudo: "participei no casamento do Felicidade; nas músicas, nas canções, não deixo de denunciar a Guerra Colonial; fui proibido a dar aulas no Barreiro, de continuar a dar aulas; portanto, a situação levou-me a que eu, sabendo da impossibilidade muitas vezes que há de a pessoa transformar as coisas por dentro na Igreja – é como querer destruir uma parede de cimento à cabeçada –, resolvi mudar da ares por um pouco e ver que rumo é que havia de dar à vida e fui para a França. Por isso é que fiquei excomungado, por ter participado e não ter negado que tinha participado no casamento do Padre Felicidade". D. António disse-lhe que, sem quaisquer problemas, lhe levantava a suspensão e que até, se ele quisesse, lhe dava trabalho numa paróquia, mas Francisco respondeu que não, que ainda não terminara o tempo que se dera a si próprio para reflectir. Simpaticamente, o patriarca disse-lhe para continuar a mandar postais, mas Francisco, pouco atento às subtilezas do poder, ou porventura demasiado marcado pela injustiça que sofrera, não percebeu ou não quis perceber a grandeza e a coragem do gesto de D. António, que mal chegado à diocese se propôs revogar a decisão do seu histórico antecessor. Ao invés, interpretou as palavras do patriarca como "uma ironia associada a uma cortesia de despedida, até porque na sequência da conversa percebemos que persistiam muitas divergências em relação a tudo". E assim ficaram, cada qual para seu lado.

É em França que Fanhais se radicaliza ainda mais, a ponto de aderir à LUAR (Liga de Unidade e Acção Revolucionária), a organização de luta armada liderada por Palma Inácio que, anos antes, em 1967, organizara um espectaculoso assalto à agência do Banco de Portugal na Figueira da Foz. Francisco Fanhais não adianta muito sobre a sua pertença a esta organização, a qual se inscreve num movimento de radicalização de diversos sacerdotes e leigos católicos um pouco por toda a Europa (v.g., Espanha, Itália), e que em Portugal levou a que muitos "progressistas" ora trilhassem os caminhos da luta armada e da "acção directa", ou colaborassem com ela, fosse com a LUAR de Palma Inácio e Emídio Guerreiro, fosse com as Brigadas Revolucionárias de Carlos Antunes e Isabel do Carmo. Por uma coincidência curiosa, ou talvez não, seu irmão era um dos tripulantes do paquete *Santa Maria*, cujo desvio em 1961 deixou Francisco em sobressalto. No entanto, não abundam as informações sobre o seu envolvimento na luta armada: vemo-lo a assinar, em Dezembro de 1973, e ao lado de Manuel Vilaverde Cabral, Fernando Belo, José Mário Branco e Alfredo Margarido, entre outros, um comunicado sobre uma "nova vaga de repressão em Portugal" (in Fernando Pereira Marques, *Uma Nova Concepção de Luta. Materiais para a história da LUAR e da resistência armada em Portugal*, 2016, pp. 191-192) e José Hipólito Santos, crê-se que erroneamente, identifica-o como "ex-padre operário", a par de Joaquim Alberto Simões, dizendo que ambos advogavam uma "parceria" da LUAR com os marxistas-leninistas de Jacinto Rodrigues, graças à qual foi possível realizar, com sucesso, algumas operações conjuntas, como os assaltos aos consulados de Portugal em Roterdão e no Luxemburgo (cf. *Felizmente Houve a LUAR*, 2011, p. 136). Noutra história da LUAR, Luís Vaz não refere o seu nome nas actividades pré-25 de Abril, mas lembra que, em 17 de Maio de 1974, esteve, ao lado de Zeca Afonso e Adriano Correia de Oliveira, na "Festa da Canção Socialista e Revolucionária", realizada no Parque Alameda João de Deus em Faro, onde foi lançado o manifesto daquela força política, e, em 22 de Fevereiro de 1975, abrilhantou o I Congresso da LUAR, em parceria com o eterno Zeca e com Sérgio Godinho [cf. Luís Vaz, *A LUAR: da Operação Covilhã (1968) até à extinção da organização (1976)*, 2023].

Em finais de 1973, no estertor do marcelismo, Fanhais ainda pensou em vir até Portugal, mas a vaga de prisões que se abateu sobre diversos amigos seus, supõe-se que os católicos envolvidos na vigília da Capela do Rato, dissuade-o deste intento.

Por isso, o 25 de Abril apanha-o em França, totalmente surpreso. Telefonou a um amigo, que lhe disse "É pá, não sabes o que se passa em Portugal? Está lá tudo virado do avesso, é uma grande confusão" e mandou-o ligar a rádio. As canções que lá ouviu tranquilizaram-no, não era um golpe da extrema-direita ("não há nenhum fascista que vá escolher as nossas músicas como sinal da sua revolução, não é?"). Regressou às pressas no dia 29 e, no dia 30, pelas seis, sete da manhã, chegou a Vilar Formoso, onde teve logo uma epifania poética: "A estação deserta, ninguém na estação, ninguém autorizado a sair do comboio. Havia só um soldado, com uma espingarda na mão, que andava no cais da estação, batendo os pés para aquecer, que estava frio, para um lado e para o outro, e ali estava eu. A gente abre a janela para respirar pela primeira vez o ar puro do Portugal novo". Com um amigo que conhecera no comboio, esquerdista como ele, decidem meter-se com o soldado, perguntando-lhe baixinho onde é que estavam os pides. O cabo respondeu com maus modos, cheio de vigor revolucionário: "Oh amigo, fale alto porque este agora é um país livre!".



Gosta de ir às escolas, alertar os miúdos sobre o valor da liberdade e pedir-lhes "que estudem e que aproveitem a sua inteligência e a coloquem ao serviço das causas de transformação do país".

Como seria de esperar, mergulhou de cabeça no caldeirão revolucionário, participando nas campanhas de dinamização cultural e num sem-fim de outras iniciativas, sobre as quais, curiosamente, fala pouco, quase nada, talvez porque a recordação das mesmas lhe traga o travo amargo da derrota, quando não do desencanto. Esteve ao lado de Zeca Afonso, sempre, de Adriano Correia de Oliveira, de Vitorino, de José Jorge Letria, de José Barata-Moura, "um grupo de amigos, cúmplices das cantigas, cantávamos em todo o lado", especialmente "onde havia lutas populares que era preciso apoiar, cooperativas que era preciso ajudar". No Norte foi mais difícil, devido à presença da "extrema-direita, com a colaboração activa, militante, como antes do 25 de Abril, de muitos elementos da Igreja". Ainda assim, iam onde lhes pediam, corriam Portugal inteiro, "éramos uns andarilhos". A produção artística ressentiu-se e, quanto a novos discos, limitou-se a gravar o LP *República*, em 1975, obviamente com Zeca Afonso, e apenas editado em Itália (nos Estúdios das Santini Edizioni, uma iniciativa conjunta das organizações Il Manifesto, Lotta Continua e Vanguardia Operaia), que se destinava a apoiar a comissão de trabalhadores do jornal *República* ou, caso este fosse extinto, o secretariado provisório das cooperativas agrícolas de Alcoentre. O disco nunca seria distribuído em Portugal e Fanhais queixa-se que, no pós-25 de Abril, "as editoras estavam interessadas em gravar malta mais nova" (ainda foi a uma reunião numa editora, mas despacharam-no ao fim de um par de minutos). "Nunca mais voltei a gravar e compus muito pouco depois", confessa, atribuindo essa inércia criativa ao "ser preguiçoso" e ao facto de ter ficado "um bocado desanimado com essas primeiras barreiras para voltar a gravar e tive dificuldade em as ultrapassar" (cf. António Pires, *Francisco Fanhais*, 2014, p. 41).

Ao invés de falar do que fez no PREC, Fanhais prefere lembrar as vezes que esteve com o Zeca, ou que honrou a sua memória, como aquela em que, estando o autor de "Grândola" já doente, e após uma festa em sua homenagem, um rapaz se aproximou de Fanhais na estação de Viana do Castelo, e lhe mandou um recado: "diz ao Zeca que ele não morre no coração da malta nova." Chegado a Setúbal, transmitiu a mensagem ao destinatário, ficaram ambos abraçados, obviamente a chorar.

O momento mais pungente, porém, seria o do lendário concerto no Coliseu dos Recreios, em 29 de Janeiro de 1983, organizado pela Cooperativa Era Nova. Na plateia, todos sabiam que o músico estava muito doente, com os amigos temendo que não aguentasse o espectáculo até ao fim. Mas, diz Fanhais, "ele superou-se e foi inesquecível". Houve até um momento único, entre o presságio e a despedida, quando Zeca Afonso, ao cantar a "Balada do Outono", entoou os versos *"água das fontes calai, ó ribeiras chorai, que eu não volto a cantar"* e o Coliseu inteiro ficou suspenso por instantes, num soluço abreviado, ante o poder premonitório do que ouvira.

***

Hoje com 83 anos, pai de dois filhos e de dois netos, "que amo muito", Francisco Fanhais, um homem simples e bom, vive desde 1984 no Alvito, que louva por dispor "de tudo" num raio de 200 metros, os correios, a farmácia, uma mercearia, a câmara, um café, e por ser uma terra onde não existe uma rotunda nem sequer um semáforo ("e espero bem que ninguém se lembre de instalar aqui qualquer dessas coisas, que o desenvolvimento não é isso"). "Uma vida de sossego", resume. Preocupam-no, todavia, as injustiças, os populismos, a opressão das minorias, a ineficácia dos governantes, a escravatura em que vivem os migrantes no Alentejo ("é um escândalo"). Professor de Educação Musical desde 1986, actualmente aposentado, em 1995 foi condecorado por Mário Soares com a Ordem da Liberdade. Preside à Associação José Afonso e diz que, se tivesse apenas uns minutos de vida, a última música que gostaria de cantar era "Grândola". Mantém-se crente, é fã do Papa Francisco, mas desde há muito que deixou de ser padre ("fui-me afastando, fui-me esquecendo, não meti papéis, também não me incomodaram mais e o afastamento, digamos assim, foi mútuo") ainda que na rua continuem a tratá-lo como tal, coisa que não o confrange. Radioso, luminoso, eterno sonhador e poeta, cita um poema de Fernando Assis Pacheco, *"Um homem tem de viver com um pé na Primavera"* para dizer que tem "sempre uma satisfação enorme em falar com a malta nova", contando-lhe a sua experiência de vida. Por isso gosta de ir às escolas, alertar os miúdos sobre o valor da liberdade e pedir-lhes "que estudem e que aproveitem a sua inteligência e a coloquem ao serviço das causas de transformação do país".

Nas últimas eleições legislativas, o Chega foi a segunda força política mais votada no concelho de Alvito, com 24,82% dos votos. A coligação PCP-PEV ficou em quarto lugar, com 13,06% dos votos, e o BE teve 6,81%.

Para o meu amigo Rui Carlos Pereira, que me sugeriu esta crónica.

*Prova de vida (49) faz parte de uma série de perfis

Historiador. Escreve de acordo com a antiga ortografia.



Entre as imagens
João Lopes

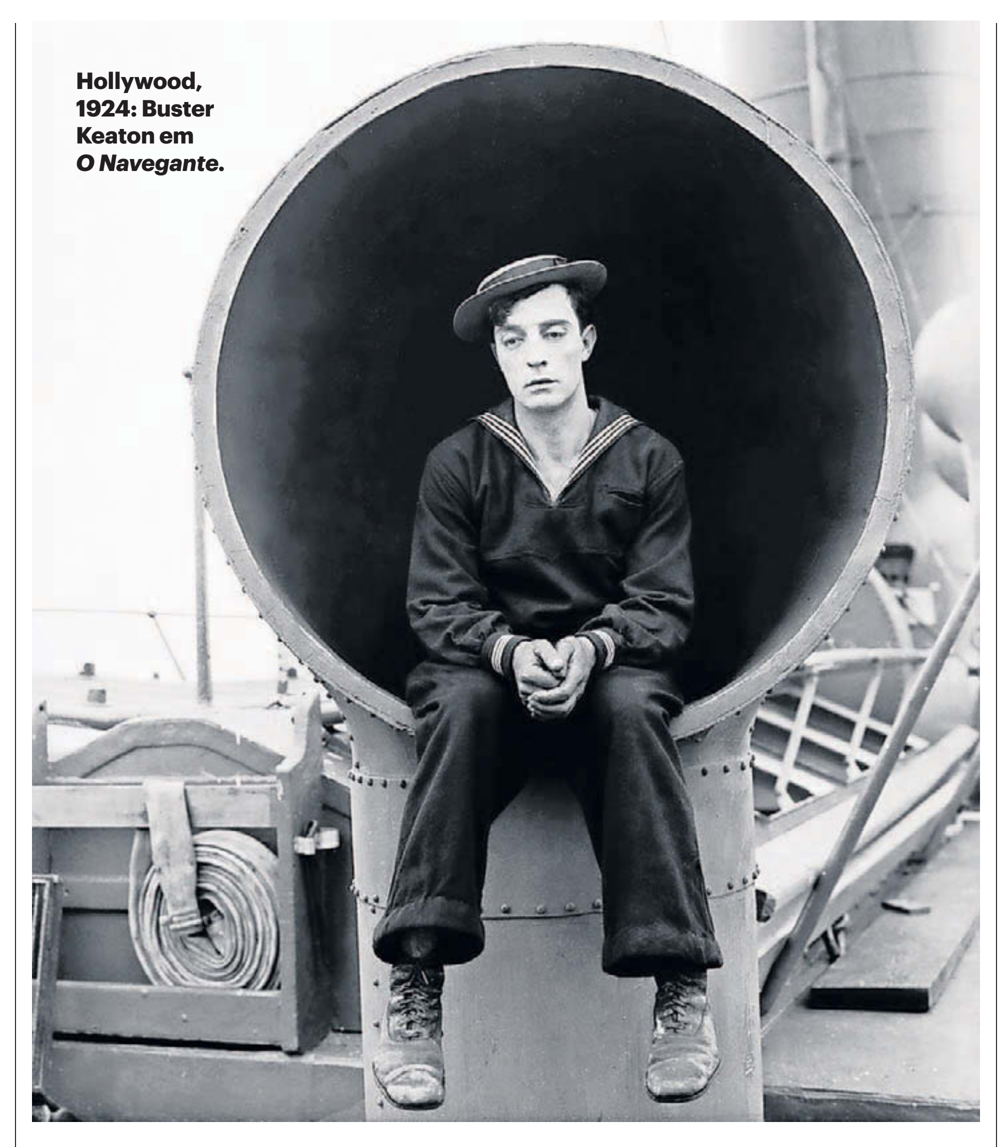
Aristóteles em Hollywood

David Mamet (76 anos) nunca irá parar de ajustar contas com Hollywood — a memória das suas aventuras e desventuras na "fábrica de sonhos" é mesmo um dos seus desportos preferidos. Vindo do teatro, estreou-se no cinema com o argumento de *O Carteiro Toca Sempre Duas Vezes* (1981), com Jack Nicholson e Jessica Lange dirigidos por Bob Rafelson. Logo a seguir, *O Veredicto* (1982), de Sidney Lumet, valeu-lhe uma primeira nomeação para o Óscar de Melhor Argumento Adaptado, proeza que repetiria com *Manobras na Casa Branca* (1997), de Barry Levinson. Estreou-se na realização com o prodigioso *Jogo Fatal* (1987), iniciando uma filmografia pessoal em que podemos encontrar títulos tão admiráveis como *As Coisas Mudam* (1988) ou *O Golpe* (2001), desembocando no telefilme *Phil Spector* (2013), com Al Pacino e Helen Mirren.

Como ele reconhece, são momentos de um trabalho feliz e gratificante, ainda que pontuado por muitos conflitos (e despedimentos) resultantes de uma guerra interminável com alguns executivos, alheios a qualquer interesse pelo cinema, que lhe apareceram pelo caminho. O livro mais recente de Mamet — *Everywhere an Oink Oink* (Simon & Schuster, Nova Iorque, dez. 2023) — é uma antologia amarga e doce de tais conflitos, mas sobretudo uma celebração de um amor genuíno pelo cinema que passa pela exigência da escrita e pela cumplicidade com os atores.

O "*oink oink*" do título é para ser tomado à letra: um grunhido de porcos. Não os simpáticos animaizinhos gorduchos, mas os "suínos" que exploram a candura humana. Eis a metáfora: "Todos sabemos que os nossos verdadeiros adversários são os suínos que se aproveitam da nossa boa natureza feita estupidez. Defendemo-nos contra as ameaças óbvias, mas os agressores estudam-nos para atacarem os nossos pontos sem defesa. É lógico."

Para ilustrar a sua revolta, tecida de ironia e sarcasmo, Mamet recheou o livro com *cartoons* de sua autoria e múltiplas anedotas dos bastidores de Hollywood. Através dos primeiros, ficamos a saber que a carreira de desenhador ou pintor não seria a sua vocação. De resto, podemos deliciar-nos com as peripécias mais ou menos insólitas, por vezes discretamente obscenas, de atribulações vividas por Frank Sinatra, Don Ameche, Marlene Dietrich, Henry Fonda ou Jessica Lange… Há momentos em que a crueldade tem o seu quê de masoquista. Leia-se a anedota que encima as informações da contracapa: "Uma visita importante chega a Hollywood e pede aos estúdios que lhe mandem uma prostituta de mil dólares — enviam-lhe um argumentista."

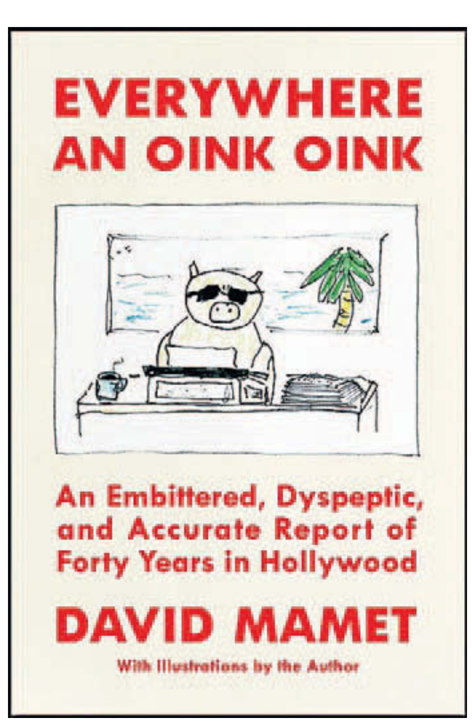


Hollywood, 1924: Buster Keaton em *O Navegante*.

Dito isto, não nos enganemos com as aparências. Tal como o teatro e o cinema de Mamet, *Everywhere an Oink Oink* envolve uma entrega total às artes narrativas, ou não fosse ele um profissional que se define como um "estudioso da linguagem". Daí as múltiplas tomadas de posição contra a futilidade do "politicamente correto" e, em particular, contra a cultura pueril da "diversidade". Fiquemos por uma das mais contundentes (incluindo as respetivas maiúsculas): "Os dramas sobre 'Doenças' foram substituídos pela pornografia da 'Diversidade'. Em ambos os casos, viola-se a máxima de Aristóteles segundo a qual a trajetória do Herói deve decorrer das suas *escolhas*, nunca da sua *condição*."



David Mamet escreveu um livro de memórias: contra o 'politicamente correto', sempre em nome do amor pelo cinema."



Ficamos a saber, por exemplo, que Mamet guarda uma memória muito sentida da dedicação ao trabalho de Val Kilmer, numa altura em que o ator, em fase de decadência industrial, com ele rodou esse notável *thriller* político que é *Spartan* (2004). Porventura surpresos, compreendemos também que a precisão visual dos seu cinema o leve a considerar que "há poucos diálogos nos filmes que sejam significativos" (ele que escreveu alguns dos mais sofisticados diálogos do teatro e do cinema americano da segunda metade do século XX). Evocando, uma vez mais, as lições de Aristóteles, Mamet recorda que o final de uma narrativa deve ser ao mesmo tempo "surpreendente e inevitável". Mais do que isso, para Mamet o mestre absoluto de tudo isso pertence aos tempos gloriosos do burlesco e do cinema mudo. A saber: Buster Keaton.

Jornalista

Diario de Noticias

FESTEJOS

Pelos pobrezinhos de Portugal

FESTA DA RAÇA

A SEMANA GAMONEANA

O CERCO

UM GOLPE

O DN DE HÁ CEM ANOS

AS NOTÍCIAS DE 9 DE JUNHO DE 1924 PARA LER HOJE

ARQUIVO DN **CRISTINA CAVACO**, **LUÍS MATIAS** E **SARA GUERRA**

O FIM DE UM CONFLITO

O CERCO

ao Campo da Amadora

Os majores Francisco Aragão e Cifka Duarte esclarecem o "Diario de Noticias" sobre as circunstancias em que se fez a rendição

OS PRESOS DE S. JULIÃO DA BARRA

Ontem estivemos no quartel general e no ministerio da Guerra a pedir autorização para visitar os aviadores militares que se encontram encarcerados na fortaleza de S. Julião da Barra, autorização que não nos foi concedida.

Como soubessemos, porém, que os oficiais aviadores estavam recebendo a visita de suas familias, seguimos para ali. Os portões da fortaleza estavam fechados. Batendo, apareceu-nos um soldado a espreitar por um dos orificios do portão.

— Que deseja? — inquiriu.

— Sou primo do major Cifka Duarte.

— Não é dos jornais?

— Não, senhor.

O soldado apresentou-nos em seguida ao sargento da guarda, o qual, por sua vez, nos levou á presença do oficial de dia, que estava conversando com o tenente Pinheiro Correia. Seguimos para o quarto dos oficiais onde se encontra grande numero de camas alinhadas. Cifka Duarte, passeiava dum lado para o outro sorridente, calmo e sereno.

Interrogámo-lo:

— Porque se renderam os oficiais aviadores?

—Não! Não! Jurei que não concederia entrevistas. Peço lhe que tenha em consideração o meu juramento.

—Mas esse juramento é ineconciliavel com a promessa que v. ex.ª me fez ontem?...»

Cifka Duarte reflecte e hesita. Depois:

—Não me obrigue a cometer um sacrilegio...

—Mas a «sua promessa»?

—Quere então saber as razões que levaram os oficiais aviadores a render-se?

—Exactamente—respondemos com disfarçado alvoroço.

—Muito antes da rendição sabiamos que as tropas que nos cercavam, na sua quasi totalidade, não nos queriam atacar, e que o unico motivo que ali as conservava era a obediencia aos seus superiores. Só em cumprimento de ordens do governo ali se encontravam.

—Foi essa a razão porque se renderam?

—Devagar! devagar! O nosso acto de rebeldia era a resposta que poderiamos dar á violencia. O general comandante das tropas sitiantes, «doublée» de militar modelo e de perfeito homem de bem procurou-nos á frente dum numeroso grupo de oficiais e, assumindo a atitude que ele como raros sabe assumir, falou ao nosso sentimento.

Como falou aos revoltosos o comandante da divisão

—O que disse o general?

—Não desejo exagerar, traduzindo as suas por palavras minhas. Vou repetir com precisão algumas das que proferiu: «Estamos aqui para prestar homenagem aos aviadores. Venho pedir-lhes que acabem de vez com este conflito que pode trazer consequencias graves para a vida nacional.

—Quando um chefe como o general sr. Bernardo de Faria se expressa nesses termos.... comentámos.

—Só podiamos ter uma resposta.

—Essa resposta?

—Entregarmo-nos incondicionalmente a s. ex.ª, embora, hoje como ontem e como sempre, pensemos que o decreto é inconstitucional e que tinhamos o direito e o dever de resistir ao ministro da Guerra, com quem continuamos em absoluto desacordo.

—Qual o estado moral dos aviadores?

—Os oficiais aviadores estão todos em espirito absolutamente unidos.

—O que pensam os seus camaradas das outras armas?

—Estão tambem unidos a todos os oficiais da guarnição a quem estimam e cujas qualidades reconhecem.

"Se fizerem fogo, só desejo que a primeira bala me acerte"

Depois os oficiais aviadores sabem que vieram das outras armas e que por assim dizer, a elas pertencem; porquanto ainda não estão constituidos em arma especial.

«E o acto do sr. comandante da Divisão, desarmado, dizendo á frente dos oficiais que o acompanhavam: «Nós vamos avançar. Não sei se farão fogo contra nós. Se o fizerem continuamos a avançar e neste caso só desejo que a primeira bala me acerte e me mate», este acto, ia dizendo, tão diferente da comodidade de um decreto ilegal, mandado publicar em O. E., tinha forçosamente de modificar a nossa atitude.

—E modifica-a...?

—Sua Ex.ª o general Bernardo de Faria e os nossos outros camaradas, cuja lealdade sempre relembraremos, abraçaram-nos, e a sua generosidade ainda soube encontrar, mais uma vez, o caminho do nosso coração, compreendendo a nossa atitude. Ficaram bem vincadas nas nossas almas as suas ultimas palavras.

—Que foram...?

—«E' preciso a um oficial ainda mais coragem para se entregar, do que para se matar».

—Não ha duvida que foi dificil a entrega dos oficiais...

—Porque tinhamos esperado morrer; mas o chefe que nos falou, tudo modificou.

O comandante Cifka Duarte suspende por segundos a conversa com um suspiro bem fundo.

Continuando:

—Ele caminhou com oficiais; tratou militares como homens; não se lembrou de estabelecer a hipotese de que fazer desempenhar tal cargo por crianças... No seu espirito nunca passou a sombra de desprimor para outrem.

(Continúa na 2.ª pagina)



Cifka Duarte

VISITAS REGIAS

OS REIS DA ITALIA

chegam a Madrid sendo imponente a sua recepção

MADRID, 8.—A chegada dos reis de Italia a esta capital foi brilhantissima. Desde as 8 horas da manhã milhares de pessoas convergiam de todos os pontos da cidade para as ruas por onde havia de passar o cortejo real. As tropas saindo dos seus quarteis, com os uniformes de grande gala, ainda mais animavam a multidão que se comprimia cada vez mais, contida pelos regimentos formados em parada, por grandes forças de policia e guarda civil, envergando tambem os seus uniformes de grande gala.

O entusiasmo redobrou ao passar a comitiva regia espanhola, que era precedida por uma brilhante escolta. D. Afonso XIII trajava o uniforme de grande gala de capitão general, tendo ao peito o colar de Carlos III. A rainha Vitoria vestia de gris claro com um chapeu da mesma côr e o principe das Asturias apresentava-se fardado de alferes do Regimento do Rei.

Ao chegar á estação suas majestades eram aguardadas pela côrte, por todas as autoridades civis, militares e eclesiasticas.

Pouco depois o combolo real conduzindo os reis de Italia entrava nas agulhas da estação. Os soberanos italianos desceram imediatamente, estando junto da sua carruagem a familia real espanhola. Os dois monarcas abraçaram-se e as rainhas beijaram-se, apresentando seguidamente os seus respectivos filhos. Entretanto eram prestadas as devidas honras militares pelo regimento de Saboia, ao mesmo tempo que todas as pessoas que se encontravam na estação irrompiam em calorosos vivas á Italia e á Espanha.

Organizou-se seguidamente o cortejo real em direcção ao Palacio, continuando as entusiasticas aclamações, agora feitas pela imensa multidão que estacionava ao longo do percurso.

As aclamações repetiram-se de tal forma diante do Palacio que os soberanos tiveram de chegar a uma das janelas, atingindo nesse momento um perfeito delirio.

No jantar de gala os soberanos de Espanha e de Italia trocaram brindes inspirados nos sentimentos de afectuosa solidariedade e de afinidade italo-espanhol. Depois do banquete realizou-se uma recepção a que assistiu toda a alta aristocracia madrilena.

O aspecto de Madrid é deslumbrante, apresentando-se as ruas e as casas engalanadas, e é extremamente dificil arranjar qualquer alojamento, pois tudo se acha ocupado pelas inumeras pessoas que de todas as provincias de Espanha vieram á capital assistir ás festas em honra dos reis de Italia.

As ruas acham-se constantemente cheias de gente, sendo o entusiasmo indiscritivel.—L.

Uma movimentada espera de touros

Os animais tresmalharam-se, derrubando algumas pessoas

SANTAREM, 8.—A entrada do curro de touros de Santos Jorge para a praça desta cidade, foi uma fuga em fórma. Alguns milhares de pessoas aguardavam no Campo Sá da Bandeira a entrada dos touros, mas estes, ao transporem o vasto campo, tomaram pela estrada e, já proximo da porta do carro do seminario, fugiram na direcção do quartel de artelharia 3, dando a volta ao passeio da Republica.

Novamente no Campo Sá da Bandeira, no meio de grandes correrias e atrapalhações, os touros seguiram Campo abaixo em direcção ás pastagens.

O trabalhador Jesuino Frazão, da Ribeira de Santarem, foi derrubado pelo cavalo dum campino que marchava na cabeça dos touros e, perdendo os sentidos, foi conduzido num carro ao hospital, onde o pensaram dum ferimento na orelha esquerda e duma contusão com ferimento na testa.

Entre o hospital e a rua de S. Lazaro foi preso pelo cabo Mamede, um velhote que se metera no meio dos touros para os espantar, vindo eles na ponta da unha. O curro é composto de touros corpulentos e gordos, denotando bravura.

Um touro morto por outro

Os touros deram entrada na praça ás 5 e meia da manhã. O touro que vai abrir a corrida matou um dos companheiros á embolação, fracturando-lhe a espinha com uma marrada. Teve que ser sangrado na Praça, devendo a carne ser vendida amanhã. O animal, ao vêr o seu adversario em terra, ainda lhe saltou em cima, pisando-o.

A TRIPULAÇÃO do "Republica"

Uma noticia sem fundamento

Com o pedido de publicação, recebemos do cpitão de fragata sr. Quirino da Fonseca, comandante do cruzador «Republica», a seguinte carta:

Sr. Director do «Diario de Noticias»—Chamaram-me a atenção para a noticia de um jornal da noite de 7 do corrente, envolvendo um injusto descredito para a guarnição do cruzador «Republica», que tenho a honra de comandar, e até para a corporação da Armada, pois se dava publicidade á inexacta e despropositada informação de que «a marinhagem do mesmo cruzador estava revoltada, recusando-se a seguir viagem».

As autoridades competentes, sabedoras desta noticia (que tão levianamente se faz correr, melindrando uma tripulação briosa e alarmando a opinião publica) decerto procederão como o facto reclama. Todavia, solicitava de v. o obsequio de tornar conhecida a seguinte peremptoria declaração:

Não só a marinhagem do cruzador «Republica», mas todos os seus tripulantes, oficiais, sargentos e praças de marinhagem, sem uma unica excepção, teem dado, sob o meu comando, e em especial na hora complicada que atravessamos, um constante e louvavel exemplo de disciplina e fidelidade aos seus superiores, revelando, até, uma inquebrantavel dedicação no desempenho das ordens que legitamente recebemos.

Os registos disciplinares de bordo, respondendo pela veracidade desta afirmação, tambem são titulos de muita honra para o marinheiro português.

Assim procedendo, estou certo de que a guarnição do cruzador «Republica» simplesmente desejará permanecer alheia, e mesmo esquecido, dos agitadores da politica e dos informadores tendenciosos.

Subscrevo-me com elevada consideração; de v. etc. Quirino da Fonseca, capitão de fragata.



FINANÇAS PUBLICAS

UM GOLPE

vibrado no credito da divida externa portuguesa

A redução de encargos

Analisa-se o ultimo decreto do sr. ministro das Finanças

No «Diario do Governo» de quarta-feira passada saiu o decreto que determina a redução dos encargos da divida externa portuguesa.

Em que bases é preceituada tal redução? Nestas:

a) Pagamento em escudos, ao cambio Lisboa sobre Londres de 2 3/8, a começar no proximo vencimento (1 de Julho) dos juros e amortizações dos titulos possuidos por portugueses e estrangeiros domiciliados em Portugal;

b) Continuação do pagamento em moeda estrangeira nos termos contratuais do convenio de 1902, dos encargos dos titulos possuidos por estrangeiros;

c) Distinção, por meio de carimbos a afixar por delegados do tesouro em Londres e em Paris, dos titulos dos quais fica assegurado o privilegio da continuação do pagamento indicado na alinea anterior;

d) Ampliação dos titulos que estejam ou venham a estar na posse da fazenda nacional, aos titulos que constituem o fundo de amortização e reserva existentes no Banco de Portugal e o fundo de reserva da Caixa Geral de Depositos, do privilegio assegurado aos titulos possuidos por estrangeiros.

O decreto não pode classificar-se como medida de salvação publica

Medida de salvação publica—chama o sr. ministro das Finanças áquele decreto! Mas para assim se poder denominar um decreto qualquer, não basta que o sr. ministro das Finanças, empiricamente, como tal o proclame. Não basta, mesmo, que tal decreto seja inspirado na ansia de melhor servir a Patria, no desejo de que, por ela, façam, os seus filhos, os mais nobres e dolorosos sacrificios.

Não: para um decreto se apresentar sob tão superior classificação, indispensavel se torna que surja inteiramente revestido de perfeitas caracteristicas morais, de caracteristicas pura e inviolavelmente atinentes a manter todos os atributos de beleza que um sacrificio jámais deve deixar de encerrar; indispensavel é, sobretudo, que nós todos, filhos da mesma Patria, que nos prezamos, de numa labuta incessante e com objectivos rectilineos, nela consumir todas as horas da nossa vida; que nós todos, os que trabalhamos, solidaria e colectivamente, tenhamos, da utilidade e da oportunidade desse sacrificio, a mais perfeita e sincera convicção.

Verificam-se semelhantes condições, no decreto de quarta-feira ultima? Não se verificam. Serena, desinteressadamente, sem paixões de especie alguma, temos de reconhecer que não; que, infelizmente, o decreto, nem é moral, nem é util, nem é oportuno; que não é, portanto, que está muito longe de ser—uma medida de salvação publica.

Medida de salvação publica—é um nome sagrado de mais para que possamos torná-lo extensivo a quaisquer simples providencias destinadas a diminuir os compromissos financeiros do Estado. Pelo contrario, quando, como agora, tais medidas surgem apenas sob o exclusivo e estreito ponto de vista de um momentaneo arranjo de contas; quando revelam, como esta agora revela, o mais completo esquecimento, a mais absoluta falta de visão dos seus efeitos, das suas consequencias de ordem interna e externa, tais medidas longe de se poderem apresentar como de salvação publica, devem, antes, ser consideradas como perigosas e desastradas, como expedientes que ainda mais aviltam e arruinam o delicado credito da Nação.

E outro fim com efeito, não tem o decreto, que não seja o arranjo de contas necessario para a conquista do equilibrio orçamental. Arranjo de contas, porém, que se faça, assim, á custa de meros artificios, de forçadas e injustas medidas, brigando flagrantemente, com as disposições do codigo de moral e de justiça da época em que vivemos—nunca pode ser um arranjo solido, um arranjo capaz de resistir ás feridas e aos clamôres da consciencia publica.

Sim, se eu amanhã, para equilibrar o balanço duma casa a meu cargo; se eu amanhã, absorvido apenas por essa face do problema e sem vêr ou sem querer vêr as suas outras faces; sem ponderar a natureza das minhas responsabilidades, sem demonstrar até que resultados praticos é capaz de chegar a austeridade do meu esforço administrativo e saneador; se eu amanhã começar arbitrariamente a reduzir as verbas do meu passivo e a declarar categoricamente que só essas reduzidas verbas pagarei: —poderei fazer, quando muito, uma dança e uma gimnastica de algarismos, nunca, porém, um equilibrado e sistematico arranjo de contas.

E contas que resultem, assim, de tão artificiais arranjos e diminuam, por consequencia, o estructural credito do organismo a que dizem respeito, não são contas equilibradas: são contas desmoralizadas, são contas das quais o dever e a obrigatoriedade se desassociaram.

E' assim, seguindo por tão obscuros e torturosos caminhos que uma casa se enfraquece e se desconceitua. E' assim, semelhantemente, na mais completa inobservancia das regras que o Estado, aliás, deve ser o primeiro a prestigiar e a exemplificar; é assim que esse Estado se desautoriza perante a Nação; e a Nação é, ao mesmo tempo, arrastada pelo Estado para as inferiores posições da escala que gradua o credito internacional.

E' este o significado do decreto visto no seu conjunto. Mas se, do seu conjunto, passarmos a apreciá-lo nas suas particularidades, aquele significado, longe de sofrer as menores atenuantes, torna-se, pelo contrario, mais iniludivel e mais carregado nas suas tristes côres.

Guerra aberta do Estado á Nação

Pagamento dos encargos em escudo ao cambio Lisboa sobre Londres de 2 3/8.

E logo ressalta desse preceito o espirito com que o decreto foi elaborado, de luta, de guerra aberta do Estado á nação, de desprezo pela necessaria concordancia de interesses dessas duas entidades.

Compreendia-se, enfim—e a hipotese não me repugna—, que o governo fixasse em escudos o pagamento daqueles seus encargos-ouro; mas quando? Quando criadas tivessem as condições de estabilização do cambio; quando essas condições fossem de forma a garantir que o cambio não pioraria. Quando o Estado tivesse finalmente, e duma vez para sempre, posto ponto na prodigalidade das suas despesas; quando o Estado absoluta e iniludivelmente reformasse tudo o que hoje está ainda a importar, diariamente, em seu favor, em incessantes e volumosos acrescimos fiduciarios.

Ora, desde que assim não acontece, desde que o Estado continua, pelo contrario, impenitente e incorrigivelmente, a utilizar a circulação de notas para a reprovada politica das cambiais de exportação, e para saldar os interminaveis saldos da sua tesouraria; desde que ele continua, sem interrupção, a sua nefasta obra depreciativa da moeda nacional—com que direito ha-de o Estado limitar, por um lado, a uma determinada quantidade dessa moeda, os debitos que, em ouro, recebeu e se obrigou a reembolsar, se ele continua, por outro lado, permanente e velozmente a diminuir o poder comprador daquela mesma

“Vivemos a situação mais grave na Europa nos últimos 30 anos”

MENSAGEM Presidente da República pede aos portugueses que usem o voto como arma de liberdade, de democracia e paz – “arma que não existia até 1974”.

TEXTO **ARTUR CASSIANO**

“No passado, temos ligado de menos a estas eleições que, no entanto, sendo sobre a Europa, são também sobre Portugal, sobre nós próprios: a nossa democracia, as nossas condições de vida, a nossa circulação, as nossas comunidades na Europa”, afirmou ontem Marcelo Rebelo de Sousa, numa comunicação ao país a partir do Castelo de Leiria, a propósito das Eleições Europeias de domingo.

O Presidente da República pediu aos eleitores que participem nas Europeias usando o voto como arma de liberdade, democracia e de paz, considerando que a Europa vive a situação mais grave dos últimos 30 anos.

“Portugueses: vale a pena, desta vez ainda mais do que nunca, mostrar que o voto é uma arma de liberdade, uma arma de democracia, uma arma de paz. A arma que não existia até 1974”, sublinhou.

Neste momento, acentuou, “o que está em causa é uma guerra” em território europeu, na Ucrânia, “os seus efeitos e a urgência de garantir o mais rapidamente possível que seja ultrapassado” esse conflito.

“Agora, não votar é metermos a cabeça na areia, é perdermos por falta de comparência, em vez de dizermos o que queremos, de darmos mais força aos nossos representantes na Europa, de darmos mais força à Europa no mundo”, apelou.

Segundo o chefe de Estado, “em 2019 acreditava-se que tudo podia ser mais rápido no crescimento contínuo das economias e na muito maior Justiça Social, corrigindo as desigualdades em que perdem as pessoas no seu dia a dia – e perdem sempre os mais pobres, dependentes e frágeis”.

“Vivemos o que sabemos ser a situação mais grave na Europa nos últimos 30 anos”, considerou.

O Presidente da República defendeu que ir votar “é mais importante, é mais necessário, é mais urgente do que nunca”. **Com LUSA**

Macron e Biden brindam à democracia

A visita de Estado de Joe Biden a França terminou com um banquete no Eliseu, altura em que o presidente dos EUA brindou com a mulher Jill e com Emmanuel e Brigitte Macron à amizade de ambos os países. “Que continuemos a defender a democracia e que nos mantenhamos sempre unidos”, augurou o democrata. Antes, e num tom menos festivo, Biden voltou a apontar para o perigo de uma vitória russa na Ucrânia. “Não se trata apenas da Ucrânia. Toda a Europa será ameaçada. Não vamos deixar que isso aconteça. Não vamos virar as costas”, assegurou o norte-americano.


SAUL LOEB / AFP

BREVES

Ministra da Saúde já teve alta após acidente de viação

A ministra da Saúde teve ontem alta hospitalar, após ter estado em observação e realizado exames na sequência do acidente de viação que sofreu na sexta-feira, informou a Unidade Local de Saúde de Lisboa Ocidental. Após este acidente, foram internados no Hospital São Francisco Xavier, em Lisboa, a ministra Ana Paula Martins e outros dois elementos, os quais já tinham tido alta hospitalar. A ministra da Saúde “apresentava um quadro de traumatismo ao nível dos membros superior e inferior, o que condicionou um período mais prolongado de observação em contexto hospitalar”, adiantou a mesma nota enviada à Lusa. O acidente ocorreu na A10, perto do Sobral de Monte Agraço, Distrito de Lisboa, e não envolveu mais nenhuma viatura. A ministra acabou por ser transportada para o hospital no carro que seguia atrás, onde viajava a secretária de Estado da Gestão da Saúde, Cristina Vaz Tomé. Segundo fonte do gabinete da ministra da Saúde, a governante regressava de uma cerimónia de assinatura de contratos no âmbito do PRR relativos à construção e requalificação de centros de saúde em Coimbra quando ocorreu o acidente por volta das 19.00 horas.

“Abalada”, mas bem, diz PM da Dinamarca após agressão

A primeira-ministra dinamarquesa disse estar bem, embora “abalada”, após ter sido agredida por um homem na sexta-feira, em Copenhaga. “Estou triste e abalada pelo incidente de ontem, mas fora isso estou bem”, declarou Mette Frederiksen, numa mensagem no Instagram, tendo acrescentado que precisa de paz e de tranquilidade. Mette Frederiksen cancelou os compromissos de ontem depois de a agressão ter provocado “uma ligeira entorse cervical”, indicou o seu gabinete, em resultado dos exames a que foi sujeita num hospital da capital dinamarquesa. Segundo duas testemunhas ouvidas pelo diário *B.T.*, um homem que caminhava na direção oposta da primeira-ministra empurrou-a com força no ombro, o que a fez cambalear, mas não cair. O suspeito, de 39 anos, foi detido no local e encontra-se em prisão preventiva até dia 20 depois de ouvido por um juiz. O indivíduo é um cidadão polaco residente na Dinamarca que estava embriagado e sob efeito de drogas quando foi detido. Foi acusado de agressão a um funcionário público, mas negou as acusações durante a audiência. Este incidente – que a polícia não crê ter motivações políticas – é o mais recente caso de violência dirigida a políticos na Europa, sendo o caso mais grave a tentativa de homicídio do primeiro-ministro eslovaco Robert Fico.



Conselho de Administração - Marco Belo Galinha (Presidente), Kevin King Lun Ho, António Mendes Ferreira, Victor Santos Menezes, Vitor Manuel Coutinho, Diogo Queiroz de Andrade, Rui Costa Rodrigues, José Pedro Soeiro e Mafalda Campos Forte **Direção interina** Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Data Protection Officer** António Santos **Propriedade** Global Notícias Media Group, SA; Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Almada. Capital social: 9 309 016,95 euros. NIPC: 502535369. Proprietário e editor: Rua Gonçalo Cristóvão,195-219 – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100. Fax: 222 096 200 Redação: Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 3.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 501 **Marketing e Comunicação** Carla Ascenção **Direção Comercial** Pedro Veiga Fernandes **Detentores de 5% ou mais do capital da empresa:** Páginas Civilizadas, Lda. – 41,51%, KNJ Global Holdings Limited – 29,35%, José Pedro Carvalho Reis Soeiro – 20,40%, Grandes Notícias, Lda. – 8,74% **Impressão** Gráfica Funchalense (Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição, 50, Morelena – 2715-029 Pero Pinheiro); Naveprinter (EN, 14 (km 7,05) – Lugar da Pinta, 4471-909 Maia) **Distribuição** VASP; Registado na ERC com o n.º 101326. **Depósito legal** 121 052/98 **Assinaturas** 219249999 Dias uteis das 8h às 18h E.mail: apoiocliente@dn.pt



